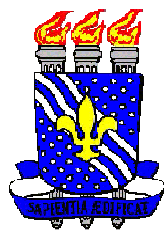


Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Linguística

**A DÊIXIS PESSOAL NAS INTERAÇÕES MÃE-BEBÊ:
A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NO PROCESSO DE
ENUNCIAÇÃO**

João Pessoa – PB
Novembro / 2009



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Linguística
Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística
Mestrado em Linguística

**A DÊIXIS PESSOAL NAS INTERAÇÕES MÃE-BEBÊ:
A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NO PROCESSO DE ENUNCIÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em cumprimento às exigências para obtenção do grau de mestre em Linguística.

Mestrando: José Temístocles Ferreira Júnior

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marianne C. B. Cavalcante

João Pessoa – PB
Novembro / 2009

F383d Ferreira Junior, José Temístocles.

A dêixis pessoal nas interações mãe-bebê: a constituição do sujeito no processo de enunciação / José Temístocles Ferreira Junior. -- João Pessoa: [s.n.], 2009.

90 f.: il.

Orientadora: Marianne C. B. Cavalcante.

Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA.

1. Lingüística. 2.Dêixis pessoal. 3.Aquisição da linguagem.
4.Constituição subjetiva.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

José Temístocles Ferreira Júnior

A DÊIXIS PESSOAL NAS INTERAÇÕES MÃE-BEBÊ:
A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NO PROCESSO DE ENUNCIAÇÃO

DISSERTAÇÃO apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal da Paraíba, na área de concentração “Teoria e Análise Lingüística”, na linha de pesquisa “Aquisição e Processamento da Linguagem”, como requisito institucional para obtenção do título de MESTRE EM LINGÜÍSTICA.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Marianne C. B. Cavalcante
(Orientadora – UFPB)

Prof.^a Dr.^a Evangelina M. B. de Faria
(Examinadora – UFPB)

Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Vilar de Melo
(Examinadora – UNICAP)

Dedico:

- *Aos meus pais, Rilma B. Sales e José Temístocles Ferreira, pessoas diletas e de muita grandeza, que me deram os maiores bens que poderiam me dar: a educação e vontade de lutar e vencer.*
- *De uma maneira muito especial, à minha mãe, mulher de força e coragem que, mesmo tendo perdido o marido muito cedo, lutou para que eu me formasse e para que tivéssemos uma vida melhor. A ela serei sempre grato pelos ensinamentos, pelo amparo, pelo amor e pela presença.*
- *Ao meu pai (in memoriam), cujo maior sonho era me ver formado e que, por alguma razão, não viu esse sonho se realizar. Guardo com muito carinho e saudade sua imagem em minha vida.*
- *Às minhas irmãs, Bárbara e Juliana, a quem tanto amo e por quem tanto prezo, e aos meus sobrinhos, Bhrendon, Réberson, Rafael, Douglas e Gabriel.*
- *A Natanael Duarte, meu companheiro, pessoa íntegra e diletta, que sempre me tranqüiliza e me conforta.*

Agradecimentos

Uma dissertação, assim como todo ato enunciativo, carrega consigo a presença constitutiva (e nem sempre marcada) de diversas trocas enunciativas; trocas sem as quais não teria se dado a concretização desse trabalho. Devo (e quero), então, agradecer a algumas das muitas pessoas que fizeram parte, direta ou indiretamente, da realização desse projeto e/ou de minha constituição como sujeito:

- Ao Senhor Nosso Deus, àquele que me deu forças e me ajudou a seguir em momentos tão difíceis;
- À prof.^a Marianne Cavalcante, minha orientadora, que sempre teve muita paciência comigo e me inseriu na Lingüística, na Aquisição da Linguagem e na Academia, de uma maneira muito especial, tal como uma mãe insere a seu filho no sistema da linguagem, falando-me, por vezes, como quem fala em manhês e discutindo comigo, de forma muito simples, questões muito complexas. A você, Marianne, sou grato sempre!
- A Natanael Duarte, exemplo de coragem, responsabilidade e persistência, dentro e fora da academia;
- De uma forma muito especial, ao prof. Valdir Flores, grande parceiro enunciativo, que leu meu trabalho com seu olhar crítico e atento, e me mostrou outras possibilidades no campo da Enunciação; sou grato e fico muito honrado pela maneira como se mostrou acessível e pelo grande amigo que demonstrou ser.
- À prof.^a Evangelina, uma das melhores professoras de Língua Portuguesa que tive, por ter acompanhado meu crescimento na academia, por suas contribuições no meu exame de qualificação e por ter me apresentado à Marianne;
- À prof.^a Ester Scarpa, pessoa incrivelmente acessível, por seu olhar perspicaz e por suas contribuições em minha banca de qualificação;
- À prof.^a Mônica Nóbrega, por ter me apresentado, de uma maneira muito especial, à Lingüística e ao prof. Valdir Flores. E por ter participado de grandes momentos de minha vida acadêmica e pessoal;
- À Ina, grande amiga e irmã, que riu e chorou comigo em tantos momentos e que me ajudou de tantas formas;
- A Neilson, pessoa em quem tenho plena confiança na Lingüística e fora dela, “o menino dos olhos de Evangelina”, que sempre troca comigo enunciações diversas e incessantes;
- À Janaína, grande irmã-amiga, que sempre está disposta a me ouvir e faz a vida parecer tão simples;
- À Rosilene, amiga de boas conversas e grandes risadas;
- A Scoth, amigo de Natanael, que se tornou meu amigo também, pelo incentivo, pela ajuda (principalmente com os gráficos apresentados nessa dissertação) e por tantos momentos juntos; E a Lindolfo também, pelas mesmas razões;
- A Gualberto, pelas conversas intensas e pelas viagens teóricas. E pelos abstracts também;
- Aos amigos recém chegados: Charlie, Eny, Sérvulo, Manuela, Silvânia e Léo, pelos momentos felizes que temos compartilhado;

- À Alessandra, grande amiga dos tempos de graduação, pelas conversas sem fim e pelos momentos que passamos juntos;
- À Sandra, minha irmã, pessoa que acompanhou meu caminho e se tornou parte dele;
- À Helenisa pelo incentivo e pela presença amiga;
- Aos amigos do Lafe, especialmente, dona Miriam, Eliana, Jaqueline, Paulo, professora Eneida, Eliza, Janaíne, Simone, Irlane, Amanda, Andressa e Moacir;
- À prof.^a Regina Celi, coordenadora do PROLING, com quem tive a honra de estudar e que me ensinou muito sobre metodologia científica;
- Às grandes amigas e parceiras Patrícia, Márcia, Izabel e Lara, com quem troco experiências e momentos de boa conversa;
- À professora Ester Vieira, pelas discussões produtivas e pelas observações pertinentes na leitura do meu artigo;
- À professora Fátima Vilar de Melo, por ter participado de minha banca de defesa e pela leitura atenta do meu trabalho;
- Aos funcionários do PROLING, Vera e Valberto, pela disposição e pela competência com que sempre me atenderam;
- À CAPES, pelo auxílio com bolsa que me foi concedida;
- A todos que, de alguma forma, fizeram e fazem parte desse trabalho: meus sinceros agradecimentos!

"Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o Outro."

Mário de Sá-Carneiro

RESUMO:

A enunciação da dêixis pessoal constitui um ponto de tensão entre a linguagem e o sujeito, pois evidencia os movimentos de instalação da subjetividade no discurso. Na aquisição da linguagem, a designação dêítica possibilita a compreensão do processo inicial de subjetivação por que passa o *infans*, ao mesmo tempo em que nos permite vislumbrar os diferentes mecanismos enunciativos de instauração do sujeito na linguagem. Partindo desta premissa, cabe-nos analisar de que modo o sujeito dá a conhecer o processo de constituição subjetiva por que está passando, por meio das marcas lingüísticas de sua inscrição no enunciado (dêixis pessoal), quando, valendo-se do aparelho formal da enunciação (BENVENISTE, 1989, p. 81-84), torna próprio o uso da língua e sua reversibilidade em situação de interação enunciativa com o outro. Nosso objetivo é, portanto, investigar a relação entre a aquisição da linguagem e o processo de constituição do sujeito, tal como proposto por Benveniste (1988 e 1989), através da observação do aparecimento e do funcionamento da dêixis pessoal nas produções enunciativas do bebê em situação de interação com a mãe. Para isso, iremos nos valer de dados longitudinais de três díades mãe-bebê (de 12 a 32 meses de idade), em situação naturalística de interação. Os resultados mostram que, ao analisar os diferentes movimentos do mecanismo da dêixis pessoal na linguagem infantil, podemos perceber os diversos deslocamentos subjetivos pelos quais a criança passa: a princípio, busca um lugar para si na estrutura enunciativa; em seguida esbarra no jogo reversível dos dêíticos pessoais; por fim, adentra na lógica do mecanismo da dêixis pessoal. Nesse sentido, o uso dos dêíticos pessoais tem a propriedade de explicitar, dentro das singularidades do estar/ser de cada sujeito na língua, as regularidades de movimentos enunciativos distintos e constantes na fase inicial de aquisição da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: dêixis pessoal; aquisição da linguagem; enunciação; interação mãe-bebê; constituição subjetiva.

ABSTRACT

The enunciation of personal deixis is a point of tension between language and the subject, highlighting the movements of the emergence of subjectivity in discourse. In language acquisition, deictic designation furthers our understanding of the initial process of subjectivity experienced by the *infans*, while allowing us to glimpse the different mechanism as to initiate the subject in language. On this assumption, we must consider how perceptive the subject is of the process of subjective constitution that he/she is passing through, by the linguistic marks of their registration statement (personal deixis), when invoking the formal apparatus of enunciation (BENVENISTE, 1989, p. 81-84), makes the use of language and its reversibility proper in a situation of enunciative interaction with others. Our goal is therefore to investigate the relationship between language acquisition and the formation of the subject, as proposed by Benveniste (1988 and 1989), by observing the appearance and operation of personal deixis in enunciative productions of the baby in situation of interaction with the mother. To do so, we will take longitudinal data from three mother-infant dyads (12 to 32 months of age), in naturalistic situation of interaction. The results show that, when considering the different movements of the mechanism of personal deixis in children's language, we can see the various subjective shifts in which the child passes: at first, the child seeks a place for himself in the enunciative structure; then comes to the game of reversible deictic personal, and finally enters the logic of the mechanism of personal deixis. In this sense, the use of personal deictic has as a property to express, in the particular circumstances of living / being of each subject in the language, the regularities of enunciative distinct movements contained in the initial stages of language acquisition.

KEYWORDS: personal deixis, language acquisition, enunciation, mother-infant interaction; subjective constitution.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
CAPÍTULO I – DA DÊIXIS À AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM	21
I. I Considerações Iniciais.....	21
I. II A posição do problema desde a “Gramática de Port-Royal”	24
I. III Jakobson e a questão dos shifters	25
I. IV A dêixis e a dêixis pessoal na Pragmática: o sujeito incorporado ao contexto?	27
I. V A propósito da dêixis pessoal na Aquisição da Linguagem	31
CAPÍTULO II – DA NOÇÃO DE DÊIXIS PESSOAL À DE INDICADORES DE SUBJETIVIDADE.....	37
II. I Considerações Iniciais	37
II. II Os indicadores de subjetividade na teoria de Benveniste.....	42
II. III Principais noções associadas aos indicadores de subjetividade	45
II. IV Por uma visão enunciativa dos indicadores de subjetividade em Aquisição de Linguagem	46
CAPÍTULO III – METODOLOGIA	48
III. I Da coleta dos dados	48
III. II Da transcrição e da análise dos dados	49
III. III Apresentação dos dados.....	51
CAPÍTULO IV – ANÁLISE DOS DADOS.....	55
IV. I Do ponto de vista da fala da mãe: o sujeito enunciado	55
IV. II Do ponto de vista da fala da criança: o sujeito que (se) enuncia	69
IV. II Do ponto de vista da relação mãe-bebê: a constituição do sujeito no processo de enunciação	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS.....	87
ANEXOS	Error! Bookmark not defined.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O interesse pela linguagem infantil ou, mais precisamente, pelo modo com que a criança passa de *infans* a falante de uma língua sempre instigou a curiosidade de pesquisadores e leigos. A literatura registra que no século XIX estudiosos submeteram seus próprios filhos ao confinamento para elaborarem diários de suas primeiras falas, na tentativa de compreender o fenômeno da aquisição da linguagem e de provar a existência de uma proto-língua. Porém, a abordagem sistemática e epistemológica da questão é relativamente nova e ainda apresenta inquietações instigantes ao investigador da Aquisição de Linguagem. De acordo com Del Ré (2006), os estudos no campo da Aquisição da Linguagem atuam, modernamente, em três áreas: aquisição da escrita, aquisição de segunda língua e aquisição de língua materna. Neste último campo, há o desenvolvimento de pesquisas que se voltam para os componentes fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos, em crianças com ou sem desvios de linguagem.

Nosso trabalho se calca em uma interface entre duas áreas distintas da Linguística: a Aquisição da Linguagem e a Linguística da Enunciação. É interessante destacar o caráter (ou a condição) de inacabamento verificável em quase toda interface, pois representa uma possibilidade de diálogos entre campos distintos e envolve questões que, mesmo contendo as nuances e vicissitudes da área em que se originam, podem afetar o discurso de outro campo, autorizando e abrindo novos caminhos.

É justamente nesse espaço que se movimenta nossa pesquisa; isso implica dizer que não objetivamos aqui trazer conclusões fechadas a respeito do tema abordado. Pelo contrário, nosso intuito aqui é destacar algumas possibilidades de diálogo entre campos teóricos que, como mostraremos, são mutuamente afetados pelo discurso do outro. Damos continuidade, é importante sublinhar, a um diálogo, bastante profícuo entre as duas áreas de pesquisa, já iniciado por Silva (2007). Porém, antes de falar sobre a relação entre o campo da Aquisição e o campo da Enunciação, mostraremos as questões presentes em cada um para, então, trazer à tona o que nos interessa de cada área e quais são suas possibilidades de interface.

Nesse sentido, cabe-nos aqui: primeiro situar a configuração da Aquisição de Linguagem enquanto campo teórico, desde suas principais perspectivas, até seus impasses; depois destacar a relação (a nosso ver, necessária) entre a aquisição da linguagem e o processo de enunciação, sobretudo a partir da análise do aparecimento e

do uso da dêixis pessoal na fala do bebê; para, só então, analisar de que modo os indicadores de subjetividade, propostos por Benveniste (1988 e 1989), que aparecem na fala infantil podem revelar a singularidade dos primeiros movimentos de instauração do sujeito na língua.

Normalmente, vincula-se a configuração do campo da Aquisição de Linguagem a uma outra área: a Psicolinguística, que por sua vez traz consigo a conjunção de elementos teóricos oriundos de duas outras áreas, a Linguística e a Psicologia. Em meados de 1950, ocorreu nos Estados Unidos um simpósio entre lingüistas e psicólogos, realizado na Universidade de Indiana, debatendo questões que envolviam aquisição/desenvolvimento/aprendizagem da linguagem; as publicações resultantes do evento foram feitas em 1954, por Osgood e Sebeok, ficando, então, delimitados os conceitos e métodos que permeavam essa nova área científica, como afirma Titone (1983). Do lado da Linguística, havia inquietações com discussões sobre a relação entre linguagem e pensamento e a Psicologia, por outro lado, tentava entender o funcionamento da linguagem para alcançar maior compreensão da mente humana, como assegura Del Ré (2006, p.14).

Silva (2009) afirma que a Psicolinguística surgiu do encontro entre a Psicologia da Aprendizagem, da Teoria da Informação e da Linguística Estrutural. Ora, no alicerce teórico em que se assentava a Psicolinguística, havia dois conceitos principais (Cf. TITONE, 1983, p. 23): o de “linguagem”, entendida como instrumento de comunicação interpessoal, e o de “comunicação”, tomada como transmissão de informações. É interessante notar que as questões que motivaram a criação da área sofreram alterações consideráveis, fato este que levou Silva (2009, p. 90) a problematizar a relação entre a Aquisição da linguagem e a Psicolinguística.

Por volta de 1960, Chomsky trataria a questão sob um ponto de vista inovador, o que trouxe à Linguística uma outra configuração no que se refere ao modo mesmo de concepção da linguagem e ao trato de suas manifestações. Chomsky defendeu, em várias de suas publicações (1965, 1977, 1995, 1997), a tese de que a linguagem seria um fenômeno essencialmente mental, advindo de uma capacidade inata ao ser humano.

Sendo assim, as pesquisas de orientação chomskiana partem do pressuposto de que há um dispositivo de aquisição da linguagem, o qual já nasce com a criança, que faz com que o indivíduo exposto a uma língua desenvolva parâmetros de elaboração de sentenças de dada língua; e cabe ao investigador analisar justamente esses parâmetros que são fixados pela criança.

Del Ré (2006, p.15) destaca que na década de 1970 a Psicolinguística, tentando fugir aos empréstimos de conceitos da Psicologia e da Linguística, reclamou sua autonomia propondo que se redimensionasse a pesquisa da origem da fala infantil para um período anterior, devendo-se levar em consideração até mesmo bebês recém-nascidos. A partir daí, a autora destaca que se passou a recorrer aos estudos da Epistemologia Genética, da Etologia e da Psicanálise.

Entre os anos de 1970 e 1980, a área foi marcada por discussões sobre a natureza cognitiva da aquisição da linguagem, com inspiração, principalmente, nos estudos interacionistas desenvolvidos por Piaget. De uma maneira geral, parte-se da hipótese de que a criança adquire estruturas linguísticas a partir da observação de suas funções; e, por essa razão, observou-se uma forte interlocução com a Linguística Funcional.

Afastando-se tanto da perspectiva cognitivista de Piaget quanto do inatismo chomskiano, surgiu no final da década de 1980 o interacionismo de base interpretativa defendido por De Lemos. A autora criticou o interacionismo (ou “os interacionismos”) por não dar conta de questões “obscurecidas” presentes na aquisição da linguagem e por abrigar posturas teóricas muito diversas (Cf. DE LEMOS, 1998). De Lemos refutou ainda a noção de “desenvolvimento” vigente nessas abordagens tradicionais, que por vezes observavam mais o desenvolvimento do que o sujeito na aquisição da linguagem. Após passar por vários momentos de discussão e de revisão teórica ¹ sobre a questão do sujeito na linguagem no período da aquisição, De Lemos voltou-se para o estruturalismo europeu de orientação saussuriana, que toma a língua como sistema de signos, e para a psicanálise lacaniana que defende a tese de que o sujeito é clivado pelo “Outro” do inconsciente. Nesse sentido, Lier-De-Vitto e Carvalho (2008, p.137) afirmam:

Nessa perspectiva, o vir-a-ser-falante **não poderia ser visto como resultado de uma apropriação da linguagem** como conhecimento. A idéia de aquisição cede lugar à concepção de uma **trajetória de constituição subjetiva a partir dos efeitos do funcionamento da língua**: efeitos de *captura*. A questão era, então, esclarecer como esse funcionamento poderia dar conta de mudança na fala da criança e na criança. (destaques das autoras).

Atualmente, o campo da Aquisição da Linguagem abriga uma grande dimensão de pesquisas muito distintas entre si e tem tomado caminhos diversos, recorrendo a exteriores teóricos também variados, e seria difícil esquematizar um quadro com os

¹ Para ter uma noção mais detalhada dos momentos pelos quais a teoria de De Lemos passou, desde seus primeiros textos até as suas produções atuais, ver Lier-De-Vitto e Carvalho (2008).

interesses que movem o campo. Porém, poderíamos apontar duas áreas sobressalentes com as quais as pesquisas em Aquisição da Linguagem têm dialogado: de um lado, convocam-se os estudos da Psicologia para debater aspectos cognitivos presentes na aquisição da linguagem e em processamentos lingüísticos; e, de outro ponto, recorre-se às esferas da Psicanálise freudo-lacaniana, com vistas à compreensão da relação sujeito/linguagem/inconsciente. É fato também que existe uma gama de trabalhos que não estão contemplados nesse esquema. Como dissemos, é difícil desenhar o perfil das pesquisas em Aquisição da Linguagem no Brasil.

Esse breve retrospecto a respeito do quadro teórico em que se desenvolveu e se apresenta atualmente o campo da Aquisição da linguagem nos serve agora para situar a perspectiva aceita para o presente trabalho. Inserida nesse panorama e ao mesmo tempo distanciando-se dele, Cavalcante (1999, 2005, 2006, entre outros) faz alguns apontamentos a respeito da relação mãe-bebê que nos são úteis. Baseando-se em uma abordagem interacionista, a autora afirma que “o discurso materno dá sustentação às produções do infante, inserindo-o na língua, dando-lhe voz e significação.” Essa afirmação nos impele a olhar o aparecimento e o funcionamento dos dêiticos na fala do bebê sob outro ângulo, qual seja, o uso da dêixis pessoal no discurso materno traz repercussões à emergência desses dêiticos na fala do bebê.

Por outro lado, o campo da Lingüística da Enunciação, bem como sua configuração, também comporta especificidades, sobretudo por conter, do mesmo modo que o campo da Aquisição da Linguagem, uma pluralidade considerável de abordagens lingüísticas. Sob o rótulo de “Lingüística da Enunciação”² estão abrigadas diversas teorias que têm como ponto comum o fato de partirem do elemento *enunciação* para desenvolverem suas análises lingüísticas. Flores et al (2008, p. 29 e 30), seguindo o critério da existência da formulação de um modelo de análise enunciativa, ou da falta dela, dividem os teóricos da enunciação em dois grupos:

- a) autores que tratam da enunciação sem, no entanto, propor um modelo de análise lingüística com uma metodologia explícita. Inserem-se nesse grupo estudiosos como Bally, Sechehaye e Benveniste, entre outros.
- b) autores que desenvolveram ou têm desenvolvido propostas teórico-metodológicas de análise da enunciação. Aqui estão contemplados autores

² A esse respeito, recomendamos a leitura de Flores e Teixeira (2005) e Flores et al (2008).

como Jakobson, Ducrot, Authier-Revuz, Kerbrat-Orecchioni, Culioli e outros mais.

É claro que a proposta de cada um desses autores possui singularidades e distinções tanto na forma com que trabalham a linguagem, quanto no tratamento e no estatuto que atribuem ao sujeito. Seria difícil expor aqui as vicissitudes de cada uma delas. Mas é conveniente dizer que o pano de fundo dessas teorias é o mesmo: partem da premissa de que a língua é enunciada por um sujeito. É aí que pretendemos situar a singularidade do pensamento de Benveniste.

Sabe-se que a discussão acerca da relação entre subjetividade e linguagem não constitui um ponto novo no campo de estudos da Lingüística. Mesmo antes do corte saussuriano, no gesto que marcou a fundação da Lingüística moderna, estudiosos como Humboldt e Bréal já haviam se preocupado com a importância da inserção do sujeito nos estudos da linguagem. No entanto, para adquirir o estatuto de ciência, a Lingüística teve de operar, a partir da publicação póstuma do *Curso de Lingüística Geral* de Saussure, uma série de exclusões, colocando na exterioridade de seu objeto de investigação – a língua – questões como a subjetividade ³, a enunciação, a referência (Cf. TEIXEIRA, 2000), o que caracterizou o chamado *imanentismo lingüístico*, ou seja, o estudo da língua se encerrava nela mesma. Deste modo, destacamos com Flores e Teixeira (2005, p. 29), que Benveniste figura como um dos primeiros estudiosos ⁴, a partir do quadro saussuriano, “a desenvolver um modelo de análise da língua especificamente voltado para enunciação”, trazendo em seu escopo o elemento subjetivo como ponto indispensável para se estudar a língua. Barthes (1984) parece ter uma dimensão precisa daquilo que as idéias de Benveniste representam para o estudo da língua:

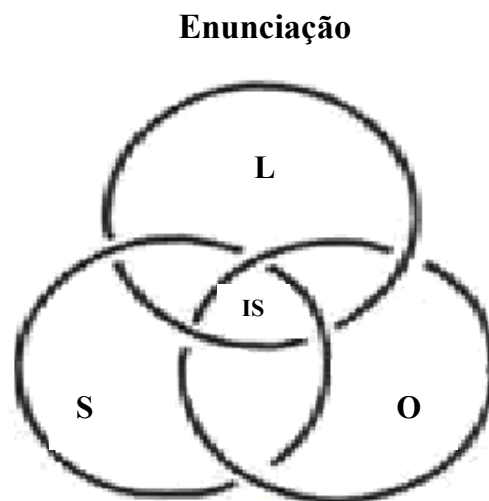
Benveniste (...) funda uma lingüística nova, que não existe em nenhum outro lado a não ser na sua obra (e muito menos na de

³ Muito embora, destacamos que estudiosos, como Fehr (2000) e Henry (1992), desenvolveram (e outros ainda desenvolvem) pesquisas que mostram a presença de considerações sobre um sujeito falante em Saussure.

⁴ Não obstante frisamos que, mesmo antes de Benveniste, os trabalhos do círculo de Bakhtin merecem destaque especial no que tange à presença do elemento subjetivo na linguagem, tomada sempre sob a ótica do dialogismo. Devido às limitações impostas pela natureza do presente trabalho, não vamos nos ater a essa questão, até porque acreditamos que a visão do círculo bakhtiniano deve receber maior atenção do que aquela que possivelmente poderia ser-lhe consagrada aqui.

Chomsky): a lingüística da interlocução; a linguagem, e portanto o mundo inteiro, articula-se sobre esta forma: *eu/tu*. (BARTHES, 1984, p. 151)

Essa afirmação de Barthes nos conduz à indagação da natureza do par *eu/tu* na enunciação e de seu estatuto na aquisição da linguagem. No rastro dessa assertiva, partimos em busca de ver quais são as implicações da visão de Benveniste sobre o sujeito e a língua no quadro da enunciação para algumas questões presentes no processo de aquisição de linguagem. As considerações de Benveniste nos permitem pensar a condição de correlação a que estão submetidos os conceitos de língua, sujeito e outro no paradigma da enunciação, autorizando-nos, inclusive, a propor um esquema de indissociabilidade, semelhante a um nó borromeano⁵, no centro do qual estão inseridos os indicadores de subjetividade:



Em que **S = *sujeito***, **L = *língua***, **O = *outro, parceiro enunciativo*** e **IS = *indicadores de subjetividade***.

Esse esquema, somado à tese de que na aquisição da linguagem a criança está imersa a uma rede de significações criada pela mãe, tal como postulado por Cavalcante

⁵ O termo “nó borromeano” ou “nó de Borromeu” foi introduzido na psicanálise por Lacan (1975-1976/2005) e foi muito utilizado por ele para tratar das relações entre o Real, o Imaginário e o Simbólico na constituição subjetiva. Aqui nós nos valemos apenas da idéia de indissociabilidade presente no nó de tipo borromeano, pois nele a quebra de um dos elos desfaz toda a ligação entre os outros.

(2006), nos leva a entrever, nos domínios da enunciação, os movimentos de instauração do sujeito em seu próprio discurso.

Em Benveniste (1988 e 1989), como pretendemos mostrar, podemos perceber uma série de possibilidades de abordagem do sujeito na linguagem. Basta considerarmos o número de termos que o autor utiliza em seus textos para referir o sujeito: “locutor”, “sujeito”, “indivíduo”, “homem”. Essa oscilação no uso de termos diferentes revela um feixe de considerações sobre o modo de representação do sujeito na estrutura da língua que Benveniste (1988 e 1989) nos permite fazer. Em circunstância alguma, percebemos a polarização do conceito de sujeito para o assujeitamento ou tampouco para um sujeito completamente racional ⁶. Na verdade, em Benveniste (1988 e 1989), o conceito de sujeito ocupa uma posição intervalar e está muito atrelado à visão do autor acerca do processo de enunciação. É interessante destacar, nesse último aspecto, um fato para o qual Normand (1996, p. 145) chama atenção: no conjunto de teoria de Benveniste, inexiste a expressão “sujeito da enunciação”, que freqüentemente lhe é atribuída, porém a autora acrescenta que as formulações benvenistianas sobre a enunciação implicam um o sujeito que enuncia.

Nesse sentido, voltamo-nos para a dêixis pessoal (partículas como “eu”, “tu”, “meu”, “minha”, “teu”, “dele” etc.), pois, como bem afirma Brandão (2001, p.59), a designação dêítica é o primeiro ponto de ancoragem do sujeito na língua e, ao permitir dar um primeiro sentido à noção de subjetividade, constitui a forma inicial de compreensão do processo de subjetivação por que passa o bebê e o centro da problemática da enunciação. Partindo desta premissa, cabe-nos analisar de que modo o sujeito dá a conhecer o processo de constituição subjetiva por que está passando, por meio das marcas lingüísticas de sua inscrição no enunciado (dêixis pessoal), quando, valendo-se do aparelho formal da enunciação (BENVENISTE, 1989, p. 81-84), torna próprio o uso da língua e sua reversibilidade em situação de interação ⁷ enunciativa com o outro.

Em outra passagem relacionada a esta questão, Benveniste afirma que “todo homem inventa sua língua e a inventa durante toda a sua vida”, no entanto, fundamentando-se no caráter intersubjetivo da linguagem, assegura que “qualquer

⁶ Mais adiante, retomaremos essa questão das concepções de sujeito no contexto da Lingüística e em Benveniste (1988 e 1989).

⁷ O termo “interação” é tomado aqui, sob um senso lato, como um conjunto de trocas interpessoais por meio das quais os sujeitos constituem mutuamente as diversas formas e possibilidades de sentido. Desse modo, podemos pensar a enunciação como uma das possibilidades de efetuar a interação.

pessoa pode inventar uma língua, mas ela não existe (...) desde que não haja dois indivíduos que possam manejá-la como nativos” (BENVENISTE, 1989, p. 20). Se o homem, de fato, inventa sempre a sua língua, então não podemos pensar em um processo acabado de aquisição de linguagem, mas, pelo contrário, podemos pensar que a cada vez que o indivíduo enuncia revela as mudanças da relação do sujeito com a língua e com sua própria subjetividade (Cf. SILVA, 2004).

Com base nessas questões colocadas até aqui, o **objetivo geral** desta proposta de pesquisa é: investigar a relação entre a aquisição da linguagem e o processo de constituição do sujeito, tal como proposto por Benveniste (1988 e 1989), através da observação do aparecimento e do funcionamento da dêixis pessoal nas produções enunciativas do bebê em situação de interação com a mãe.

Para alcançar nosso objetivo geral, temos como **objetivos específicos**: identificar as primeiras marcas enunciativas a partir do uso dos pronomes pessoais na dialogia mãe-bebê (BENVENISTE, 1988 e 1989; CAVALCANTE, 2006); compreender os papéis discursivos assumidos na relação dialógica, evidenciados no uso destes dêiticos; entender o processo de constituição do sujeito a partir das considerações de Benveniste.

Partimos da hipótese de que, ao analisar o aparecimento e o uso da dêixis pessoal nas produções do bebê, vislumbraremos os movimentos de instauração do sujeito em seu discurso. Inevitavelmente, lidaremos com a questão da relação entre o processo de aquisição de linguagem e a constituição subjetiva do bebê. Como pretendemos mostrar, muito embora possuam um lugar na língua, os dêiticos de pessoa são categorias vazias e subjetivas, porque adquirem estatuto pleno na e pela enunciação do “eu”, conforme Flores e Teixeira (2005), e o uso dos dêiticos pessoais explicita, como afirmamos no decorrer de nossa proposta de pesquisa, a relação intrínseca existente entre a aquisição de linguagem e o processo de constituição do sujeito, relação esta que é evidenciada no ato mesmo de conversão da língua em discurso, sobretudo, na emergência da dêixis pessoal, como marca da inscrição do sujeito em sua enunciação. Nesse sentido, ao discutir o papel da linguagem na constituição do sujeito, nossa pesquisa trará contribuições aos estudos enunciativos sobre a dêixis pessoal na aquisição de linguagem, podendo representar, assim, um subsídio relevante para os dois campos de estudo.

Nossa pesquisa está segmentada do seguinte modo: no primeiro capítulo, contextualizaremos a temática da dêixis e da dêixis pessoal nos estudos lingüísticos, desde as principais perspectivas com as quais foi trabalhada até seus maiores impasses.

Primeiro, iremos situar a posição do problema na conhecida “gramática de Port-Royal”, mostrando as incongruências de critérios teóricos para abordagem e definição dos dêiticos pessoais; em seguida, traremos à baila a teoria dos “shifters” proposta por Jakobson (1984), ressaltando alguns apontamentos feitos pelo autor acerca da natureza e da função dos shifters na linguagem; depois disso, a temática da dêixis pessoal será vista nos domínios da Pragmática, campo onde a discussão sobre a dêixis e sobre dêixis pessoal obteve destaque, porém, como mostraremos, com alguns dilemas. Finalmente, apresentaremos a questão da dêixis pessoal na linguagem infantil no plano da Aquisição da Linguagem.

No capítulo II, partiremos da noção de dêixis pessoal para chegar à noção de indicadores de subjetividade, postulada por Benveniste (1988 e 1989). Para isso, serão discutidas algumas noções associadas ao conceito de *indicadores de subjetividade*, tais como *subjetividade*, *língua e linguagem*, *instância discursiva* e mesmo *enunciação*. Em seguida, destacaremos a possibilidade (e a necessidade) de uma visão enunciativa dos indicadores subjetivos na Aquisição da linguagem.

O capítulo III é destinado à descrição da metodologia adotada para a presente pesquisa. Nele mostraremos alguns impasses para análise e para constituição do dado enunciativo na aquisição da linguagem e faremos a apresentação de alguns fragmentos de fatos enunciativos em que aparecem os indicadores subjetivos.

No capítulo seguinte, procederemos à análise dos nossos dados e, por fim, apresentaremos algumas conclusões parciais a que chegamos até o presente momento da pesquisa.

CAPÍTULO I – DA DÊIXIS À AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM

A preocupação com o modo de referir da linguagem tem impulsionado, desde muito tempo, uma gama de pesquisas de variadas naturezas teóricas e com propósitos igualmente diversos no campo da Lingüística. Desse modo, os estudos lingüísticos se voltaram para um grupo de partículas presentes na língua cuja função seria essencialmente a de indicar elementos como *temporalidade*, *espacialidade* e *personalidade* e o abrigaram sob o rótulo de “dêixis”, muito utilizado até hoje no campo da Lingüística, mormente em estudos sobre referência/referenciação na linguagem.

Como é sabido, esses três elementos, de alguma forma, sempre estão envolvidos em outros fenômenos lingüísticos e, talvez por essa razão, as pesquisas sobre a dêixis aumentaram consideravelmente nos últimos 50 anos, sendo criadas, inclusive, algumas tipologias de dêixis nos mais variados estratos lingüísticos, como mostraremos mais à frente. Porém a natureza (subjética) de cada elemento da tríade *temporalidade-espacialidade-personalidade* que sustenta o fenômeno dêitico nem sempre foi esclarecida, bem como sua correlação no sistema da língua.

Nesse capítulo, pretendemos nos deter sobre a categoria de personalidade na dêixis sob o escopo de indicar sua natureza, seu funcionamento e sua função na aquisição da linguagem. Para isso, segmentamos esse capítulo em quatro partes: no primeiro tópico, discutiremos algumas questões levantadas na conhecida “Gramática de Port-Royal” que, a nosso ver, traz consigo a gênese da problemática que gravita em torno das discussões sobre a dêixis na Lingüística Contemporânea; no segundo segmento, iremos retomar alguns pontos da discussão levantada por Jakobson (1984) a respeito dos shifters, que, como mostraremos, abrem caminho para correlação entre a dêixis pessoal e a categoria lingüística de pessoa; na seção seguinte, abordaremos a temática no domínio da Pragmática, campo onde a dêixis foi bastante discutida e onde passou por várias subcategorizações; por fim, a questão da dêixis será vista no âmbito da Aquisição da Linguagem, lugar de onde falamos e que dispõe de pouquíssimos trabalhos sobre o assunto.

I. I Considerações Iniciais

De uma maneira geral, a hipótese que permeia nossa pesquisa é a de que a aquisição da dêixis pessoal está intrinsecamente atrelada ao processo de constituição subjética, pois à medida que o sujeito busca para si um espaço na enunciação torna

explícita a natureza subjetiva e intersubjetiva da linguagem. Nossa investigação aqui se debruça sobre a relação entre a aquisição dos dêiticos ditos pessoais e o processo de constituição do sujeito, porém, antes expor de nossa visão sobre o assunto, compete-nos primeiro situar a temática da dêixis (sobretudo, a dêixis pessoal) nos estudos lingüísticos, desde suas principais perspectivas, até seus maiores impasses; para depois destacar a necessidade de se abordar a dêixis na aquisição da linguagem sob uma perspectiva enunciativa.

O termo “dêixis” remonta aos gregos e abrangia todos os elementos lingüísticos que servissem para apontar coisas no mundo, como que “com o dedo”. Desse modo, a dêixis possuía um caráter notadamente ontológico. Com o tempo, essa noção sofreu elasticidades e passou a designar elementos lingüísticos que indicassem ou representassem noções de temporalidade, lugar, objetos e pessoas ⁸ (Cf. LYONS, 1977). Salvo algumas exceções, a maioria dos investigadores da dêixis parte dessa acepção.

Porém, no decorrer dos estudos lingüísticos, essa abordagem, talvez por conter um caráter muito abrangente, sofreu várias alterações, levando, inclusive, alguns pesquisadores a adotarem outros termos para se referir aos “dêiticos”; Lahud (1979) elenca alguns: “símbolos ou signos indicadores”, “símbolos-índices” ou mesmo “indicadores”, todos usados por Peirce, 1975; “shifters” ⁹, expressão introduzida no inglês pela primeira vez por Jespersen (1923) e bastante usada por Jakobson (1984); “indicadores de subjetividade”, “índices (ou signos) do discurso”, “índices (ou signos) da enunciação”, termos preferidos por Benveniste (1988). Naturalmente, a utilização de diferentes termos para se referir ao mesmo fenômeno revela as diferentes posições teóricas sobre a questão. Nessa pesquisa, decidimos utilizar o termo “dêixis” (mesmo sabendo da problemática que gira em torno dele) pelo mesmo motivo apresentado por Lahud (1979): essa é, muito provavelmente, a designação mais conhecida e difundida no campo da Lingüística.

Outros autores (Cf. HANKS, 2008; LEVINSON, 2007; APOTHÉLOZ, 2003; entre outros), entretanto, optaram por criar subclasses dentro da noção convencional de dêixis, subdividindo-a, por exemplo, em categorias ¹⁰ como: “dêixis verbal” que diz

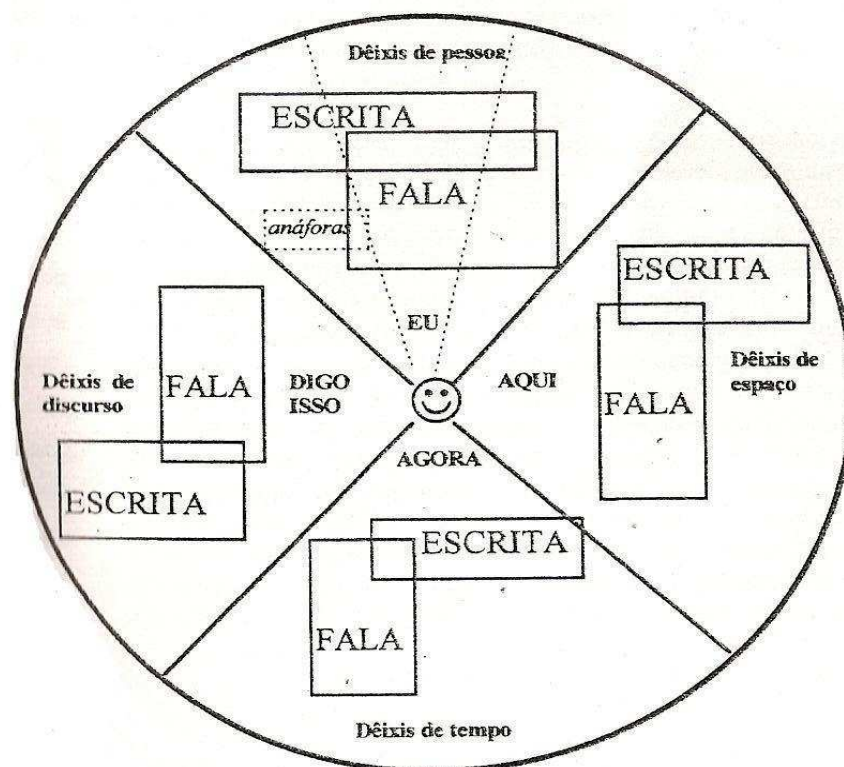
⁸ Acreditamos que essa perspectiva seria suficiente para afirmar que os nomes também fazem parte da dêixis ou mesmo podem assumir uma função dêítica.

⁹ No francês, a palavra recebeu a tradução como “embrayeurs”; no espanhol (versão a que tivemos acesso), o termo utilizado é “conmutadores”. No português, há várias traduções como “embreantes” e “embreadores” (ver FLORES e TEIXEIRA, 2005; LAHUD, 1979). Optamos por utilizar o termo “shifters” por ser talvez o mais difundido no campo da Lingüística.

¹⁰ Há outras classificações.

respeito aos verbos que comportam morfemas indicadores, sobretudo, de noções de tempo/pessoa (ver, por exemplo, LEVINSON, 2007); “dêixis adverbial ou espacial” que abarca termos da língua que servem para *localizar* eventos, atividades e objetos no espaço (ver LYONS, 1977); “dêixis textual ou discursiva” que abrange termos ou expressões usadas para se referir a uma porção ou aspecto do discurso (verificar LYONS, 1977; MARCUSCHI, 1997) e “dêixis pronominal ou pessoal” que diz respeito a todos os elementos lingüísticos que, de alguma forma, designam a pessoa no discurso¹¹. De uma maneira geral, interessa-nos aqui investigar a última dessas três subclasses, ou seja, os sintagmas que, de alguma forma, são usados para representar/atualizar as pessoas no discurso. Marcuschi (1997, p. 161) esquematiza o mecanismo da dêixis da seguinte forma:

GRÁFICO 1: QUADRO GERAL DA DÊIXIS



O quadro acima nos serve aqui apenas para situar a dêixis pessoal em relação aos outros tipos de dêixis. Diferentemente dos demais dêiticos, os dêiticos pessoais se prestam à indicação explícita de subjetividade na linguagem; porém em um momento

¹¹ Levinson (2007) trata da questão da dêixis pessoal no contexto dos outros dêiticos.

inicial da aquisição da linguagem esses dêiticos inexistem na fala do bebê que, como mostraremos, encontrará outros modos de demarcar seu espaço de sujeito na enunciação. Para analisarmos a questão, recorreremos ao estudo da gênese desses “dêiticos pessoais” nas produções enunciativas do bebê e do funcionamento particular da dêixis pessoal na aquisição da linguagem, partindo da premissa de que sua emergência na fala infantil revela a intrínseca relação entre a aquisição da linguagem e a constituição do sujeito. Mas antes nos cabe aqui fazer uma reflexão sobre a natureza da dêixis pessoal e as diferentes perspectivas com as quais a dêixis foi abordada no campo de estudos da linguagem.

I. II A posição do problema desde a “Gramática de Port-Royal”

Na conhecida “Gramática de Port-Royal”, Arnaud e Lancelot (1660/1992) tratam a questão da dêixis sob um viés quase que puramente estilístico, afirmando que:

Como os homens foram obrigados a falar muitas vezes das mesmas coisas num mesmo discurso e fosse monótono repetir sempre as mesmas palavras, inventaram certos vocábulos para substituir esses nomes, sendo por isso denominados *pronomes*. (ARNAUD e LANCELOT, 1660/1992, p. 57).

Observa-se, nessa afirmação, tanto a concepção de linguagem como uma nomenclatura, quanto a idéia de que os pronomes teriam a função unicamente de evitar a repetição enfadonha dos nomes a que se referem. Os autores prosseguem, ainda, fazendo a distinção entre os pronomes de primeira pessoa (que substituem aquele que fala), os de segunda pessoa (colocados no lugar daquele a quem se fala alguma coisa) e os pronomes de terceira pessoa (que representam coisas ou pessoas de quem se fala). Como bem destacou Lahud (1979, p. 51) a respeito dessa separação, “nenhuma oposição estrutural no interior das três pessoas pode ser assinalada quando se salienta o papel substitutivo dos pronomes em relação aos nomes (...)”. Conforme o autor, quando se trata das relações discursivas entre as pessoas, é necessário operar uma distinção entre as duas primeiras pessoas e uma não-pessoa e tomá-las por uma ótica relacional.

Lahud (1979) aponta ainda que há, nessa separação dos pronomes feita por Arnaud e Lancelot (1660/1992), uma oscilação de critérios para distinguir as duas primeiras pessoas e a terceira: quando tratam dos pronomes, os autores recorrem a um critério nocional, afirmando que os pronomes apenas substituem os nomes, mas ao

mesmo tempo, no capítulo destinado ao estudo dos verbos, Arnaud e Lancelot (1660/1992) afirmam que a terceira pessoa pode representar coisas e, por isso, é definida opositivamente em relação às duas primeiras pessoas, pois diferentemente do par eu/tu, a terceira pessoa é caracterizada pela ausência de relações pessoais. Ora, isso deixa claro que Arnaud e Lancelot (1660/1992) adotaram também um critério estrutural ou oposicional para tratar dos pronomes, fato que tornou imprecisas ou insuficientes suas explicações acerca da real natureza da categoria de pessoa do discurso à qual se atrelam os pronomes pessoais. Afirmar que os pronomes substituem os nomes não constitui, de forma alguma, equívoco, porém seria necessário esclarecer como se dá essa substituição e qual a sua natureza.

I. III Jakobson e a questão dos shifters

Distanciando-se da perspectiva adotada pelos gramáticos de Port-Royal, Jakobson (1984) ¹² usou a expressão “shifters” para tratar dos dêiticos pronominais na linguagem. Antes de discutir a natureza dos shifters, Jakobson (1984) fez considerações sobre as funções do código da língua e da mensagem e outros elementos essenciais à comunicação lingüística. Segundo o autor, código e mensagem estão sempre em estreita relação um com o outro na comunicação e, por consequência, a mensagem pode se referir ao código ou mesmo à mensagem, e o código igualmente pode se referir à mensagem ou ao próprio código. Para Jakobson (1984), os shifters estariam inseridos justamente na remissão do código à mensagem, pois sua significação não pode ser definida sem que seja considerada a mensagem.

Para falar da natureza funcional dos shifters, Jakobson (1984) recorre a algumas considerações de Peirce (1975) sobre os signos e suas categorias. Partindo de um ponto de vista semiótico, Peirce (1975) assegura que os signos podem ser divididos em *símbolos* (que seriam aqueles signos que se associam a um objeto por simples convenção social) e *índices* (que teriam uma relação existencial com o objeto que representam ¹³); Jakobson (1984, p. 310), então, afirma que os shifters combinariam ao mesmo tempo tanto a função de indicar um objeto através de uma convenção social,

¹² Não tivemos acesso à versão original em inglês desse texto; usamos aqui a versão em espanhol “Ensayos de Lingüística General” que traduziu o termo “shifters” para “conmutadores”. Como no português ainda não há uma tradução oficial para esse texto, decidimos manter o termo original “shifters”.

¹³ É interessante perceber o caráter relacional dessa abordagem de Peirce (1975), pois, no contexto do pragmatismo, o *índice*, tal como descrito pelo autor, possui, no instante em que aponta para algo, “uma relação existencial” com o referente que designa. Este, por sua vez, está em constante relação com outros elementos lingüísticos e extralingüísticos.

como possuiriam uma relação existencial com o objeto representado e, por isso, pertenceriam à classe dos *símbolos-índice*.

Na perspectiva de Jakobson (1984, p. 311) os shifters e, em especial, os pronomes pessoais, têm a propriedade de fazer uma referência particular à mensagem em que estão inseridos, mesmo possuindo um significado geral próprio, isto é, *eu* significa o destinador da mensagem, enquanto *tu* representa a condição de destinatário, e assim por diante. Eis uma diferença, segundo Jakobson, entre os shifters e os demais elementos do código lingüístico. Jakobson (1984), então, opõe-se à tradicional idéia de que os pronomes pessoais seriam a categoria mais primitiva da linguagem, pois, na verdade, envolvem uma relação complexa na linguagem na qual o código e a mensagem em questão se entrelaçam. “É por isso que os pronomes são umas das últimas aquisições da linguagem infantil e estão entre as primeiras perdas da afasia”¹⁴ (JAKOBSON, 1984, p. 311). O autor prossegue tratando da emergência dos pronomes pessoais na fala infantil com a seguinte afirmação:

Se observarmos que inclusive os lingüistas podem tropeçar com muitas dificuldades ao tratar de definir o significado geral do termo *eu* (ou *tu*), que significa a mesma função intermitente de sujeitos diferentes, fica muito claro que a criança que aprende a identificar-se a si mesma com seu próprio nome não se acostumará facilmente a termos tão alheios como os pronomes pessoais: pode ter de temer falar de si mesma em primeira pessoa quando seus interlocutores lhe chamam *tu*. Às vezes trata de redistribuir estas formas de tratamento. Por exemplo, tratará de monopolizar o pronome de primeira pessoa (...). Ou pode empregar indiscriminadamente *eu* ou *tu* tanto para o destinador quanto para o destinatário, de modo que este pronome significará quem quer que participe do diálogo em questão. Ou finalmente a criança substituirá *eu* por seu nome próprio (...). (JAKOBSON, 1984, p. 311)

Dessa citação, podemos depreender, mesmo que de forma sutil, alguns apontamentos sobre a relação não unívoca entre forma e sentido na linguagem, que encontraremos de forma mais explícita em Benveniste (1989). Como podemos notar, na visão de Jakobson, os pronomes pessoais na linguagem da criança, que está adentrado no circuito da língua, podem remeter distintamente tanto à primeira pessoa quanto à segunda, a depender da situação em que a criança os emprega. E, em seguida, Jakobson apresenta-nos alguns momentos da passagem do uso do nome próprio (por parte da

¹⁴ A tradução desta e de outras citações desta obra para o português é nossa.

criança) para fazer referência a si mesma, em dado contexto, ao emprego dos pronomes pessoais.

Chega-se, portanto, na abordagem do autor, à conclusão de que o significado geral dos pronomes teria “a mesma função intermitente dos sujeitos diferentes” (JAKOBSON, 1984, p. 311), o que significa dizer que há uma correlação ao menos implícita entre os pronomes pessoais e uma certa categoria de pessoa. Questionamos, porém: se de fato, como parece explícito em Jakobson (1984), a função dos pronomes pessoais está atrelada ao contexto de emprego por determinado locutor, possuindo, por essa razão, um caráter indiscutivelmente pragmático, como podemos tomar os pronomes como termos que remetam ao sujeito em sua enunciação e não ao mundo do qual o sujeito faz parte?

O interessante dessa proposta de Jakobson (1984), para nós, reside na forma com que aborda, com certa perspicácia, a natureza da dêixis (ou dos shifters, para usar termos jakobsonianos) na linguagem, ressaltando os diversos elementos lingüísticos envolvidos na enunciação dos shifters. Por outro lado, ficam em aberto algumas questões como: qual a relação entre os shifters e as categorias lingüísticas de pessoa e de não-pessoa? ; como pode se estabelecer distinção entre as pessoas do discurso? ; de que modo os shifters se relacionam ou revelam o caráter subjetivo da/na linguagem? ; entre outras. Embora reconheçamos aqui que essas questões podem não ter sido nem o foco nem o escopo das investigações de Jakobson (1984) sobre os shifters, certamente estes questionamentos poderiam conduzi-lo a explorações mais sistemáticas a respeito da natureza dos dêiticos pronominais.

Sem dúvida alguma, a perspectiva que rege as questões apresentadas por Jakobson (1984) a respeito dos shifters está atrelada a um vasto e fértil campo teórico em que germinaram conceitos caros ao autor e à Lingüística, tais como as funções comunicativas da linguagem e seu esquema proposto para descrever a comunicação lingüística. Certamente, a complexidade de sua visão sobre a linguagem merece mais esclarecimentos do que podemos lhe consagrar aqui.

I. IV A dêixis e a dêixis pessoal na Pragmática: o sujeito incorporado ao contexto?

Parece consensual que a dêixis tem a propriedade de incorporar à estrutura da língua elementos do contexto/cenário onde a dêixis está inserida, como atesta Fillmore (1975, p. 39): “Dêixis é o nome dado àquelas propriedades formais de enunciados que são determinados por, e interpretados pelo conhecimento, certos aspectos do ato de

comunicação em relação aos quais os enunciados em questão podem assumir um papel.” (destaque nosso). ¹⁵

Esse caráter contextual da dêixis, de que fala Fillmore (1975), levou muitos lingüistas a buscarem nos elementos pragmáticos explicações para o fenômeno dêitico. Talvez por essa razão, seja comum encontrarmos um volume considerável de literaturas que abordam a dêixis nos domínios da Pragmática ¹⁶. Hanks (2008, p. 205), por exemplo, defende que “o termo dêixis (...) designa expressões referenciais como ‘este’, ‘aquilo’, ‘aqui’, ‘lá’, ‘agora’, ‘então’, ‘eu’ e ‘você’, combinadas, onde for apropriado, a posturas corporais, gestualidade e olhar”. Mais uma vez, o que está em jogo nessa definição são os critérios (abrangentes) pelos quais se chegou a uma classificação dessa natureza. Se aceitarmos que o campo dêitico de fato contém noções como *proximidade*, *lugar* e *pessoa*, outras categorias lingüísticas deveriam constar nos exemplos apresentados por Hanks nessa citação. Certamente, esses três elementos (*proximidade*, *lugar* e *pessoa*) estão em constante correlação no sistema da língua, mas havemos de reconhecer que possuem naturezas distintas e estas devem ser explicitadas. O estudo dos mecanismos pelos quais a dêixis refere itens do discurso não dispensa recurso à descrição da natureza própria a cada um desses elementos no processo de enunciação.

Apothéloz (2003, p. 66-67), por seu turno, ao analisar os processos de referenciação na linguagem, afirma que a dêixis abrange “expressões lingüísticas cuja interpretação se apóia nos parâmetros de lugar, tempo e pessoa da situação de enunciação”. À parte o caráter elástico dessa acepção, pois sob o rótulo de “dêixis” estão abrigados quaisquer elementos lingüísticos que têm a propriedade de referir, o fenômeno dêitico estaria, assim, subordinado a elementos contextuais presentes na situação de enunciação onde os dêíticos comparecem. Se, como afirma o autor, só “há a dêixis quando a expressão tem por objetivo deslocar a atenção para um referente”, seria inviável explicar o fenômeno dêitico por uma ótica discursiva. O autor prossegue afirmando que o pronome “ele” não possui um funcionamento intrinsecamente dêitico, pois, nesse caso, só poderíamos constatar a ocorrência da dêixis se o pronome viesse acompanhado de mímicas, gestos e/ou posturas subjacentes à atividade verbal. Ora, o que fica opaco, a nosso ver, nessa abordagem é o critério utilizado para separar a

¹⁵ A tradução desta e de outras citações da mesma obra para o português é nossa. Na versão original, temos: “Deixis is the name given to those formal properties of utterances which are determined by, and which are interpreted by knowing, certain aspects of the communication act in which the utterances in question can play a role.”.

¹⁶ São muitas as pesquisas; citaremos algumas: Peirce (1975); Fillmore (1975); Levinson (2007); Parret (1988); Hanks (2008); entre outros.

terceira pessoa das duas primeiras. Se o pronome “ele” possui um referente seja intra ou extralingüístico, como não considerá-lo um dêitico nessa acepção?

Contradição semelhante a essa, mas com desdobramentos distintos, encontramos em Cervoni (1989). Ao tratar da questão da dêixis pessoal, o autor critica a proposta de Benveniste (1988 e 1989) para as pessoas da enunciação, segundo a qual a terceira pessoa é, na verdade, uma não-pessoa. Cervoni (1989) afirma que “o *eu* é ao mesmo tempo a pessoa que fala (que tem um papel ativo) e a pessoa de quem se falou (que tem, portanto, um papel passivo); por sua vez, o *tu* é a pessoa que ouve e pode também tomar a palavra (papel ativo) e a pessoa de quem se falou (papel passivo)” (CERVONI, 1989, p. 25).

Primeiro, podemos perceber certa confusão quanto à interpretação do caráter de reversibilidade próprio ao processo enunciativo, tal como proposto por Benveniste (1988 e 1989): o *eu* será sempre a pessoa que fala e, portanto, tem um papel ativo em relação à segunda pessoa, o que não significa dizer que não pode ocorrer uma inversão de papéis, mas quando a segunda pessoa, o *tu*, assumir a posição de locutor, já não mais será segunda pessoa; será a primeira (o *eu*) pessoa do discurso e a pessoa com quem falava e que proferiu o primeiro enunciado passa a ser o *tu*. Logo, o *tu*, quando toma a palavra, deixa de ser *tu* e passa a ser o *eu*. Caso contrário, se seguíssemos o raciocínio levantado por Cervoni (1989), poderíamos, inclusive, afirmar que a terceira pessoa, o *ele*, pode exercer papel ativo na enunciação, pois, mesmo que o enunciado não lhe seja dirigido, o *ele* teria a qualquer tempo a capacidade de tomar a palavra.

Cervoni (1989) faz outras observações acerca da terceira pessoa do discurso e, a nosso ver, seus argumentos apresentam problemas de caráter teórico e metodológico, porém não nos interessa nesse momento tomar parte nessa discussão, apenas acreditamos que para entender o esquema geral da enunciação proposto por Benveniste (1988 e 1989) temos de considerar o caráter reversível das posições de locutor e alocutário, pois do contrário acreditar-se-á que a linguagem, tal como concebida por Benveniste, se presta a um incessante monólogo.¹⁷

Voltando-se mais especificamente para o fenômeno da dêixis pessoal em relação aos outros dêiticos, Levinson (2007, p. 74 e 75) afirma:

¹⁷ Essa é, sem dúvida alguma, uma crítica injusta que alguns fazem a Benveniste (a exemplo de HEINE, 2008). No capítulo II, iremos refutar essa crítica e expor os argumentos que nos levam a rejeitar tal posição.

A dêixis de pessoa diz respeito à codificação do **papel** dos participantes no acontecimento discursivo em que a enunciação em questão é proferida: a categoria **primeira pessoa** é a gramaticalização da referência do falante a si mesmo, a **segunda pessoa** a codificação da referência do falante a um ou mais destinatários e a **terceira pessoa** a codificação da referência a pessoas e entidades que não são falantes nem destinatários da enunciação em questão. (os negritos são do autor)

Sob essa perspectiva, podemos correlacionar a classe dos dêiticos pessoais à categoria gramatical de pessoa. Tomadas em relação ao contexto pragmático-comunicacional em que estão inseridas, as três pessoas envolvidas na enunciação são descritas em termos do papel que cada uma possui: a primeira pessoa diz respeito à condição de falante/emissor de dado enunciado; a segunda pessoa ocupa a posição de ouvinte/destinatário da mensagem remetida pela primeira pessoa; já a terceira pessoa abrange as pessoas e/ou entidades referidas na situação de enunciação. É interessante destacar a distinção, apresentada por Levinson (2007, p. 83 e 84), entre os conceitos de “falante ou porta-voz” e o de “fonte” de uma enunciação; para tanto, o autor utiliza a seguinte estória ilustrativa narrada por Rosten (1968, 443-4 apud LEVINSON, 2007):

Um *melamed* [professor hebraico], ao descobrir que havia deixado seus chinelos confortáveis em casa, mandou um aluno ir buscá-los com um recado para a esposa. O recado dizia: “Manda-me os teus chinelos por este rapaz.” Quando o aluno perguntou por que ele havia escrito “teus” chinelos, o *melamed* respondeu: “Yold! Se eu escrevesse ‘os meus’ chinelos, ela leria ‘os meus’ chinelos, e mandaria os chinelos dela. O que eu poderia fazer com os chinelos dela? Então, eu escrevi os ‘teus’ chinelos, ela vai ler os ‘teus’ chinelos e vai mandar os meus.” (destaques do autor)

Levinson (2007) afirma, então, que a dêixis pessoal necessita de uma abordagem pragmática para que se estabeleça distinção, independentemente dos papéis dos participantes da enunciação, entre um falante mero “porta-voz” (que seria neste caso, por exemplo, a esposa do *melamed*) e um falante “fonte” (na estória, o *melamed*) de onde emana a enunciação. Ora, a estória narrada acima ilustra bem o caráter reversível dos dêiticos pessoais que, apesar de possuírem uma significação geral (pois qualquer falante/ouvinte pode tornar próprio o seu uso), são desprovidos de referencialidade e, por isso, podem alternar-se quase que indistintamente. Tanto é verdade, que na aquisição da linguagem a criança leva certo tempo para constatar tal característica dos

dêiticos e a princípio os monopoliza, como destaca Jakobson (1984). Falaremos mais a respeito dessa questão no capítulo II.

Em todas as perspectivas apresentadas nessa seção, o caráter pragmático da dêixis foi posto em relevo. A dêixis, nessas abordagens, estabelece uma relação entre a linguagem e a realidade extralingüística a que se refere e, no caso da dêixis pessoal, a representação do sujeito passou a ser tomada em relação ao mundo. Com efeito, sob a égide da Pragmática, o sujeito não pôde ser pensado em sua enunciação (Cf. LAHUD, 1979), porém acreditamos que os dêiticos pessoais põem à prova tal premissa justamente pela propriedade que têm de inserir o sujeito em sua enunciação e, conseqüentemente, de mostrar que o sujeito está na língua.

I. V A propósito da dêixis pessoal na Aquisição da Linguagem

A dêixis é, na visão de Galbraith (1995), a chave da intersecção entre linguagem e subjetividade. Perspectiva semelhante, podemos encontrar em Brandão (2001, p.59), para quem a designação dêítica é o primeiro ponto de ancoragem do sujeito na língua; e, nesse sentido, ao permitir dar um primeiro sentido à noção de subjetividade, a dêixis constitui ao mesmo tempo um indício para a compreensão do processo de subjetivação por que passa o bebê e o centro da problemática da enunciação. Apesar disso, no campo da Aquisição da Linguagem, a dêixis pessoal não foi e nem é uma temática muito explorada, sobretudo se tomarmos como parâmetro o volume de trabalhos que tratam da questão no âmbito da Pragmática.

Entretanto, merecem destaque algumas pesquisas sobre a aquisição de dêiticos verbais e gestuais. De um modo geral e com algumas exceções, as discussões sobre a dêixis na aquisição da linguagem ainda estão num plano genérico. Dizemos “genérico” porque acreditamos que as pesquisas no campo da Aquisição da Linguagem, com algumas exceções, estudam a dêixis colocando em um mesmo patamar os elementos de *espacialidade, temporalidade e pessoalidade* e os tratam de modo indistinto, como mostraremos. Somos de opinião de que as categorias que envolvem a dêixis precisam ser tomadas primeiramente de forma separada, para que sejam compreendidas sua natureza, função e dimensão na aquisição da linguagem, e depois correlacionadas para que se tenha visão mais nítida sobre o papel dos dêiticos na passagem do *infans* a falante/sujeito.

Porém, como destaca Wales (1979), na década de 70, realizaram-se diversas pesquisas sobre o tema da aquisição da dêixis na infância: Clark (1978), Bruner (1975),

Wales (1979), entre outros. No que diz respeito à aquisição dos pronomes pessoais, Wales (1979) apresenta alguns dados de pesquisas sobre o assunto e conclui:

Desse modo, parece pertinente hipotetizar que as crianças aprendem a dêixis pessoal, isto é, o uso de pronomes para ‘apontar’ pessoas, inicialmente através do média de uso dos pronomes pessoais ‘reais’ *eu* e *tu/você*. A indicação de pessoas na terceira pessoa (implicada na distinção de gênero) tem suporte gestual como um concomitante típico, presentes também nos sintagmas demonstrativos. Isso sugere que os estudos experimentais do uso de pronomes de terceira pessoa pelas crianças poderiam envolver problemas similares na habilidade precisa das crianças para inferir qual a referência quando não há suporte gestual. (WALES, 1979, p. 416) ¹⁸

Clark (1978) assegura que a aquisição da dêixis gestual na infância ocupa a origem de todo o processo de referência na linguagem. Calcada nessa visão ontogênica da dêixis, Clark (1978) afirma que a criança opera a distinção entre os dêiticos pessoais “eu” e “tu/você” nos momentos de uso do “apontar”: “eu” seria aquele que aponta para o falante; de forma oposta, o “tu/você” seria aquele que aponta para o interlocutor. Desse modo, a autora prossegue afirmando que o estabelecimento da oposição entre “eu/tu” na aquisição da linguagem está atrelado a um processo relativamente complexo de contrastes de significados diferentes, como as noções de locutor/falante e interlocutor/ouvinte que a criança seria capaz de realizar:

(...) essas noções [falante, lugar, objeto] representam os conceitos gerais que as crianças têm para agrupar de modo a aprender como usar cada par dos elementos dêiticos. A priori, então, parece pertinente presumir que esses contrastes dêiticos sejam adquiridos na ordem listada. (CLARK, 1978, p. 88 e 89) ¹⁹

Clark (1978) chega, então, à conclusão de que a criança formularia hipóteses para contrastar os dêiticos. Os estágios pelos quais a criança passaria e que são apontados pela autora podem ser resumidos do seguinte modo:

¹⁸ A versão em inglês é: Thus it seems reasonable to hypothesize that the children learn person deixis, i.e. the use of pronouns to ‘point to’ persons, initially through the medium of the ‘real’ personal pronouns *I* and *you*. Indicating persons in the 3rd person (implied by gender distinctions) has gestural support as a typical concomitant, as found with the demonstratives. This suggests that experimental studies of children’s use of the 3rd person pronouns might run into similar problems in the children’s ability accurately to infer what the reference was when there was no gestural support.

¹⁹ A versão no original em inglês é: “(...) these notions [falante, lugar, objeto] (...) represent the general concepts that children have to group together in order to learn how to use each pair of deitic terms. A priori, then, it seems reasonable to expect that these deitic contrasts will be acquired in the order listed.”

1. **Nenhum contraste:** nesse estágio, os dêiticos aparecem na fala da criança sem que haja nenhuma distinção entre eles. Ou seja, para a criança não há nenhuma distinção quanto ao emprego, por exemplo, dos dêiticos de pessoa “eu” e “tu” e a criança entenderia que esses pares são nomes.
2. **Contraste parcial:** a criança já distingue alguns pares dêiticos, sobre tudo os dêiticos de lugar, mas ainda não percebe o caráter reversível dos dêiticos pessoais e continua empregando-os indistintamente.
3. **Contraste total:** aqui, a criança já percebe os contrastes dos pares dêiticos e seu caráter mutável no caso dos dêiticos pessoais “eu” e “tu/você”.

Para Clark (1978), a criança só chegaria a esse último estágio por volta dos 2 anos e 6 meses aos 3 anos. A autora acrescenta:

(...) elas [as crianças] observam que quando o falante diz ‘eu estou comendo’, ele é o agente da ação. E quando ele diz ‘você está calçando suas botas’, o ‘você’ aponta para a pessoa que está praticando a ação, dessa vez um outro agente que nesse caso não é o falante. Ao prestar atenção a qualquer pessoa que está praticando uma ação, ou sendo descrita de alguma forma, as crianças podem inferir a mudança de referência de ‘eu’ e ‘você/tu’ desde o começo e relacionar essa mudança ao falante.²⁰ (CLARK, 1978, p. 100)

A esse respeito, é interessante destacar um questionamento apresentado pela própria autora em seu texto: o que levaria uma criança mudar de estágios formulando outras hipóteses? Parece-nos uma questão pertinente a ser tratada no quadro da aquisição dos dêiticos pessoais. Em nossa pesquisa, a partir dos dados de que dispomos, tentaremos mostrar algumas possibilidades de resposta à indagação de Clark (1978), muito embora o viés teórico que adotamos seja distinto das perspectivas utilizadas por essa autora.

No Brasil, não é grande o volume de pesquisas que tratam a temática da aquisição da dêixis pessoal, e mesmo a aquisição da dêixis. Nesse sentido, destacam-se as reflexões levantadas por Cavalcante (1994; 2002) e Silva (2007 e 2009). A primeira autora lança mão de uma abordagem interacional de base interpretativa para investigar

²⁰ A citação no original em inglês é: “(...) they [as crianças] observe that the speaker says ‘I am eating’, he is the one carrying out the action. And when he says ‘you’re putting your boots on’, the ‘you’ picks out the person doing the action, this time someone other than the speaker. By paying attention to whoever is carrying out the action or being described in some way, children can size on the shifting reference of ‘I’ and ‘you’ from the start and link it to the speaker.”

os processos de referenciação, sobretudo a dêixis gestual, na relação mãe-bebê. Silva (2009) se vale de uma perspectiva enunciativa (de BENVENISTE, 1988 e 1989) para analisar os dêiticos pessoais na fala da criança.

Cavalcante (2002, entre outros) parte do pressuposto de que o conjunto de trocas interpessoais entre o bebê e a mãe interfere no modo com que o *infans* adentra no sistema da língua. Nesse caso, a mãe faria uso, conforme a autora, de algumas estratégias – verbais e gestuais – para chamar a atenção do bebê, dando pistas de suas intenções e estados emocionais, modulando a atenção e a emoção do *infans* e isso repercutiria no processo de aquisição da linguagem. Cavalcante (2002), após analisar alguns dados de interação entre uma mãe e um bebê (que nesse caso, tinha entre 12 e 24 meses de idade), conclui:

A relação dialógica que se estabelece, ao longo do período analisado e dos momentos de constituição subjetiva que se apresentam, permite conceber que o processo de referenciação vai se estruturando no fazer discursivo, através das interações dialógicas, sustentadas, de início, pelo discurso materno e que possibilita a inserção da criança no uso próprio da língua. A caracterização processual da referenciação vai se configurando à medida em que o próprio infante se subjetiva. Assim, enquanto o bebê está à mercê da interpretação materna, ele é o próprio objeto do discurso numa relação de especularidade. Ao iniciar se processo de diferenciação, isto é, ao assumir uma posição subjetiva, na relação dialógica, *o objeto de discurso passa a ser o compasso de sua fala.* (CAVALCANTE, 2002, p. 51 – destaque da autora).

Em um outro trabalho, tratando do aparecimento e do uso dos dêiticos de pessoa na fala da mãe e do bebê, Cavalcante (2006) destaca o lugar de terceira pessoa que o bebê e a própria mãe ocupam no discurso materno e isso, na visão da pesquisadora, explicaria o fato de a criança usar a terceira pessoa para fazer referência a si mesma em seu discurso.

Silva (2009), por sua vez, baseando-se nas teorizações de Benveniste (1989) a respeito dos modos de funcionamento da língua nos níveis semântico e semiótico, busca descrever a forma com que a criança semantiza signos vazios de referencialidade (como os pronomes) e se instaura no nível semiótico da língua. A autora, então, traz à baila as relações diádicas entre os dêiticos *eu-tu*, *eu/tu* e *(eu-tu)/ele* na fala da criança, e identifica três mecanismos de instauração dos dêiticos pessoais na fala da criança:

1º mecanismo enunciativo: nesse mecanismo, a criança operaria as relações de conjunção dos dêiticos *eu-tu* e, ao mesmo tempo, de disjunção entre *eu/tu*. “Na relação de conjunção, o caráter de *pessoa* implica a constituição mútua de *eu* e de *tu*. Na relação de disjunção, o *eu* institui o *tu*, rompendo a unidade da relação *eu-tu* e constituindo-se como *pessoa subjetiva* em oposição ao *tu*, *pessoa não-subjetiva*”. (SILVA, 2009, p. 226 – itálicos da autora). A autora ainda destaca que nesse primeiro mecanismo “a criança está na dependência do dizer do outro” (SILVA, 2009, p. 232), o que, a nosso ver, levanta um ponto opaco, pois, se nesse primeiro mecanismo a criança está na dependência da fala do outro, como ela faz a conjunção (*eu-tu*) e depois a disjunção (*eu/tu*) entre os dêiticos de pessoa?

2º mecanismo enunciativo: Silva (2009, p. 234) afirma que, nesse segundo mecanismo, “a criança estabelece a relação mundo-discurso e marca a sua entrada no simbólico da língua ao representar os referentes do mundo por palavras no discurso.” Com efeito, o pronome *ele* (pronome de *não-pessoa*) apareceria nas referências do locutor/criança e nas co-referências no discurso do alocutário/adulto. (Cf. SILVA, p. 234).

3º mecanismo enunciativo: a base desse terceiro mecanismo, para a autora, seria a instauração do sujeito na língua-discurso, evidenciada no recurso da criança a certos elementos lingüísticos, como os pronomes *eu-tu/ele*, por exemplo, para se marcar em sua enunciação.

As questões levantadas por Silva (2007 e 2009) acerca do movimento de instauração da criança/sujeito na língua, somadas às observações feitas por Cavalcante (2006) a respeito das repercussões que a fala da mãe pode trazer à fala do bebê, conduziram-nos à exegese dos dados de aparecimento, de funcionamento e de uso dos dêiticos de pessoa na relação mãe-bebê. Acreditamos que a dêixis pessoal, por ser o primeiro ponto para revelação da subjetividade na linguagem, como atesta Benveniste (1988), ainda abriga consigo diversos pontos que reclamam esclarecimentos e que, por sua vez, são capazes de elucidar de algum modo a passagem do *infans* a sujeito na aquisição da linguagem.

Antes, porém, cumpre-nos apresentar algumas considerações de Benveniste (1989 e /1989) a respeito dos “indicadores de subjetividade” na linguagem, bem como alguns conceitos enunciativos a eles atrelados.

CAPÍTULO II – DA NOÇÃO DE DÊIXIS PESSOAL À DE INDICADORES DE SUBJETIVIDADE

Como vimos no capítulo I, a noção de dêixis sofreu elasticidades no curso das diversas perspectivas com que foi abordada, e, mesmo reconhecendo-se as subcategorias criadas talvez com o intuito de delimitar as várias possibilidades de acepção que os dêiticos passaram a designar, havemos de reconhecer que o termo “dêixis” esvaziou-se de sentido, ficando na dependência de um determinante, como “dêixis *adverbial* ou *espacial*”, “dêixis *de pessoa* ou *pessoal*”, “dêixis *textual* ou *discursiva*”, “dêixis *de memória*”, “dêixis *verbal*”, etc. Por essa razão, alguns autores preferiram utilizar outras denominações para se referir a alguns desses fenômenos; é o caso, por exemplo, de Benveniste (1988 e 1989), que se distanciou das abordagens tradicionais da dêixis (inclusive, criticando-as) e preferiu usar o termo “indicadores de subjetividade” para designar partículas que servem à atualização das pessoas no discurso. Interessa-nos, agora, analisar os postulados teóricos de Benveniste a esse respeito e ver alguns dos desdobramentos que essas questões podem trazer a uma abordagem do sujeito na fase inicial de aquisição da linguagem.

Porém, antes de pensar a teoria dos indicadores de subjetividade proposta por Benveniste (1988 e 1989), julgamos indispensável trazer algumas observações sobre as formas de abordagem do sujeito nos estudos lingüísticos para que possamos situar a dimensão que a proposta enunciativa de Benveniste acerca do sujeito na linguagem pode tomar.

II. I Considerações Iniciais

Desde já, destacamos que tratar da relação entre linguagem e subjetividade não constitui nem uma inovação nem um ponto pacífico dentro das teorias modernas da Lingüística. Isso porque o interesse pelo sujeito é um traço comum em quase todas as perspectivas que transcendem o *imanentismo lingüístico* inaugurado por Saussure. Buscando a compreensão do modo com que o sujeito pode “afetar” seus respectivos objetos de investigação, algumas correntes modernas da Lingüística se voltaram, no decorrer da história da ciência da linguagem, para a questão da “subjetividade”, que, aliás, por ser um termo que abriga atualmente um conjunto tão diverso de significações, tornou-se desprovido de sentido. Entretanto, destacamos, com base em Authier-Revuz (1998, p. 16), que as acepções sobre o sujeito podem ser resumidas em duas: a primeira é a do *sujeito-origem*, presente nas abordagens pragmático-comunicacionais, que

pressupõe um sujeito da razão, dono de seu dizer e é ele também fonte e origem de sentido; a segunda acepção, presente em algumas abordagens enunciativas e discursivas, se funda na premissa de que existe na verdade o *sujeito-efeito*, ou seja, o sujeito é um efeito da linguagem. Sem sombra de dúvidas, qualquer uma dessas acepções com que se decida trabalhar será decisiva para definição do modo como é tomada a linguagem nas correntes lingüísticas.

Nessa pesquisa, interessa-nos partir da perspectiva de sujeito que julgamos encontrar em Benveniste (1988 e 1989) e associá-la a questões interacionais presentes na relação mãe-bebê destacadas por Cavalcante (1999, entre outros).

Na trajetória seguida pelos estudos da linguagem, observou-se que o tratamento formal se mostrou insuficiente para dar conta de aspectos interacionais da língua. E a perspectiva pragmática acabou influenciando, de um modo ou de outro, uma gama de vertentes da investigação lingüística, como a semântica, a sociolingüística, a lingüística de texto, a psicolingüística, a análise da conversação, a análise do discurso, entre outras.

Nessas correntes da Lingüística moderna, podem ser identificadas, mesmo que de forma tênue ou de maneira mais acentuada, algumas nuances nas abordagens do sujeito na linguagem. É possível distinguir, de forma implícita ou explícita, os dois pólos de acepção do sujeito de que fala Authier-Revuz (embora talvez haja uma perspectiva “intervalar”, digamos assim, de abordagem do sujeito, como pretendemos mostrar mais adiante).

No primeiro extremo, encontramos um sujeito mais racional, cognoscente, dono de seu dizer, fonte e origem de sentido. É com esta acepção que trabalham a lingüística de texto, as semânticas, a sociolingüística, boa parte dos teóricos da psicolingüística, a análise da conversação entre outras. Estas correntes trazem consigo a preocupação com a natureza cognitiva da linguagem, sem descartar seu componente interacional; é, portanto, compreensível que partam do pressuposto de que o sujeito é ativo em relação ao seu dizer.

Em um outro extremo, observa-se certa conjunção de postulados teóricos do estruturalismo e da psicanálise (sobretudo, a lacaniana), articulados a uma teoria da ideologia (Cf. POSSENTI, 2002). Nessa perspectiva, o sujeito por vezes é tomado como sendo assujeitado. Do estruturalismo (notadamente, o estruturalismo saussuriano), extrai-se a noção de estrutura ou de sistema lingüístico e a articula à idéia de inconsciente tal como formulada por Lacan (destacamos aqui, em especial, LACAN,

1998), associando-as à teoria da ideologia formulada por Althusser (1998), para afirmar que o sujeito não passa de um porta-voz de discursos.

É interessante perceber, nesse panorama, que as teorias da Aquisição da Linguagem convivem, atualmente, com as duas acepções sobre o sujeito. No Brasil, basta observarmos, por exemplo, a perspectiva de sujeito vigente no grupo interacionista de base interpretativa, liderado por Cláudia de Lemos, e compararmos a um grupo de orientação psicolinguística do qual é representante Leonor Scliar-Cabral. O primeiro grupo se volta para a compreensão da constituição do sujeito na linguagem, enquanto que ao segundo importa pensar o sujeito em um plano cognitivo para tratar do caráter inato de estruturas linguísticas biologicamente determinadas.

Talvez não haja mais, na Linguística moderna e, menos ainda, na Aquisição da Linguagem, espaço para extremismos, e mesmo que se decida trabalhar com o sujeito da razão ou com o conceito de *efeito-sujeito*, tem-se de reconhecer outras possibilidades de abordagem do elemento subjetivo na linguagem. Tampouco defenderíamos aqui a possibilidade de se trabalhar com essas duas concepções de subjetividade, pois isso certamente traria consequências epistemológicas ao trabalho com o sentido e com a própria linguagem. Precisamente, a tarefa de definir o sujeito, sobretudo na Linguística, mas também fora dela, é árdua, pois ao conceito de sujeito estão atreladas outras tantas concepções, como a de interação, sentido, discurso, história e mesmo de linguagem.

Delineado esse quadro, voltamo-nos para a perspectiva enunciativa de Benveniste acerca do sujeito na linguagem. Antes de qualquer questão, é necessário enfatizar que estamos diante de dois conceitos caros à teoria (se é que podemos tomá-la no singular) de Benveniste: o de sujeito e o de linguagem. Em Benveniste, ambos estão sempre correlacionados, mas nem sempre são bem lidos.

No que diz respeito ao primeiro conceito (o de linguagem), Benveniste retoma algumas questões da visão saussuriana sobre a língua como um sistema de signos. Para Saussure (1916/2006), o sistema da língua comporta dois tipos distintos (porém sempre correlacionados) de relações que os signos podem estabelecer entre si: relações sintagmáticas (eixo das combinações na cadeia da fala) e relações paradigmáticas ou associativas (eixo das seleções de significantes). Com efeito, Saussure instaurou, no seu paradigma de análise da língua, uma série de dicotomias – a exemplo: sincronia e diacronia, sintagma e paradigma, significado e significante, *langue* e *parole*. Pensamos poder afirmar sem erro que essa última trouxe grandes consequências ao trato da linguagem sob a perspectiva saussuriana, pois para Saussure a *parole* (ou a fala) estaria

no plano das realizações individuais, enquanto que a *langue* (língua) estaria em um plano mais social, e dela a Lingüística deveria se ocupar.

Tal procedimento torna-se bem compreendido se considerarmos os moldes de uma abordagem epistemológica, então vigente, que via com certa desconfiança tudo aquilo que fugisse à objetividade científica e acabasse resvalando na subjetividade. Ora, temos de considerar este paradigma de ideal de ciência com o qual Saussure se deparou, delimitando como objeto de estudo da Lingüística a língua, segundo ele, um fenômeno social, enquanto que a fala estaria, para Saussure, em um plano “individual” e “acessório”:

A fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento; 2º, o mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações. (SAUSSURE, 2006, p. 22).

É aí que, como afirma Pêcheux (1969), “Saussure deixou a porta aberta para entrada do sujeito soberano e psicologizado.”. Godel (1969, p. 144) assegura:

Saussure fundou sua concepção de língua sob uma análise abstrata do fenômeno da linguagem, que tenderia a libertar a instituição social dos atos particulares que a manifestam; mais exatamente, a compreendê-la, de uma só vez, por seus caracteres internos, de preferência chegando ao termo de um estudo afastado dos fatos diretamente observáveis: o ato de fala, o circuito da comunicação.

Desse modo, podemos pensar, seguindo esse raciocínio de Godel, que, mesmo sendo concebida na visão de Saussure como fenômeno social, a língua foi analisada na perspectiva saussuriana como entidade formal e abstrata. Retomando a visão saussuriana de língua como sistema, Benveniste ampliou a perspectiva formalista sem, no entanto, dela se desfazer: para Benveniste (1988 e 1989) a língua seria sim um sistema formal, mas que serve à enunciação. Nesse último ponto, Benveniste efetua um deslocamento incomensurável em relação à perspectiva saussuriana, pois o elemento *enunciação* traz à cena questões como a subjetividade, o contexto, o outro, etc. para as pesquisas lingüísticas, o que significa dizer que a concepção de Benveniste a respeito da linguagem transcende as abordagens imanentistas e redimensiona o horizonte teórico do lingüista e da Lingüística diante dessas questões.

O segundo ponto que gostaríamos de repensar aqui (e que está implicado no primeiro) é o conceito de sujeito em Benveniste (1988 e 1989). Antes de tudo é necessário rever uma tese muito comum nas pesquisas pragmáticas e que, a nosso ver, constitui um equívoco: a idéia de que em Benveniste se verifica a acepção de que o sujeito é a fonte de sentido ²¹, como destaca Possenti (2001, p. 189). De fato, como destaca Possenti (2001) algumas passagens de Benveniste (1988) parecem mesmo sugerir tal raciocínio ²²: “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um **ato individual** de utilização” (p. 82); “depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, **que emana de um locutor**, (...) (p. 82-83); “este é o ato do **locutor que mobiliza a língua por sua conta**” (p. 82) ²³, entre outras. Tais passagens poderiam conter a tese de que o sujeito é a fonte de sentido. Porém, parece-nos que se pode mostrar que esta afirmação não é totalmente viável, se considerarmos outros textos de Benveniste.

Conforme o autor, há para língua duas maneiras de ser na forma e no sentido. A primeira diz respeito ao nível **semântico** da língua, que é definido no ato de colocação da língua em uso e em ação (BENVENISTE, 1989, p. 229); A segunda tem a ver com a natureza **semiótica** da língua, isto é, com os signos como entidades lingüísticas que são dotadas de sentido, dos quais o sujeito deve se valer no ato mesmo de conversão da língua em funcionamento (BENVENISTE, 1989, p. 229-230). Ou seja, se o sujeito precisa submeter-se ao nível semiótico da língua para convertê-la no uso, será que em Benveniste o sujeito é mesmo fonte de sentido? Parece-nos que em Benveniste a linguagem é que garante ao sujeito a sua definição enquanto tal, sendo que, segundo o autor, é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito.

Talvez também não seja possível, distanciando-se de uma perspectiva pragmático-comunicacional, afirmar que em Benveniste se verifica a existência de um sujeito “assujeitado”. Aliás, em Benveniste, o conceito de sujeito deve ser tomado sempre com certo cuidado, pois, como discutimos acima, a ele atrelam-se outros conceitos como o de enunciação e mesmo o de linguagem. Em Benveniste (1988 e 1989), a noção de sujeito adquire várias possibilidades, mas em nenhuma é possível perceber um sujeito extremado ao assujeitamento ou à racionalidade incondicional. É o que fica claro, por exemplo, quando lemos em Benveniste (1988, p. 286):

²¹ São muitos os exemplos; citaremos apenas dois: Ribeiro (2003, p. 137) e Heine (2008, p. 334).

²² Os destaques são nossos.

²³ Os negritos são nossos.

A subjetividade de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como “sujeito”. Define-se não pelo sentimento que cada um experimenta de ser ele mesmo (...) mas como a unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência. Ora, essa “subjetividade”, quer a apresentemos em fenomenologia ou em psicologia, como quisermos, não é mais que a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem. É “ego” que diz *ego*. Encontramos aí o fundamento da “subjetividade” que se determina pelo *status* lingüístico da “pessoa”.

Desta citação podemos depreender alguns subsídios para compreensão do modo com que o sujeito é concebido por Benveniste. Um primeiro ponto é: “a subjetividade tratada por Benveniste não é mais que a capacidade do locutor para se propor como sujeito”. Isso nos faz entender que o autor não estava preocupado em teorizar sobre o sujeito em si, mas sobre o modo de representação do sujeito na língua.

Um segundo ponto que pode ser extraído da leitura de Benveniste é que o fundamento da subjetividade é determinado pelo *status* lingüístico da “pessoa”. Entram em cena, agora, outras questões que tangenciam o conceito de subjetividade: a noção de “pessoa” e de “não-pessoa” na enunciação e sua relação com os *indicadores de subjetividade*.

II. II Os indicadores de subjetividade na teoria de Benveniste

O *Dicionário de Lingüística da Enunciação* (FLORES et al, 2009, p. 140) define o termo “indicadores de subjetividade” como “formas disponíveis na língua utilizadas para convertê-la em discurso, cujo emprego remete à enunciação”. Trata-se, em outras palavras, de formas lingüísticas vazias de referência das quais o locutor pode se apropriar para se atualizar no discurso. Esses indicadores remetem, portanto, a uma realidade enunciativa e, por isso, devem ser tomados em relação à instância discursiva em que estão inseridos. É esse caráter sui-referencial dos indicadores de subjetividade que nos leva a perceber que o sujeito está na língua e, por essa razão, deve ser pensado em sua enunciação.

Desse modo, sob a noção de indicadores de subjetividade estão contempladas as categorias que indicam pessoalidade, espacialidade, temporalidade, etc. Todas essas categorias possuem caráter subjetivo, mas é a categoria de pessoalidade que nos interessa aqui. A noção de pessoalidade pode se apresentar de diferentes modos e em diferentes classes de palavras: nas desinências verbais, nos nomes e nos nomes próprios,

nos pronomes. Quanto a esses últimos, Benveniste (1988, p. 288) é categórico: “os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para revelação da subjetividade na linguagem”. Os pronomes que remetem à pessoa no discurso são *eu/tu*, e o *ele* destina-se à categoria de não-pessoa. Benveniste estabelece também uma distinção de caráter subjetivo entre as duas primeiras pessoas: a primeira pessoa possui caráter subjetivo em oposição à segunda.

Com relação à categoria de pessoa (*eu/tu*), pode-se ainda afirmar sem erro que há nela certa “polaridade”, vez que ao proferir-se um “eu” nas instâncias enunciativas, instala-se simultaneamente um “tu”, a quem o sujeito dirige sua enunciação. Em Benveniste, porém, fica bem marcado que essa polaridade não significa simetria, pois o “eu” vai sempre exercer “uma posição de transcendência” com relação ao “tu”, muito embora cada um desses termos não possa ser concebido sem o outro.

Seguindo tal raciocínio, portanto, fica evidente a condição de alocação a que todo processo enunciativo está submetido, pois, segundo Benveniste, a mobilização do aparelho formal da enunciação é, para o locutor, a possibilidade de se referir pelo discurso, e, para o alocutário, a possibilidade de co-referir do mesmo modo (BENVENISTE, 1989, p. 84). Assim, fica estabelecido que o processo de referência é parte integrante da enunciação (BENVENISTE, 1989, p. 84). E, partindo dessa premissa, cabe-nos analisar de que modo o sujeito dá a conhecer o processo de constituição subjetiva por que está passando, por meio das marcas lingüísticas de sua inscrição no enunciado (*dêixis* pessoal), quando, valendo-se do aparelho formal da enunciação (BENVENISTE, 1989, p. 81-84), torna próprio o uso da língua e sua reversibilidade em situação de enunciação com o outro.

Mas, se é verdade que o fundamento da subjetividade na linguagem se assenta sobre o uso dos pronomes pessoais, Benveniste questiona a natureza desses pronomes, argumentando que “não remetem nem a um conceito nem a um indivíduo.” (1988, p. 288), e prossegue usando como exemplo o “eu”, que não se define como uma entidade lexical, mas que refere um ato individual de discurso em que é proferido, designando a presente instância discursiva que o enuncia. Ou seja, cria-se, assim, uma realidade discursiva na qual o “eu” está inserido, designando o locutor que se enuncia como sujeito. Fora dessa realidade, o “eu” adquire um outro sentido. “É portanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua” (Cf. BENVENISTE, 1988, p. 288).

Em Benveniste, acreditamos que já está colocada a relevância da função desempenhada pelo **outro** para constituição subjetiva, pois é em função dele que o papel do sujeito é definido na enunciação e é a partir dele que o indivíduo constrói as significações de linguagem. Na verdade, a visão benvenistiana nos permite dizer que a subjetividade encontra seu sentido não na multiplicação dos “eu” que são enunciados pelo sujeito, mas naquilo em que cada um é o complemento necessário e condicional do outro. O uso dos indicadores de subjetividade revela isso.

Seguindo esse raciocínio, poderíamos dizer que para compreensão do processo de representação do sujeito na estrutura da língua torna-se indispensável, por um lado, considerar o funcionamento da dêixis pessoal (posto que este é, conforme assegura Benveniste – e acreditamos que a essa altura isto já esteja claro, o primeiro ponto para revelação da subjetividade na linguagem) e, por outro, lançar mão de uma perspectiva enunciativa, uma vez que, ainda segundo Benveniste, a dêixis possui uma realidade enunciativa, no instante em que é proferida.

Segundo Benveniste (1988, p. 279), a relação eu/ tu ↔ aqui ↔ agora forma a base de constituição do sistema da língua. Desta base, derivam-se outras categorias lingüísticas como “meu”, “teu”, “hoje”, “amanhã”, “neste lugar” etc. Para ele, os dêíticos contêm o indicador de pessoa, sendo que dessa referência emerge seu caráter cada vez único e particular no ato de enunciação. Nesse sentido, Flores et al (2008, p. 22) afirma:

Enfim, mesmo que o assunto exija maiores explicações, é possível dizer sem incorrer em equívoco, que Benveniste, ao propor a noção de *aparelho formal da enunciação*, considera que a língua, como sistema que é, tem em sua organização (estrutura) um aparelho formal que possibilita ao sujeito enunciar nesta língua. O aparelho (indicadores de subjetividade, tempos, modos etc.) como tal pertence à língua, mas seu uso é dependente da enunciação. Ou seja, o conceito de enunciação está ligado ao princípio da generalidade do específico.

Desse modo, podemos pensar que a visão de língua de Benveniste comporta elementos formais para expressão da subjetividade (os indicadores de subjetividade, dentre outros) que estão em um plano mais geral ou mesmo universal e esses indicadores permitem ao sujeito revelar a singularidade de sua existência na/pela linguagem. Em outras palavras, poderíamos dizer que, em Benveniste, o aparelho formal da enunciação é, a um só tempo, universal e particular. Analisando a questão,

Flores et al (2008, p. 22 – destaque dos autores) prossegue nos dando a seguinte formulação: “é universal que todas as línguas tenham dispositivos que permitam sua utilização singular pelos sujeitos; é particular a configuração destes sistemas e o uso que os sujeitos fazem deles.”.

II. III Principais noções associadas aos indicadores de subjetividade

Como podemos perceber, ao conceito de indicadores subjetivos estão atrelados outros tantos conceitos recorríveis na teoria de Benveniste, como ficou mais ou menos insinuado logo acima. Quando o autor afirma que o uso dos índices de subjetividade refere um ato individual de discurso em que está inserido e designa a presente *instância discursiva* que o enuncia, ficamos diante de outra noção: a de *instância discursiva*; essa diz respeito a um ato de discurso no qual o sujeito que enuncia se insere naquilo que diz. Esse ato é sempre singular, pois envolve circunstâncias únicas em que o discurso é produzido e cria um eixo de referências internas, em torno do qual gravitam as noções de tempo e espaço. Em outras palavras, a instância de discurso revela uma situação enunciativa específica em que os indicadores subjetivos são associados àqueles que os enunciam.

Agora entra em jogo outro conceito bastante recorrente às considerações de Benveniste sobre o sujeito e sobre a linguagem: o conceito de enunciação. Para o autor, a enunciação “é este colocar em funcionamento a língua por meio de um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1988, p. 82). Ora, a própria visão de Benveniste sobre a enunciação nos deixa entrever o caráter efêmero do ato enunciativo, pois a cada vez que a língua é posta em funcionamento revela um tempo único (relacionado à enunciação do locutor), um sujeito distinto com interesses diversos. Antes da enunciação, podemos afirmar, a língua não passa de uma virtualidade, o sujeito não passa de uma possibilidade. Mas a partir da enunciação o sujeito torna própria a língua ou o *aparelho formal da enunciação*.

Nesta pesquisa que tem sido levantada sobre a relação entre a dêixis pessoal e o processo de constituição subjetiva, voltamo-nos, a partir dos enunciados produzidos pelo bebê nas diversas interações com a mãe, para o processo de enunciação, pois é nele que observamos as mudanças de relação do sujeito com a língua e é também o lugar em que o sujeito se instaura: “Porque a enunciação é o lugar de instauração do sujeito e este é o ponto de referência das relações espaço-temporais. Ela é o lugar do “ego” (...)”.

(FIORIN, 1996, p. 42).

Em consonância com esta afirmação de Fiorin, podemos encontrar, em Benveniste, a tese de que é o movimento de enunciação que recria indefinidamente o sujeito (Cf. BENVENISTE, 1988, p. 285) e a produção de um enunciado supõe necessariamente um ‘locutor’, que instala de forma simultânea um ‘interlocutor’ com o qual enuncia em um dado contexto (Cf. BENVENISTE, 1988 e 1989).

Para Benveniste (1988), a linguagem só é possível porque cada locutor se propõe como sujeito em dada situação da atividade enunciativa. Sendo assim, a linguagem é concebida como possibilidade de expressão da subjetividade, comportando marcas do processo de constituição do sujeito e a língua, quando assumida pelo homem que fala, apresenta-se sob a condição de *intersubjetividade*, única que torna possível a comunicação lingüística (Idem, p. 293).

De acordo com o autor, a língua dispõe de formas vazias quanto à referencialidade (os índices subjetivos de modo geral) das quais o locutor se apropria para definir-se a si mesmo como *eu*, sujeito da enunciação, e, ao mesmo tempo, instala nas instâncias do discurso o seu interlocutor - o *tu*. A enunciação é, portanto, conforme podemos perceber em Benveniste, o lugar em que a relação eu-outro se evidencia e se constitui.

Desse modo, podemos perceber que os indicadores de subjetividade, e em especial, os pronomes pessoais, têm a propriedade de fazer uma referência particular à instância discursiva que os produz, mesmo possuindo um significado geral próprio. Em outros termos, os indicadores de subjetividade, de acordo com Benveniste, envolvem uma complexa relação entre sujeito/outro, enunciação e linguagem. Parafraseando o axioma proposto por Jakobson (1984), à luz do prisma teórico fornecido por Benveniste, teríamos: “É por isso que indicadores subjetivos são umas das últimas aquisições da linguagem infantil e estão entre as primeiras perdas da afasia”.

II. IV Por uma visão enunciativa dos indicadores de subjetividade em Aquisição de Linguagem

Como já está posto, o uso de um índice de subjetividade só encontra seu sentido na relação que estabelece com a instância discursiva onde aparece. Ora, na aquisição da linguagem, ao se propor como sujeito em sua enunciação, a criança deixa transparecer marcas dos diferentes movimentos enunciativos no mecanismo da aquisição da desses indicadores, ao mesmo tempo em que revela os movimentos de sua própria constituição subjetiva. Desse modo, as pesquisas sobre a aquisição da dêixis, em sua maioria, não

atentaram para os diferentes mecanismos *lingüísticos* que o uso da dêixis envolve e se detiveram ao estudo dos dêiticos em seus vários contextos.

A dêixis e a dêixis pessoal na aquisição da linguagem infantil suscitam questões que interrogam os dois campos de investigação lingüística: de um lado, os estudos da Aquisição da Linguagem se debruçam no esclarecimento da passagem do *infans* a falante/sujeito de sua língua; de outro, as pesquisas enunciativas tentam entender a complexa relação entre sujeito e linguagem na enunciação. Acreditamos, como temos defendido aqui, que os indicadores de subjetividade permitem-nos atender a essa demanda dos dois campos, pois pensamos que a enunciação dos índices subjetivos pode revelar a relação entre sujeito e sua língua na aquisição infantil da linguagem. Não se trata de buscar a complementaridade das duas áreas, nem tampouco partir em busca dos resíduos teóricos deixados por ambas; na verdade, interessa-nos a compreensão da afetação de um discurso por outro. Como e em que medida a visão de Benveniste dos indicadores de subjetividade podem interessar à abordagem interacional de Cavalcante (2005, 2006) da aquisição da linguagem na criança, e vice-versa? Eis uma das questões que autorizam a presente pesquisa e mesmo abrem possibilidades de diálogos entre os dois campos.

CAPÍTULO III – METODOLOGIA

A metodologia a ser utilizada para investigação e análise do objeto revela muito da postura teórica assumida pelo investigador de qualquer campo teórico; a escolha do próprio objeto é determinada pelo viés da teoria com a qual o pesquisador decide trabalhar. “O ponto de vista cria o objeto”, afirmou Saussure (2006).

Por outro lado, o objeto de estudo também apresenta suas demandas para a leitura que o investigador irá fazer e para a teoria que subsidiará a pesquisa. É, de fato, uma via de mão dupla. Em nosso caso, não é diferente. O trabalho na interface entre a Aquisição da Linguagem e a Lingüística da Enunciação apresenta algumas questões e outros impasses às análises dos dados.

Aliás, o próprio dado enunciativo na aquisição da linguagem constitui um dilema: para Flores (2008), por exemplo, quando tratamos de enunciação, “o *dado* não é jamais ‘dado’”, pois a forma com que se chega aos dados traz consigo aspectos da observação e da descrição do observador. Assim, compete-nos proceder a alguns esclarecimentos a respeito dos procedimentos metodológicos adotados para realização do presente trabalho.

III. I Da coleta dos dados

Nossa pesquisa se pauta na observação da relação mãe-bebê em situações naturalísticas de interação, melhor dizendo, partimos das produções enunciativas da mãe e do bebê em contextos naturalísticos para investigar nosso objeto. A esse respeito, convém lembrar uma observação feita por Silva (2009, p. 191):

(...) numa situação de coleta de dados, por mais que se busque a neutralidade, o fato de a fala ser objeto de estudo envolve o que Labov (1971) chama de “o paradoxo do observador”. Nesse caso, um desconhecido – o pesquisador – ao procurar amostras de linguagem por meio de entrevistas controladas, pode afetar a desenvoltura da criança ao falar, por perceber esse contexto como diferente daquele natural em que interage.

O *corpus* de que dispomos é constituído essencialmente por dados orais e se integra aos *corpora* gerais do projeto “A gênese da referência” (GERE)²⁴. Trabalhamos, especificamente, com as díades B, D e G que, em termos quantitativos,

²⁴ O projeto GERE foi desenvolvido, em parte, por nós, no *Laboratório de Aquisição de Fala e Escrita (LAFE)* da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Prof^a. Dr.^a Marianne C. B. Cavalcante.

somam 57 sessões já transcritas, que compreendem a faixa etária de 02 a 32 meses de vida da criança. Esquematizamos algumas informações relativas aos dados no quadro seguinte.

		Criança			Situação atual da díade
Díade	Sessões	Sexo	Idade na 1ª sessão	Idade na última sessão	Filmagens e transcrições
B	48	M	02m 00d	24m 00d	Concluídas
D	04	F	24m 24d	31m 00d	Concluídas
G	05	M	28m 12d	32m 08 d	Concluídas

Interessa-nos principalmente as produções da criança no período que compreende 12 e 32 meses, por razões impostas pela natureza de nossa pesquisa: nos fragmentos observados, os dêiticos de pessoa não aparecem nas produções enunciativas do bebê no período anterior a esse.

Os dados a serem analisados correspondem a registros quinzenais feitos em videocassete e em DVD, com duração média de vinte minutos cada, gravados em situação natural na casa dos participantes das díades. Optamos por fazer um estudo longitudinal, de caráter qualitativo e interpretativo, sobre a emergência, o funcionamento e o papel dos dêiticos pessoais na fala da criança.

III. II Da transcrição e da análise dos dados

A transcrição dos dados das produções enunciativas na aquisição da linguagem infantil, como qualquer outro tipo de transcrição, está inevitavelmente sujeita a interpretações do investigador e a aparente imparcialidade dos dados não passa de uma ilusão. Isso porque, como todo ato de enunciação, a transcrição carrega consigo elementos da subjetividade do enunciador, porém ela apresenta uma particularidade: é um ato de enunciação que tenta representar outro ato de enunciação. Esse caráter metalingüístico traz à transcrição outra questão imposta pela natureza efêmera da enunciação, que se apresenta como única e irrepetível; ou seja, o dado da enunciação não pode traduzir nem os reais interesses dos sujeitos envolvidos na cena enunciativa nem as circunstâncias (de tempo, de situação, de lugar, etc.) em que é produzido. Isso

nos impele a concordar com Flores (2008, p. 42) quando afirma que “a situação do discurso a ser transcrita tem seu estatuto alterado”. O autor prossegue apresentando uma distinção entre o “dato enunciativo” e o “fato enunciativo”; este último, na visão do autor, é entendido como um fenômeno que serve para explicitar “a maneira pela qual o sujeito se marca naquilo que diz”. Desse modo, a noção de “fato enunciativo”, posta dessa maneira, parece-nos mais conveniente, sobretudo porque assume de forma explícita ser produto de uma interpretação. Em nosso caso, para proceder à análise, segmentamos os fatos enunciativos entre mãe-bebê e os apresentados em *fragmentos*. Nos anexos dessa pesquisa, seguem os fatos enunciativos na íntegra.

Por fim, cabe trazer algumas observações feitas pelo autor no tangente ao assunto:

- a) transcrever é a condição da análise empreendida, sendo até mesmo uma etapa da análise, podendo ser estendida a estudos de diferentes *corpora*, inclusive de natureza gráfica;
- b) cada transcrição é sempre única, singular e não linearmente extensível;
- c) a transcrição não pode ser considerada integral, nem mesmo pode ser generalizável. (FLORES, 2008, p. 42).

Nas transcrições que seguem em anexo, constam dois tipos de transcrição: uma transcrição segmental seguindo o *Alfabeto Fonético Internacional* (IPA) e uma transcrição ortográfica, abaixo da fonética, como forma de facilitar a leitura dos dados. As marcas suprasegmentais, descrição da qualidade vocal, registro, velocidade de fala, etc, aparecem em parênteses logo acima da transcrição fonética; as pausas, vêm com seu tempo colocado em parêntese, por exemplo (2s), representando uma pausa de dois segundos; as curvas entonacionais são delineadas na linha abaixo da transcrição fonética. A descrição do comportamento não-verbal materno é colocada em parêntese, na mesma linha da transcrição fonética; já os comportamentos do bebê, que em sua maioria são não-verbais, são descritos sem a utilização de parênteses.

Os dados que selecionamos foram expostos aqui em fragmentos e fizemos uma transcrição ortográfica da fala, colocando entre parênteses algumas informações que julgamos importantes à compreensão da cena enunciativa.

III. III Apresentação dos dados

Os dados a serem apresentados estão agrupados de acordo com os movimentos dêiticos de instauração do sujeito/criança em seu discurso. Para fazer o levantamento do número de dêiticos pessoais que aparecem nas produções enunciativas da mãe e do bebê, levamos em consideração as ocorrências da dêixis pessoal e não os casos. Por exemplo, em determinados enunciados, a mãe utiliza o nome próprio (ou dela ou do bebê) para fazer referência aos participantes da cena enunciativa. Em uma mesma sessão, embora esse recurso na fala materna possa remeter a um mesmo caso, estamos considerando as ocorrências dos dêiticos pessoais.

Aliás, é fundamental lembrar uma questão: tanto em nossa pesquisa, quanto em nossas análises, estamos considerando que a dêixis pessoal pode se manifestar em três diferentes categorias: nos verbos (dêixis verbal), nos pronomes (dêixis pronominal) e nos nomes (dêixis nominal ²⁵).

Num primeiro momento, a criança não faz uso de qualquer dêitico e está na dependência da fala do outro materno. Esse momento, é importante sublinhar, possui importância fundamental para a fala do bebê e para emergência dos dêiticos em sua enunciação, pois é a partir da observação de pistas lingüísticas presentes na fala da mãe que a criança cria recursos para se atualizar no discurso, como mostraremos. Identificamos três movimentos diferentes e interligados de funcionamento da dêixis pessoal na fala do bebê: movimento de ocupação de espaço na estrutura da língua (1º movimento); movimento de percepção dos dêiticos de pessoa (2º movimento); e o movimento de entrada no jogo reversível da dêixis pessoal (3º movimento).

1. Movimento de ocupação de espaço na estrutura da língua (1º movimento): nesse primeiro movimento, a criança busca reservar para si e para o outro um espaço em sua enunciação. De uma maneira geral, é comum o uso de nomes e de nomes próprios para fazer referência às pessoas do discurso. Nesse movimento prevalece o uso da terceira pessoa. Tal fato pode ser percebido nos fragmentos abaixo.

FRAGMENTO: DÍADE: D, IDADE: 26 meses 10 dias

²⁵ Não temos conhecimento de nenhum teórico que utilize o termo “dêixis nominal”; pelo contrário, vários autores se opõem a essa idéia. Marcuschi (1997), por exemplo, critica a inclusão dos nomes na categoria dêitica. Porém, acreditamos que, principalmente na aquisição da linguagem (embora não somente), os nomes constituem uma categoria importante para atualização das pessoas no discurso e, por essa razão, defendemos a utilização dessa nomenclatura e assumimos a inteira responsabilidade por isso.

CONTEXTO: *Mãe e bebê estão no quarto e brincam com um aparelho de telefone.*

M. Sou eu, a Sílvia, mãe de Gabriela, é? tudo bem?

C (olha para mãe)

M E você? é, ela vai falar com você. Um beijo. Tchau.

C alô, lô. Biela. Tchau, e beijo.

FRAGMENTO: DÍADE: G, IDADE: 29 meses 04 dias

CONTEXTO: *Mãe e bebê estão em casa, conversando.*

M Hoje você vai sair pra onde?

C Samara

M buscar Samara, cê gosta de Samara. Quem foi que montou essa árvore?

C É Aline.

M Aline, é? Aline? Aline botou o quê na árvore?

C A presente

M Presente?

C Natal.

FRAGMENTO: DÍADE: G, IDADE: 31 meses 00 dias

CONTEXTO: *Mãe e bebê estão brincando na área externa.*

M Eita, que piscina chique é essa? Quem te deu, Aline?

C Foi mamãe.

M Foi mamãe? Agora se deixar fica o dia todo aí dentro.

C Encheu foi, foi.

M Isso, vai tirano us brinquedos pra mamãe. Ajuda.

C Eita

M Tu ajuda não?

C O que o carro faz? Pega os brinquedos de Aline.

2. Movimento de uso dos dêiticos pessoais (2º movimento): o segundo movimento de uso da dêixis pessoal na fala da criança é marcado pelo aparecimento dos dêiticos de primeira e segunda pessoa na enunciação do bebê, porém há uma flutuação na referência desses dêiticos às pessoas do discurso. E

ora a criança usa os dêiticos de primeira pessoa para fazer referência à segunda, ora usa os dêiticos de segunda pessoa referindo-se à primeira.

FRAGMENTO: DÍADE: D, IDADE: 28 meses 10 dias

CONTEXTO: *Mãe e bebê estão numa área (na parte de baixo do prédio)*

- M. Vovô
C Oi, vovô
M Sou eu (incentivando o bebê a falar com o avô)
C **Sou eu**
M Gabriela
C **Gaela**

FRAGMENTO: DÍADE: B, IDADE: 30 meses

CONTEXTO: *Mãe e bebê conversando na sala de jantar.*

- M- Quem é que ama **a mamãe**, quem é? (Pausa).
C- **Eu**
M- Eu? (pausa), eu quem?(Pausa)
C- A mãe

3. Movimento de entrada no jogo reversível da dêixis pessoal (3º movimento): nesse movimento a criança percebe o caráter de reversível dos dêiticos pessoais e, operando disjunções entre a primeira pessoa e a segunda do discurso, passa a fazer uso discriminado dos dêiticos pessoais.

FRAGMENTO: DÍADE: G, IDADE: 26 meses e 14 dias

CONTEXTO: *Mãe e bebê estão sentados no chão conversando.*

- M- Vou fazer suco. Quem quer suco?
C- Eu
(corte na gravação)
M- É, é. Aline foi sábado pro shopping com quem, hem?
C- (pausa)

- M- As prima num tava com você não? Ela foi brincar naqueles, aí foi a maior (risos) (pausa). O que Aline tá fazendo?
- C- Tô dormino.
- M- Tá dormino? Pôxa, dormino até tarde hoje e ainda ta com sono? (toca o telefone)
- C- Oi
- M- Vai atender, você quer atender o telefone?
- C- Quero (tenta subir no móvel)
- M- Quer? Alô, não, não.

FRAGMENTO: DÍADE: D, IDADE: 26 meses e 10 dias

CONTEXTO: *Mãe e bebê conversando no quarto.*

- M- É ali é pra botar o pé. Soqui o pé, soqui. O outro pé da, dela tá quebrado, ó.
- C- adela (soluços)
- M- Cê vai ficar com pé só, é?
- C- Pé só. (solução)
- M- Tá com solução, né?
- C- óluçu não
- M- Calce, Calce, vá (olhando para sandália do pé)
- C- Eu calço.
- M- Então calce (pausa). Uma aguinha pra passar o soluço, vamos.
- C- não, eu calço, eu calço.

CAPÍTULO IV – ANÁLISE DOS DADOS

IV. I Do ponto de vista da fala da mãe: o sujeito enunciado

Nos primeiros meses de vida, o bebê está na quase total dependência da fala do outro. Nesse momento, a criança é inserida em uma estrutura dialógica por meio de uma *fala atribuída* materna em que a mãe fala "como se" fosse o bebê, dando-lhe significação, atribuindo-lhe “voz”, configurando, assim, uma instância inicial de funcionamento da língua (Cf. CAVALCANTE, 1999, 2004, 2006). Essa fala melódica, infantilizada e rica em *falsetto* é denominada, na literatura da Aquisição da Linguagem, de *manhês* ²⁶. Nessa instância particular e peculiar da fala materna, é notável uma grande oscilação nas posições de pessoa que são atribuídas à criança nos enunciados: ora a criança enuncia no enunciado da mãe, ocupando a posição de primeira pessoa de uma enunciação que lhe é atribuída; ora a criança é enunciada e passa a ser objeto do discurso materno, ocupando uma posição de terceira pessoa, como mostraremos.

Logo veremos que na fase inicial da aquisição da linguagem podem ser percebidos dois eixos paralelos de sistemas de referência aos participantes da cena enunciativa, nos quais a mãe e o bebê se mobilizam incessantemente.

O primeiro eixo de referência dêitica às pessoas da enunciação está presente na fala atribuída materna. Nele, o sujeito da mãe pode ser representado em, pelo menos, três instâncias discursivas diferentes: o sujeito enunciadador de suas próprias produções, aquele que fala em nome dele mesmo e que vamos denominar “SE ¹”; o sujeito enunciado pela suposta enunciação atribuída ao bebê (SE ²), que funciona também como objeto do discurso; e o sujeito/interlocutor (SI ¹) que, na enunciação atribuída ao *infans*, exerce um papel interlocutivo e se confunde com a segunda pessoa do espaço discursivo. ²⁷ Vejamos os fragmentos abaixo:

FRAGMENTO 1: DÍADE B, IDADE: 12meses e 21 dias

²⁶ Há outras denominações, como destaca Cavalcante (1999).

²⁷ Essa constatação confirma alguns apontamentos feitos por Cavalcante (2005) a respeito da existência de instâncias subjetivas distintas na fala atribuída materna.

O bebê está sobre o tapete e a mãe está organizando as roupas. (em manhês)

- 01 M (...) Quer dormir, quer?
02 C Qué, qué
03 M Quer? **Mamãe bota** a rede pra você dormi (...) → (SE ²)
deixa eu botar a rede pra gente dormir aqui na rede (...) → (SE ¹)
04 C Mi, mi

FRAGMENTO 2: DÍADE B, IDADE: 12 meses e 15 dias

A mãe está trocando as roupas do bebê (em manhês)

- 01 M - Cadê Vitor? Cadê o nenê de mamãe? Cadê ele?
02 C - (Mexe os braços e olha para mãe)
03 M – Cadê o menino de mamãe, **Tu** (...) (SI ¹)
Acho, mamãe. Acho. (...)

FRAGMENTO 3: DÍADE B, IDADE: 12 meses e 15 dias

A mãe está trocando as roupas do bebê (em manhês)

- 01 M - Cadê o passarinho, **Vitor**? Cadê o passarinho? (SI ¹)
02 C – (Vocaliza)
03 M – Cadê, **Vitor**? (SI ¹)

Como podemos perceber no 01, no turno 03, a fala materna representa o sujeito enunciador de duas formas: com a marca de terceira pessoa e a referência de primeira “a mãe bota”, típica função SE ², e no turno seguinte a atualização da primeira pessoa discursiva é feita por meio do pronome “eu”. Verifica-se, pois, aí alguma oscilação nas formas lingüísticas de referência à primeira pessoa discursiva, a quem se atribui o mesmo papel de agente da ação indicada na oração dos sintagmas “a mãe bota” e “deixa eu botar”.

Essa mesma oscilação se aplica à função interlocutiva conferida à criança nos fragmentos 2 e 3. No turno 03 do fragmento 2, essa função é posta em cena por meio de um dêitico pronominal de segunda pessoa (“Tu”); já no fragmento seguinte, nos turnos 01 e 03, a representação da segunda pessoa se dá nas formas nominais vocativas de “Vitor”. Note-se que nas duas instâncias enunciativas, a atualização dos participantes do discurso é feita de maneira deslizante.

Logo podemos ver, nesses fragmentos 01, 02 e 03, na fala materna, que a representação do sujeito/mãe desdobra-se em dois tipos de proposição subjetiva em

função de um terceiro elemento intersubjetivo: o sujeito enunciador é deslocado para posição de sujeito enunciado e, ao mesmo tempo, sua enunciação se destina a um interlocutor atualizado pelos dêiticos nominais que se referem à mãe, mas que, por vezes, substituem a pessoa do bebê.

Esse modo de funcionamento de representação do sujeito materno pode ser esquematizado da seguinte forma: $SE^1/SE^2 \rightarrow SI^1$, em que a ocupação dessas posições enunciativas alterna-se a cada enunciação.

Do mesmo modo, as representações do bebê nas enunciações atribuídas da mãe também passam por alterações visíveis e, em algumas situações, confunde-se com a própria representação materna nas estruturas lingüísticas. Na cena enunciativa delineada pelo manhês, parte-se de uma particularidade que não pode ser ignorada: o bebê é sujeito enunciador de uma enunciação que não é sua, ou seja, é-lhe atribuído, mesmo que de forma provisória, o lugar de enunciador suposto, o qual é enunciado em primeira pessoa do discurso. A este enunciador denominamos “ES¹”.

Em grande parte das situações enunciativas, o sujeito/criança comparece na fala materna com a marca lingüística de terceira pessoa, seja com sintagmas nominais, seja com sintagmas pronominais. Para identificar esse tipo de ocorrência, utilizaremos a abreviação “ES²”.

Mesmo se tratando de uma fala atribuída ao bebê, em algumas situações este é tomado como interlocutor de sua própria enunciação, nesse caso chamaremos “SI²”.

Ora, pode-se constatar que a representação do *infans* no manhês, do mesmo modo que a representação materna passa por essas três instâncias distintas de proposição subjetiva: o enunciador suposto propõe-se como sujeito ora em primeira pessoa, ora em terceira, ao mesmo tempo em que instala seu interlocutor (que, nessa fala atribuída, pode ser o próprio bebê ou a mãe). O esquema agora passa a ser: $ES^1/ES^2 \rightarrow SI^2$.

FRAGMENTO 4: DIADE B, IDADE: 12 m 15 d

A mãe e o bebê estão conversando (em manhês)

- 01 M “Olha o pintinho, mãezinha!” → (ES¹)
02 M “Bora brincar, mamãe?” → (ES¹)

FRAGMENTO 5: DIADE B, IDADE: 12 meses e 15 dias

A mãe está trocando as roupas do bebê (em manhês)

- 01 M Cadê Vitor? Cadê o nenê de mamãe? Cadê ele? → (ES²)

- 02 C (Mexe os braços e olha para mãe)
- 03 M Cadê o menino de mamãe, Tu (...)
Acho, mamãe. Acho. (...)
- 04 M **Eu tô** aqui, mamãe, **eu tô** aqui (em falsetto) → (ES ¹)

FRAGMENTO 6: DIADE B, IDADE: 12 m 15 d

A mãe e o bebê estão conversando (em manhês)

- 01 M “Olha o pintinho, **mãezinha!**” → (SI ²)
- 02 M “Bora brincar, **mamãe?**” → (SI ²)

Em todos os fragmentos o sujeito infantil supostamente enuncia. No fragmento 4, a atualização dessa função subjetiva se dá nos sintagmas verbais presentes nos dois turnos, pois neles o sujeito suposto convida o interlocutor materno a participar de duas ações “Olha o pintinho” e “Bora brincar”. Notadamente, no plano do discurso, a função de interlocutor é preenchida pelo sujeito materno nos sintagmas “mamãe” e “mãezinha”.

No fragmento 05, no turno 01, o enunciador suposto fala de si mesmo em terceira pessoa nos segmentos destacados “Cadê **Vitor?** Cadê **o nenê de mamãe?** Cadê **ele?**”. É como se ambos, o bebê e a mãe, abstraindo-se da cena enunciativa de que efetivamente participam, estivessem falando de um terceiro participante, que neste caso se refere ao próprio bebê. Isso implica um deslocamento radical, pois o bebê, que se movimentava nas funções de sujeito enunciado, suposto enunciador e interlocutor, ocupa agora a posição de objeto do discurso da díade.

No mesmo fragmento, no turno 04, o enunciador suposto é enunciado em primeira pessoa dizendo à mãe “eu tô aqui”, enquanto que a mãe ocupa aí a posição de interlocutor desse sujeito que está sendo enunciado.

No manhês, a representação da pessoa materna ocorre nos moldes do esquema SE ¹/SE ² → SI ¹ (em que SE ¹ é o sujeito enunciador de fato e, na enunciação, se propõe como sujeito; SE ² é o sujeito materno sendo enunciado na enunciação atribuída ao bebê; SI ¹ é remete ao deslocamento do sujeito materno para posição de interlocutor). Enquanto que para representar a criança e garantir-lhe um espaço na enunciação, a mãe se utiliza de recursos simbolizados no seguinte esquema: ES ¹/ES ² → SI ² (no qual ES ¹ é o enunciador suposto; ES ² representa o sujeito/criança em terceira pessoa; SI ² diz respeito à ocupação da função interlocutiva do parceiro enunciativo, nesse caso a mãe).

Portanto, do ponto de vista da enunciação de primeiro eixo, o *infans* se vê representado e sustentado em diversos lugares no discurso. Por meio da observação de comportamentos diversos do *infans* (tais como troca de olhares com a mãe, vocalizações, balbucios, etc) frente ao discurso materno, podemos perceber que o sujeito não está alheio ou passivo à cena enunciativa, mas está em processo de constituição.

No decorrer das interações languageiras, a mãe pode preferir a fala normal à fala atribuída, quando, então, é posto em cena o segundo eixo de referência às pessoas discursivas. Nele, a mãe pode se enunciar em primeira pessoa com a marca lingüística de primeira pessoa (Se ¹) ou com a marca lingüística de terceira pessoa (Se ²) e toma o bebê como seu interlocutor (SI) ao mesmo tempo em que fala de um objeto discursivo constitutivo do próprio ato enunciativo. Nesse caso, podemos verificar, na estrutura enunciativa, a disjunção entre o sujeito locutor (a mãe) e o interlocutor (o bebê) tomado de forma implícita ou explícita (no uso de vocativos). Vejamos os fragmentos abaixo:

FRAGMENTO 7: DÍADE G, IDADE: 31 meses e 00 dias

A mãe e o bebê estão brincando na área externa da casa

- 01 M – **Eu pensei** que fosse pequeno quando **eu** (pausa) quando **eu pedi** pra Jorginho encher. **Eu disse**: “Meu Deus, onde é que **eu vou** guardar isso?” (Se ¹)
- 02 C - (Continua retirando os brinquedos da piscina)
- 03 M – **Aline** gosta de nadar? (SI)
- 04 C – Gosta. Mamãe e papai também gosta

FRAGMENTO 8: DÍADE D, IDADE: 24 meses e 24 dias

A mãe e o bebê estão no sofá. A mãe está dando comida ao bebê.

- 01 M – **Tu** espera um pouquinho? (SI)
- 02 C - (olhando para o televisor)
- 03 M – Amanhã a gente vai pra praia
- 04 M – (olhando para o televisor)

FRAGMENTO 9: DÍADE G, IDADE: 31 meses e 00 dias

A mãe e o bebê estão indo para área externa para brincar

- 01 M – Vai tirano os brinquedos pra **mamãe**, ajuda (Se ²)
- 02 C – Eita (balança o brinquedo e se molha). Não, não.
- 03 M – **Tu** ajuda não? (SI)

Nestes fragmentos acima, é perceptível que a mãe não mais usa a fala melódica e infantilizada para se dirigir à criança. No fragmento 7, no turno 01, a mãe comparece à cena enunciativa na posição de sujeito enunciador de suas próprias produções e se representa em primeira pessoa, seja nos pronomes, seja nos verbos, como se vê nos trechos “Eu pensei”, “eu pedi”, “eu disse” e “eu vou”. Logo, instala-se nessa mesma cena a criança como interlocutor da mãe, porém prevalece ainda a marca de terceira pessoa no uso do dêitico nominal “Aline” (turno 03). Em seguida, a criança, em resposta à pergunta feita pela mãe no turno 03, representa-se também com marca de terceira pessoa no uso do verbo “gosta” (turno 04).

Porém, no fragmento 09 (turno 03), a mesma mãe enuncia um dêitico de segunda pessoa o “tu” para fazer um questionamento à filha, que por sua vez, utiliza no turno seguinte novamente seu nome próprio para fazer referência a si mesma no discurso. É interessante notar que seu enunciado surge agora não exatamente em resposta à pergunta feita pela mãe, mas à pergunta feita por ela mesma; vejamos (turno 04): “O que o carro faz? Pega os brinquedos de Aline”. Ora, a criança aí é que faz seu próprio convite à enunciação e responde a ele.

O fragmento 8 (turno 01) é marcado pela utilização, por parte da mãe, do dêitico de segunda pessoa para se dirigir à criança, porém percebamos ainda nessa cena uma outra questão: a mãe usa um outro dêitico pessoal (que é largamente utilizado na gramática do português falado no Brasil ²⁸) que representa a primeira pessoa do plural, mas com a particularidade de ser marcado e flexionado na terceira pessoa do singular. Conforme Benveniste (1988), o plural em primeira pessoa pode ser feito de forma inclusiva (eu + tu – plural inclusivo) ou de forma exclusiva (eu + ele – plural exclusivo).

Notadamente, o uso do “a gente” na fala materna nesse contexto representa a forma do plural inclusivo de primeira pessoa. Chamamos a atenção para o fato de que a mãe já utiliza nesse segundo eixo enunciativo formas dêíticas mais complexas do ponto de vista estrutural-discursivo e, ao mesmo tempo, insere na relação mãe-bebê outras possibilidades de atualização do sujeito na enunciação.

Desse modo, podemos esquematizar o funcionamento da dêixis de pessoa na fala materna no seguinte quadro:

²⁸ Como afirmou Lopes (1998).

Quadro funcional da dêixis pessoal na fala materna			
Fala atribuída (1º eixo enunciativo)		Fala normal (2º eixo enunciativo)	
Mãe	Bebê	Mãe	Bebê
SE ¹ /SE ² →	SI ¹	Se ¹ /Se ² →	SI
SI ²	← ES ¹ /ES ²		

O quadro acima ilustra a existência paralela (embora não simultânea) de dois eixos de enunciação nos quais se vêem representados os sujeitos da díade mãe-bebê. A mobilização subjetiva presente nesses dois eixos já constitui um importante indício, na fala materna, do caráter instável e reversível do processo de instalação do sujeito em seu discurso, bem como da própria linguagem.

A inversão dos papéis discursivos nos dois eixos enunciativos da fala materna assinala os diferentes lugares atribuídos aos sujeitos na enunciação. Apesar de não termos explicitado aqui, Cavalcante (1999) mostrou que a prosódia constitui uma via privilegiada de inserção do *infans* no sistema da linguagem. Como a própria autora destacou nesse trabalho, a mãe marca prosodicamente os diferentes lugares discursivos que os sujeitos podem ocupar na estrutura da língua.

Desse modo, analisando nossos dados, torna-se compreensível o fato de a criança começar a se representar na enunciação com marcas de terceira pessoa, pois na fala materna, sobretudo no primeiro eixo (que possui acentuações prosódicas altas, típicas do manhês, como afirmou CAVALCANTE, 1999), as funções SE² e ES² recebem bastante ênfase, seja prosodicamente (o que mais uma vez reconhecemos que não pudemos mostrar aqui; porém essa afirmação fica implicada na utilização dessas funções no contexto do manhês, como mostramos) seja pela repetição enfática dessas funções, como mostraremos nos gráficos a seguir. A nosso ver, trata-se de um recurso discursivo do qual a mãe se vale para sinalizar para o *infans* qual o lugar que este deve ocupar na cadeia enunciativa.

Em outro momento da constituição subjetiva da criança, quando esta passa de sujeito enunciado a sujeito enunciadador, o esquema sofre apenas alterações sensíveis, embora traga consigo mudanças radicais, pois de ES¹ o sujeito/criança passa a ser SE¹ e se propõe como SE², em uma atitude especular em relação ao discurso materno, como destacaremos no próximo tópico.

Em resumo, podemos verificar que os processos de semiotização e semantização da representação dêitica de pessoa na fase inicial da aquisição da linguagem passam por instanciações discursivas distintas e em ambas ocorrem diversos deslocamentos de função subjetiva atribuída a cada participante da cena enunciativa.

No plano semiótico, os índices referenciais de subjetividade são tomados pela mãe tanto para auto-representação quanto para inserção do *infans* na estrutura enunciativa, quando, então, é posto em cena o nível semântico da língua. Em outros termos, a enunciação dos dêiticos pessoais na fala materna (seja essa fala atribuída ou não) faz com que ambos, sujeito mãe e sujeito bebê, partam da língua para o discurso, lugar onde também os dois se constituem.

Para nós, essa oscilação (constante na fala materna) de lugares pessoais oferecidos à criança revela, por um lado, as diferentes estratégias da mãe para inserir o *infans* no sistema da língua, mostrando-lhe o caráter reversível da dêixis pessoal (e da própria linguagem) ao mesmo tempo em que lhe indica um lugar no discurso.

Por outro lado, a alternância de posições subjetivas recorrentes no manhês produz diferentes deslocamentos nos sujeitos participantes da cena enunciativa: para a mãe que empresta a voz ao bebê e passa a ser enunciada, o deslocamento é radical, pois representa uma mudança de lugar de sujeito de sua enunciação para a posição de objeto enunciado por uma enunciação que já não lhe pertence. O bebê, nessa instância da língua, é um enunciador suposto, sem deixar de ser, no entanto e paradoxalmente, um sujeito que está sendo enunciado e que, por vezes, desliza entre as posições de primeira, de segunda e de terceira pessoa.

Ora, como podemos perceber, nessa *fala atribuída* da mãe, os dêiticos pessoais usados para fazer referência aos participantes do discurso oscilam, e a criança ocupa quase sempre o lugar de terceira pessoa, mesmo quando o discurso materno está-lhe sendo dirigido. Tal fato apresenta-se como indicioso para nós, sobretudo porque nos permite pensar uma razão para o aparecimento dos indicadores de subjetividade com marca de terceira pessoa na fala da criança.

Em um levantamento dos dêiticos pessoais que aparecem na fala materna nas sessões 07, 08, 12 e 14 da díade B, e em todas as sessões das díades D e G, percebemos que nos primeiros meses de vida da criança, o número de dêiticos com marca lingüística de terceira pessoa (seja nos nomes, nos verbos, nos pronomes ou nos nomes próprios) usados para se referir tanto à mãe quanto ao bebê é relativamente superior ao número de dêiticos em primeira e segunda pessoa. Nas últimas sessões analisadas, verifica-se uma

inversão desses números e, gradativamente, o uso dos dêiticos de primeira, segunda e terceira pessoa passa a ficar mais ou menos equilibrado. Vejamos alguns gráficos:

Gráfico I: Díade B - Sessão 7 Idade: 12 meses e 00 dias

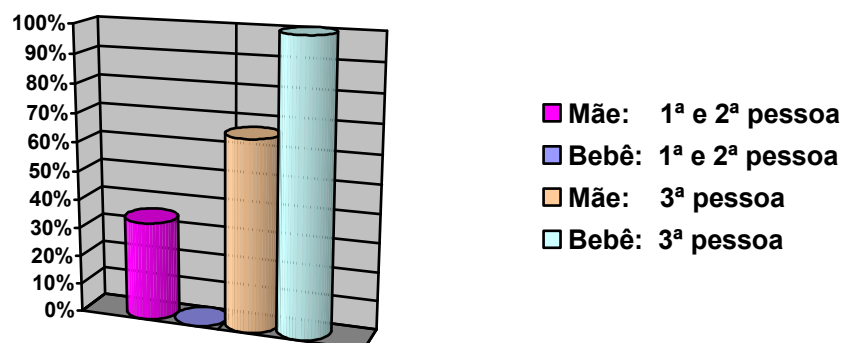


Gráfico II: Díade B - Sessão 8 Idade: 12 meses e 27 dias

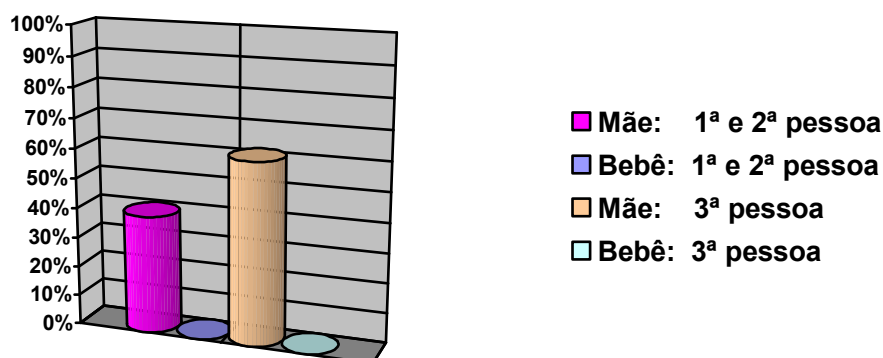


Gráfico III: Díade B - Sessão 12 Idade: 16 meses e 10 dias

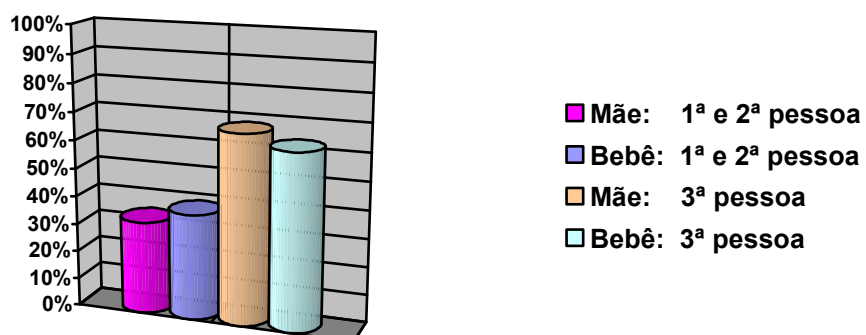
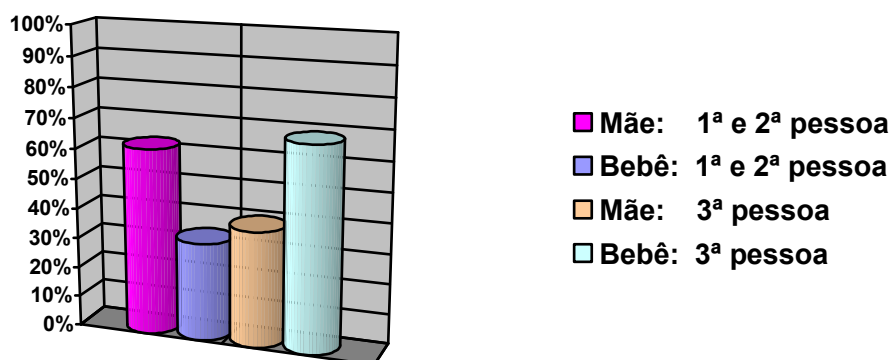


Gráfico IV:

Díade B - Sessão 14 Idade: 18 meses e 10 dias

As sessões apresentadas da díade B foram escolhidas pelo grande número de dêiticos de pessoa que aparecem tanto na fala da mãe quanto na fala do bebê. Os gráficos nos permitem a visualização dos contrastes entre a ocorrência dos dêiticos pessoais na fala materna e na fala do bebê.

Se observarmos no gráfico I a utilização por parte do *infans* dos dêiticos com marca de terceira pessoa em relação aos dêiticos com marca de segunda e de primeira, veremos certa disparidade, porém na fala materna o número de dêiticos com marca de terceira pessoa também é relativamente superior ao número de dêiticos usados na referência às primeiras e segundas pessoas da enunciação discursiva. Essa comprovação também se repete, na fala materna, nos gráficos II e III. Já no gráfico IV, quando a criança já usa abundantemente os dêiticos com marca de terceira pessoa, a mãe passa a enunciar mais dêiticos com marcas de primeira e segunda pessoa.

Logo, esse levantamento de dêiticos na relação mãe-bebê nos faz inferir que a repetição é um recurso de que a mãe se vale para chamar a atenção do *infans* para os diferentes modos e as diversas possibilidades de atualização do sujeito no discurso.

Do mesmo modo, essa questão parece ser confirmada nas díades D e G, embora se trate de crianças com idades diferentes. Vejamos:

Gráfico V:

Díade D - Sessão 1 Idade: 24 meses e 24 dias

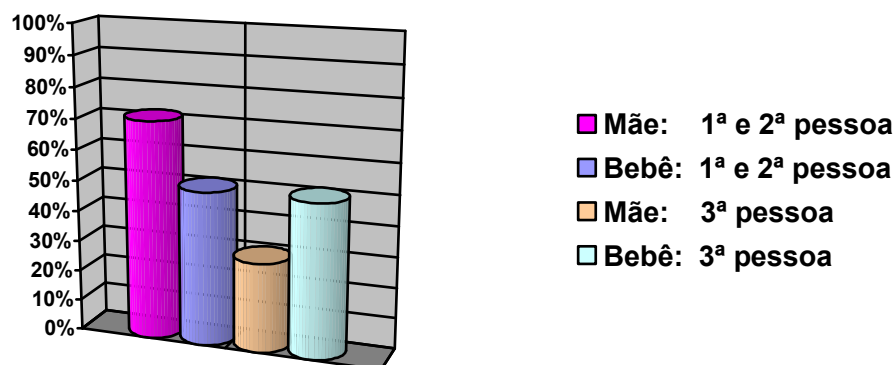
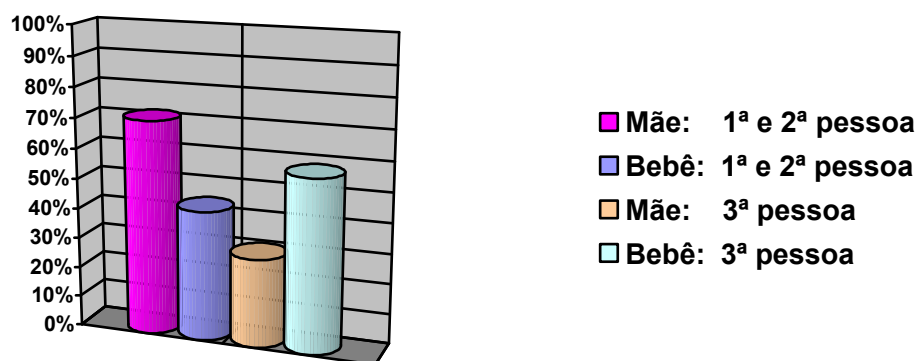


Gráfico VI:

Díade D - Sessão 2 Idade: 26 meses e 10 dias



Esses gráficos refletem um outro momento da díade mãe-bebê. Nesse momento, o número de dêiticos de primeira e de segunda pessoa é notavelmente maior que o número de dêiticos de terceira pessoa. Já na fala do bebê, essa proporção se equilibra.

Gráfico VII:

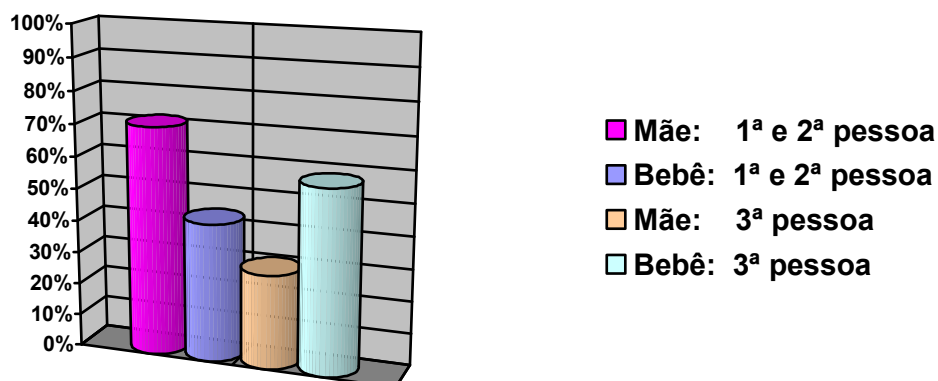
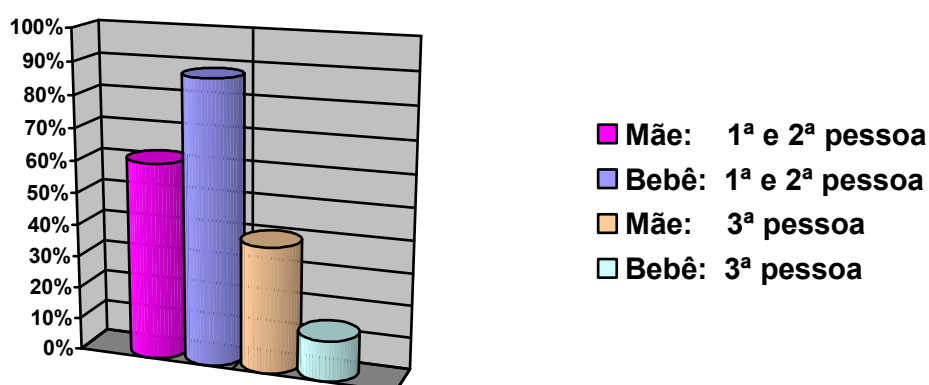
Díade D - Sessão 2 Idade: 28 meses e 15 dias

Gráfico VIII:

Díade D - Sessão 4 Idade: 31 meses e 00 dias

Essas duas últimas sessões mostram a ocorrência de outras mudanças no volume da dêixis pessoal. Na fala materna, ainda predominam os dêíticos de primeira e de segunda pessoa, mas na fala do *infans* o uso desses dêíticos está em oscilação. Enquanto no gráfico VII vemos certo equilíbrio das preferências dêíticas, o gráfico seguinte mostra o aumento desproporcional da enunciação de dêíticos em primeira e segunda pessoa em relação aos de terceira pessoa.

Em outra díade, também se pode verificar a instabilidade do volume de dêíticos pessoais usados pela mãe e pelo bebê. Vejamos:

Gráfico IX:

Díade G - Sessão 1 Idade: 24 meses e 24 dias

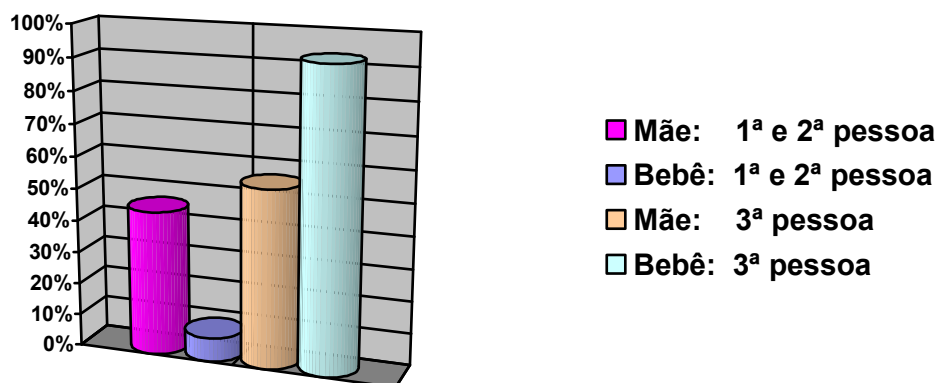


Gráfico X:

Díade G - Sessão 2 Idade: 26 meses e 14 dias

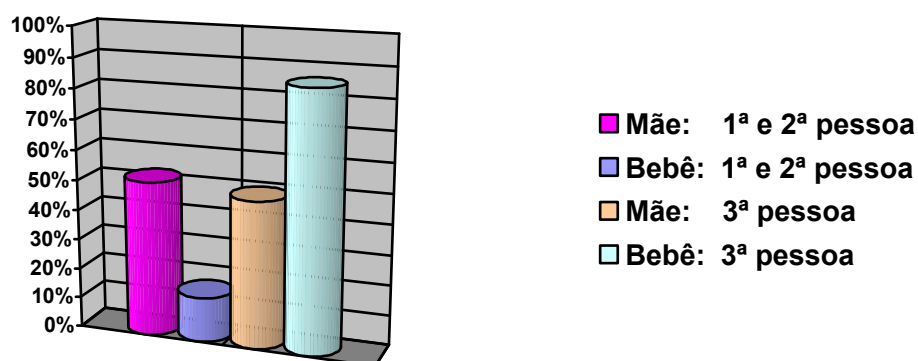
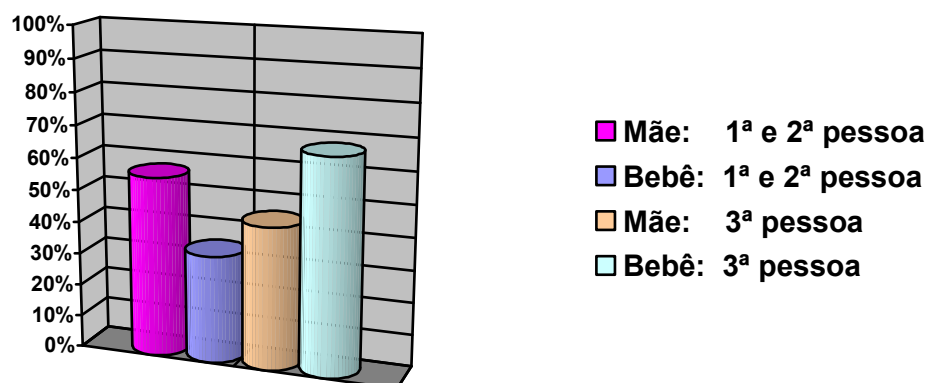


Gráfico XI:

Díade G - Sessão 3 Idade: 29 meses e 04 dias

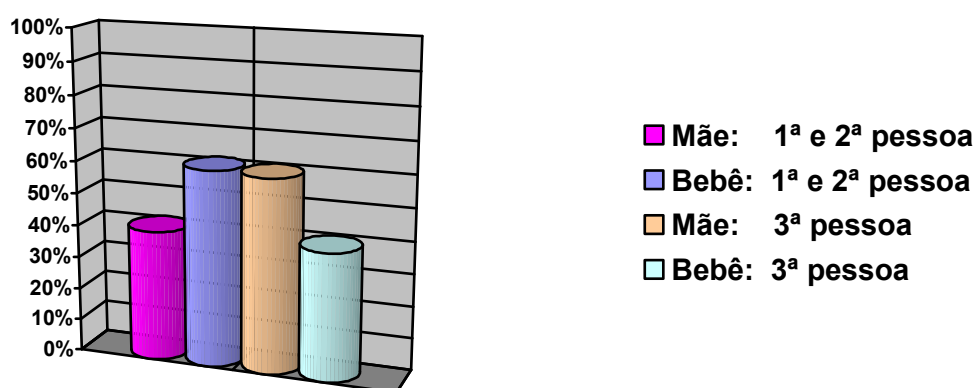


Nesses três primeiros gráficos da díade G, observa-se na fala da criança o prevailecimento da dêixis com marca de terceira pessoa em relação aos dêiticos de primeira e de segunda pessoa, mas também se verifica o aumento gradativo do uso da dêixis de primeira e de segunda pessoa. Enquanto que na fala materna a relação da proporção entre esses dêiticos tende ao equilíbrio.

O gráfico seguinte nos mostra algumas mudanças no uso desses dêiticos tanto na fala materna quanto na fala da criança. A mãe usa mais dêiticos de terceira pessoa que de primeira e de segunda pessoa, nessa sessão. Já na fala do bebê, os dêiticos de primeira e de segunda pessoa passam a ser mais utilizados que os de terceira pessoa.

Gráfico XII:

Díade G - Sessão 4 Idade: 32 meses e 08 dias



Desse modo, como podemos perceber, há certa desproporção no uso dos dêiticos pessoais na fala da mãe. Tal fato pode sugerir-nos alguma ferramenta enunciativa de que a mãe se vale para inserir e sustentar o *infans* no sistema da dêixis: a princípio, é preciso mostrar à criança a necessidade de ocupar um lugar enunciativo na estrutura da língua; talvez isso seja mais viável pelo uso da marca lingüística de terceira pessoa.

Do mesmo modo, na fala da criança também pode-se observar certa inversão quanto ao uso dos dêiticos pessoais, sobretudo entre as primeiras sessões (quando o volume de dêiticos de terceira pessoa é muito superior aos dêiticos de primeira e segunda pessoa) e as últimas sessões observadas em todas as díades. Após ocupar um lugar na estrutura da língua, a criança lança mão dos dispositivos de primeira e de

segunda pessoa para se atualizar no discurso. Claro que há outras questões presentes nesses movimentos enunciativos pelos quais passa a criança/sujeito, mas os dados acima nos permitem, mesmo que de forma tímida, ter uma idéia acerca das mudanças de posição de um sujeito enunciado para um sujeito que (se) enuncia.

IV. II Do ponto de vista da fala da criança: o sujeito que (se) enuncia

Na aquisição da linguagem, é difícil determinar o ponto inicial em que a criança começa a se propor como sujeito. Essa questão adquire, para nós, contornos tão importantes quanto irredutíveis, pois não podemos (ainda) definir até que ponto as algaravias, os balbucios, as simples respostas produzidas pelo bebê são ou não suficientes para que possamos afirmar que se trata de uma forma pessoal de a criança se instaurar na cena enunciativa. Será que, ao enunciar em função do outro, mesmo na ausência dos dêiticos pessoais, a criança já não estaria reclamando um lugar para si no discurso? Será que a simples mudança de comportamento no *infans* não nos indica uma tomada de posição do sujeito frente ao discurso materno? Pensamos que sim, mas esse é um ponto a ser discutido em outro momento. Por enquanto, deter-nos-emos às marcas lingüísticas disponíveis na língua para que os sujeitos se proponham como tal.

Os primeiros movimentos enunciativos da criança nos levam a pensar um sujeito que se constitui à medida que se insere na linguagem e que, por essa razão, só pode ser tomado na e pela linguagem.

Sem dúvida alguma, a fala materna produz efeitos na passagem do *infans* a sujeito e no modo como este se movimenta no sentido de (se) enunciar e, ao mesmo tempo, se constituir.

Como dissemos na apresentação dos dados, podem ser identificados três movimentos distintos, mas conexos, de aparecimento e de funcionamento da dêixis pessoal na fala infantil.

A passagem de um movimento para outro não supõe a superação do movimento anterior, mas indica as mudanças da relação do sujeito com a linguagem em sua enunciação, bem como a instabilidade constitutiva que caracteriza o estar/ser do sujeito na língua. A questão passa por um *continuum relacional*: a criança/sujeito, ao mesmo tempo em que toma por base a fala materna, precisa operar deslocamentos subjetivos para ingressar no sistema da linguagem. Os diferentes movimentos constantes na aquisição da dêixis pessoal nos mostram isso.

No primeiro movimento de uso de indicadores de pessoa, a criança busca reservar para si e para o outro um lugar no discurso. Nesse movimento, é recorrente a marca lingüística de terceira pessoa com referência à primeira ou à segunda pessoa do discurso.

Ora, nesse primeiro movimento, a criança está em processo de operação distintiva entre a primeira pessoa do discurso (aquela que enuncia), a segunda pessoa (a quem se dirige a enunciação) e a terceira pessoa discursiva (aquela sobre quem se enuncia e que representa condição da cena enunciativa). Como afirma Benveniste (1989), a relação entre *forma* e *sentido* na linguagem não é unívoca; logo, podemos encontrar na fala da criança (e do adulto) uma marca de terceira pessoa (um nome ou um nome próprio, por exemplo) fazendo referência à primeira ou segunda pessoa. Observemos os fragmentos abaixo:

FRAGMENTO 1: DÍADE: D, IDADE: 26 meses 10 dias

CONTEXTO: *Mãe e bebê estão no quarto e brincam com um aparelho de telefone.*

- | | | |
|----|----|--|
| 01 | M. | Sou eu, a Sílvia, mãe de Gabriela, é? Tudo bem? |
| 02 | C | (olha para mãe) |
| 03 | M | É você? é, ela vai falar com você. Um beijo.
Tchau. |
| 04 | C | Alô, lô. Biela. Tchau e beijo. |

Na fragmento acima, mãe e criança participam de uma situação languageira. A mãe utiliza no turno 01 a dêixis pessoal “Sou eu” e em seguida “a Sílvia, mãe de Gabriela” para se identificar ao telefone, o que chama a atenção da criança. No turno 03, a mãe se dirige a um suposto interlocutor que estaria na ligação telefônica e diz: “É você? É, ela vai falar com você”. Ora, vê-se aí um recurso da mãe para fazer, em uma rotina lingüística, disjunção entre a segunda pessoa e a terceira. O interlocutor que está ao telefone é representado pelo dêitico “você” (segunda pessoa) e a criança aparece no primeiro turno como “Gabriela” e no turno 03 como “ela”, pessoa de quem se fala e que já foi referida no sintagma “Gabriela”.

Nessa situação, a distinção entre as pessoas do discurso é feita no esquema enunciativo eu → tu (no primeiro e no terceiro turnos) por meio dos termos “Sou eu, a

Sílvia, mãe de Gabriela” e “É você?”; tu → ele, especialmente no turno 03, quando a mãe diz “ela vai falar com você”. Nitidamente, opõem-se o interlocutor, representado no sintagma “você” e a pessoa de quem a mãe e o interlocutor estão falando, nesse caso o “ela” que diz respeito à pessoa da criança, que não apresenta dificuldades, do ponto de vista discursivo, para participar da cena enunciativa.

Do mesmo modo, em uma outra situação e com uma outra díade, a mãe e a criança conversam. A mãe fala à criança em segunda pessoa com marcas de segunda pessoa e de terceira. Vejamos:

FRAGMENTO 2: DÍADE: G, IDADE: 29 meses 04 dias

CONTEXTO: *Mãe e bebê estão em casa, conversando.*

- | | | |
|----|---|---|
| 01 | M | Hoje você vai saí pra onde? |
| 02 | C | Samara |
| 03 | M | Buscar Samara, cê gosta de Samara. Quem foi que montou essa árvore? |
| 04 | C | É Aline. |
| 05 | M | Aline é? Aline? Aline botou o quê na árvore? |
| 06 | C | A presente |
| 07 | M | Presente? |
| 08 | C | Natal. |

No primeiro turno, a criança comparece ao enunciado da mãe através do dêitico “você” e nesse enunciado é feito um questionamento à criança a respeito do lugar para onde ela iria. A criança, respondendo à pergunta, se refere à pessoa com que ela irá se encontrar por meio de um dêitico nominal “Sâmara” no turno 02. Continuando o diálogo, a mãe fala sobre Samara e faz uma afirmação (turno 03): “(...) cê gosta de Samara (...)”. Ou seja, mais uma vez opõem-se no discurso materno a segunda pessoa e a terceira. O “ce” representa pessoa a quem se fala, nesse caso, a criança; já “Samara” põe em cena a pessoa/objeto do discurso da mãe.

Nos turnos 04 e 05, é a utilização da dêixis nominal que atualiza a criança na fala materna e na própria fala da criança.

Nesse outro fragmento, a mesma díade mãe-bebê participa de outra rotina lingüística. Observemos:

FRAGMENTO 3: DÍADE: G, IDADE: 31 meses 00 dias

CONTEXTO: *Mãe e bebê estão brincando na área externa.*

- 01 M Eita, que piscina chique é essa? Quem te deu,
Aline?
- 02 C Foi mamãe.
- 03 M Foi mamãe? Agora se deixar fica o dia todo aí
dentro.
- 04 C Encheu foi, foi.
- 05 M Isso, vai tirano os brinquedo pra mamãe, ajuda.
- 06 C Eita
- 07 M Tu ajuda não?
- 08 C O que o carro faz?, pega os brinquedo de Aline.

Nas situações acima, fica perceptível na fala dos bebês o uso do nome próprio para fazer referência à primeira pessoa. No primeiro fragmento, a mãe atendendo às exigências de uma situação enunciativa específica, usa o pronome *eu* e em seguida se identifica como “Sílvia, mãe de Gabriela”; a criança, numa atitude especular em relação ao discurso materno, pega o telefone, cumprimenta um suposto interlocutor, identifica-se dizendo “biela” e logo se despede. Nesse caso, seria impreciso dizer que há um “simples recorte”²⁹ da fala da mãe, pois a criança aí atualizou o enunciado recortado em uma rotina lingüística específica da situação enunciativa.

No segundo fragmento, a criança, respondendo à pergunta da mãe sobre quem teria montado a árvore, diz “Aline”. Nas duas situações, o lugar de sujeito é ocupado por um nome próprio que atualiza o enunciadador em seu discurso. Em todos esses fragmentos, é notável que prevalece na fala da criança a posição de terceira pessoa tanto para fazer referência a si mesma, quanto para representar a mãe, sua interlocutora. Esse movimento revela a estratégia da criança para distinguir a noção de pessoa e de não-

²⁹ É necessário reconhecer, porém, que a ação especular do sujeito na linguagem envolve movimentos tão complexos que seria difícil mensurá-los em uma única cena enunciativa. Em outras palavras, a noção de recorte lingüístico na aquisição da linguagem é sempre ampla, pois resulta de interações languageiras sucessivas.

pessoa, pois as crianças, diante das indagações da mãe, não apresentaram problemas para identificar os participantes da situação discursiva ou mesmo para atribuir-lhes uma posição nas ações verbais, seja de sujeito, seja de objeto. Note-se, por exemplo, que, no último enunciado do fragmento 3, a criança atribui uma ação verbal a um objeto em relação a outro objeto, mas a criança em questão se posiciona como possuidora de ambos, em outras palavras, mesmo em uma situação lúdica, a criança ocupa um lugar distinto em relação aos objetos que aparecem em sua fala.

A distinção entre as pessoas do discurso na fala da criança, nesse primeiro movimento, fica patente também se considerarmos a flexão de verbos, em diferentes modos (principalmente, o imperativo), para indicar pessoa.

FRAGMENTO 4: DÍADE: B, IDADE: 17 meses 14 dias

CONTEXTO: *Mãe e bebê estão conversando na sala e brincam com um aparelho de telefone..*

- | | | |
|----|----|---|
| 01 | M. | O que é que você quer? |
| 02 | C | vocaliza |
| 03 | M | Tome, pega, quer que mamãe ligue, quer? Diga, quer? |
| 04 | C | qué, aio, caiu |
| 05 | M | Caiu, Vítor? |
| 06 | C | Caiu. (pausa). auau, auau. |
| 07 | M. | ele vai pular, Ninhu, pulo. |
| 08 | C | oiló, oiló. |
| 09 | M | Vou desligar, desligo? |
| 10 | C | Desliga |

FRAGMENTO 5: DÍADE: G, IDADE: 26 meses 10 dias

CONTEXTO: *Mãe e bebê estão sentados no chão e fazem sobre uma mesinha cheia de papéis.*

- | | | |
|----|----|-------------------------------|
| 01 | M. | Mostra pra Patrícia. |
| 02 | C | feia, ua |
| 03 | M | Tá feia? Por que ela ta feia? |

- 04 C Tá feia
05 M Tá feia? Por que a boneca tá feia?
06 C É ati, ó. tá vona, tá feia, tá vona.
07 M. Tem que pintar, né? pra ficar bonita.

No fragmento 04, nos turnos 04 e 06, a criança, em resposta à pergunta da mãe, emprega os verbos na terceira pessoa, mesmo para se referir a ela mesma, em uma atitude especular ao discurso materno. A mesma criança também faz uso do verbo em terceira pessoa, mas para se referir a um objeto que é citado pela mãe no turno 05. Nos dois últimos turnos do fragmento 04, quando a mãe pergunta se pode desligar o telefone, a criança responde “desliga”. Em nosso entendimento, na enunciação de um verbo está implicada necessariamente alguma noção de pessoalidade; essa condição nos remete à aquisição da noção distintiva entre as pessoas participantes da cena enunciativa em questão. A criança/sujeito nos dá indícios, portanto, nesse último turno, de que está em processo de distinção das pessoas discursivas.

Ora, o fato de a criança usar verbos em quaisquer tempos ou modos demanda uma ancoragem subjetiva. Sobre a questão, Benveniste questiona: “poderá existir um verbo sem distinção de pessoa?” (1988, p. 248) e prossegue afirmando:

(...) não parece que se conheça uma língua dotada de um verbo no qual as distinções de pessoa não se marquem de uma ou de outra maneira nas formas verbais. Podemos concluir, pois, que a categoria da pessoa pertence realmente às noções fundamentais e necessárias ao verbo. (BENVENISTE, 1988, p. 250).

Ora, o que ocorre no uso de um verbo de modo imperativo senão o reconhecimento de uma segunda pessoa do discurso a quem se atribui uma ordem? Ou mesmo no uso de verbos de ligação para qualificar um desenho? Os verbos que aparecem na fala dos sujeitos nessas duas situações nos mostram que a criança está em processo de operação distintiva entre as pessoas do discurso. Note-se, por exemplo e mais uma vez, o último turno do fragmento 04 em que a criança utiliza um verbo no imperativo para dar uma ordem à mãe.

A questão agora parece ser: de que modo a criança irá representar os sujeitos em estruturas que deslizam de um locutor para o outro, vazias que são de referencialidade? Tal questão nos leva a ver na fala infantil um segundo movimento dentro da aquisição dos mecanismos da dêixis pessoal.

O segundo movimento de uso dos dêiticos pessoais na fala da criança é marcado pelo aparecimento dos dêiticos de primeira e segunda pessoa na enunciação do bebê, porém há uma flutuação na referência desses dêiticos às pessoas do discurso. E ora a criança usa os dêiticos de primeira pessoa para fazer referência à segunda, ora usa os dêiticos de segunda pessoa referindo-se à primeira. É o que podemos verificar na seguinte situação:

FRAGMENTO 6: DÍADE: D, IDADE: 28 meses 10 dias

CONTEXTO: *Mãe e bebê estão numa área (na parte de baixo do prédio)*

- | | | |
|----|----|--|
| 01 | M. | Vovô |
| 02 | C | Oi. vovô |
| 03 | M | Sou eu (incentivando o bebê a falar com o avô) |
| 04 | C | Sou eu |
| 05 | M | Gabriela |
| 06 | C | Gaela |

Nesse fragmento, é perceptível, sobretudo nos turnos 04 e 06, a ação especular da fala da criança em relação ao discurso da mãe. Ao perceber a aproximação do avô, a mãe passa a incentivar a criança a falar com o avô e a ditar enunciados em que a criança se identifica para o seu parceiro interlocutivo. Note-se o turno 03, no qual a mãe diz “sou eu” e, no turno seguinte, a criança repete o enunciado; da mesma forma, nos turnos 05 e 06. A referência dêitica aos sujeitos envolvidos nesse contexto nos parece flutuante, pois, mesmo aparecendo na fala da criança, os dêiticos respondem na verdade à fala da mãe.

O fragmento 07 retrata uma situação interessante do ponto de vista referencial. A mãe, questionando a criança, pergunta quem é que ama a mamãe, e, por sua vez, a criança responde dizendo “eu”. A mãe, então, insiste perguntando que seria esse “eu” e a criança diz “a mãe”. Vejamos:

FRAGMENTO 7: DÍADE: G, IDADE: 30 meses

CONTEXTO: *Mãe e bebê conversando na sala de jantar.*

- | | | |
|----|----|--|
| 01 | M- | Quem é que ama a mamãe , quem é? (Pausa). |
| 02 | C- | Eu |

- 03 M- Eu (pausa), eu quem?(Pausa)
04 C- A mãe

Ora, a referência da dêixis pessoal na fala da criança (turno 02) parece mesmo flutuar, pois, uma vez questionada pela mãe sobre quem seria esse “eu” que aparece em sua fala, a criança deixa transparecer em sua resposta que esse “eu” faz referência à pessoa da mãe.

Logo, nessas duas situações, a referência dos pronomes de primeira pessoa é flutuante, pois, apesar de aparecerem nas falas dos bebês, os pronomes refletem uma ação especular da criança em relação ao discurso materno. Observemos, por exemplo, os turnos 04 do fragmento 06 (no qual a criança reproduz uma fala da mãe) e 02, 04 do fragmento 07 (nos quais a criança afirma que o “eu” que ela emprega faz referência à mãe). Nesse movimento a criança lida com o caráter reversível dos pronomes e usa o *eu* para fazer referência ao *tu*.

Movimento de entrada no jogo reversível da dêixis pessoal (3º movimento): nesse movimento a criança atua sobre o caráter de reversível dos dêiticos pessoais e, operando disjunções entre a primeira pessoa, a segunda e a terceira pessoa do discurso, passa a fazer uso discriminado dos dêiticos pessoais.

FRAGMENTO 8: DÍADE: G IDADE: 26 meses e 14 dias

CONTEXTO: *Mãe e bebê estão sentados no chão conversando.*

- 01 M- Vou fazer suco. Quem quer suco?
02 C- Eu
(corte na gravação)
03 M- é, é. Aline foi sábado pro Shopping com quem, hem?
04 C- (pausa)
05 M- As prima num tava com você não? Ela foi brincar naqueles ai foi a maior (risos) (pausa). O que Aline tá fazeno?
06 C- Tô dormino.
07 M- Tá dormino? Pôxa, dormino até tarde hoje e ainda tá com sono? (toca o telefone)
08 C- Oi

- 09 M- Vai atender, você quer atender o telefone?
 10 C- Quero (tenta subir no móvel)
 11 M- Quer? Alô, não, não.

Nesse contexto enunciativo, os dêiticos pessoais são utilizados opositivamente tanto na fala da mãe quanto na fala da criança. Nos turnos 01, 03 e 05, a mãe usa um dêitico nominal, com marca de terceira pessoa, para fazer referência à criança, para quem ela direciona sua enunciação. Mas, nos turnos 05, 07 e 09 a referência ao interlocutor/criança se dá por meio de dêiticos de segunda pessoa. Já para se representar em sua enunciação, a mãe só usa um dêitico verbal no turno 01 e depois não mais usa qualquer dêitico em referência a ela mesma.

A criança, por seu turno, também emprega dêiticos verbais para se propor como sujeito. Observem-se os trechos “To dormino” (no turno 06) e “Quero” (no turno 10).

O fragmento 09 diz respeito a uma outra diáde. Nele, podemos perceber também o uso de dêiticos de primeira e de segunda pessoa na fala materna e na fala da criança. A mãe fala à criança em segunda pessoa (notem-se os turnos 03, 05, 07 e 09) e, da mesma forma, a criança se representa em seu discurso na primeira pessoa, especialmente nos turnos 08 e 10.

FRAGMENTO 9: DÍADE: D IDADE: 26 meses e 10 dias

CONTEXTO: *Mãe e bebê conversando no quarto.*

- 01 M- É ali é pra botar o pé. Soqui o pé, soqui. O outro pé da, dela tá quebrado, ó.
 02 C- adela (soluços)
 03 M- Cê vai ficar com pé só, é?
 04 C- Pé só. (solução)
 05 M- Tá com solução, né?
 06 C- óluçu não
 07 M- Calce, Calce, vá (olhando para sandália do pé)
 08 C- Eu calço.
 09 M- Então calce (pausa). Uma aguinha pra passar o solução, vamos.
 10 C- não, eu calço, eu calço.

Nessas passagens, é visível, a partir da observação do uso da dêixis pessoal em quase todos os turnos dos fragmentos 08 e 09, que a criança já entrou no jogo reversível dos dêiticos de pessoa, seja pelos deslocamentos que efetua em relação à fala materna, seja pela tomada de posição enunciativa. Nas duas crianças, as dêixis pessoais se apresentam tanto nas flexões do verbo, quanto no uso dos pronomes de pessoa. Como dissemos, a passagem de um movimento para outro na aquisição da dêixis pessoal não implica o fim do movimento anterior: a aquisição dos dêiticos pessoais deve ser pensada principalmente como um mecanismo enunciativo de caráter contínuo e progressivo que culmina na passagem do *infans* a sujeito/falante da língua.

A criança, nos diversos contextos de enunciação entre ela e a mãe, insere-se em um “jogo” dialógico, desde muito cedo, em que ela vai reconhecendo na fala materna certas ‘pistas’ de significação.

No caso da aquisição da dêixis pessoal, o papel da mãe inicialmente é indicar ao filho um espaço em sua própria enunciação; logo, logo a própria criança irá buscar seu espaço no discurso. Quando isso acontece, a criança/sujeito se depara com o mecanismo deslizante dos indicadores subjetivos e movimenta para se marcar naquilo que enuncia. Por fim, a criança adentra no mecanismo reversível da dêixis pessoal e assume os dispositivos necessários ao sujeito da/na enunciação.

Nesse sentido, torna-se pertinente destacar, partindo das considerações de Cavalcante (2006), que a configuração diferencial da fala materna quando dirigida ao bebê desempenha uma função lingüístico-discursiva desde os primeiros meses, marcando tanto a constituição subjetiva, quanto o deslocamento de lugares discursivos entre mãe e bebê. É, portanto, a linguagem como atividade constitutiva que viabiliza as trocas enunciativas e a subjetividade do *infans*.

IV. II Do ponto de vista da relação mãe-bebê: a constituição do sujeito no processo de enunciação

Nesse último tópico do capítulo, gostaríamos de lembrar as seguintes palavras de Benveniste (1988, p. 285): “(...) É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem.”. Tal passagem nos mostra desde já a indissociabilidade existente entre o sujeito e seu outro (parceiro enunciativo) no paradigma geral da enunciação.

Na aquisição da linguagem não é diferente. É um sujeito (a mãe) que encontramos falando com outro sujeito (a criança). Porém algumas especificidades dessa relação não podem ser deixadas de lado: na fase inicial da aquisição da linguagem, por exemplo, há um sujeito (a mãe) enunciando para um outro sujeito que ainda não enuncia. E nesse sentido, como vimos, a mãe desdobra sua enunciação em dois eixos enunciativos para se dirigir ao bebê, atrair sua atenção e indicar-lhe um espaço no seu discurso.

Por outro lado, e conseqüentemente, o sujeito em processo de constituição começa a se movimentar para produzir suas próprias estruturas enunciativas em função do discurso materno, como vimos. Ou seja, a enunciação de cada participante da díade mãe-bebê provoca no outro algum efeito de deslocamento. Observemos novamente alguns fragmentos.

FRAGMENTO 1: DÍADE B, IDADE: 12 meses e 15 dias

A mãe está trocando as roupas do bebê (em manhês)

- 01 M - Cadê o passarinho, Vitor? Cadê o passarinho?
- 02 C – (Vocaliza)
- 03 M – Cadê, Vitor?

FRAGMENTO 2: DÍADE B, IDADE: 12 meses e 15 dias

A mãe está trocando as roupas do bebê (em manhês)

- 01 M - Cadê Vitor? Cadê o nenê de mamãe? Cadê ele?
- 02 C - (Mexe os braços e olha para mãe)
- 03 M – Cadê o menino de mamãe, Tu ?(...)
Acho, mamãe. Acho. (...)

FRAGMENTO 3: DÍADE B, IDADE: 12 meses e 21 dias

O bebê está sobre o tapete e a mãe está organizando as roupas. (em manhês)

- | | | |
|----|---|--|
| 01 | M | (...) Quer dormir, quer? |
| 02 | C | Qué, qué |
| 03 | M | Quer? Mamãe bota a rede pra você dormi (...) deixa eu botar a rede pra gente dormir aqui na rede (...) |
| 04 | C | Mi, mi |

Nos dois fragmentos, podemos notar que a enunciação materna produz no bebê alguma (re)ação discursiva. No fragmento 01, no turno 01, a mãe, usando o manhês, faz dois questionamentos à criança, ao mesmo tempo em que a convida a participar da cena enunciativa. A criança, que não está alheia à situação, vocaliza (turno 02).

No fragmento 02, a mesma díade mãe-bebê participa de uma dada situação discursiva. A mãe faz novamente três questionamentos ao bebê em manhês (turno 01). O bebê, no turno 02, demonstra reação à enunciação materna, pois mexe os braços e olha para mãe, que continua a chamar o *infans* a participar das trocas enunciativas.

Já no fragmento 03, em uma outra situação, a mesma díade conversa. A mãe faz um questionamento para o bebê (turno 01); este, por sua vez, responde agora com dois sintagmas enunciativos “qué, qué”. A mãe, rapidamente, dá significação às produções enunciativas do bebê e age como se tivesse obtido uma resposta positiva. Novamente a mãe (turno 03) fala ao bebê não mais com questionamento, mas com uma afirmação/pedido: “deixa eu botar a rede pra gente dormir aqui na rede”. A criança também enuncia no turno 04 e diz “mi, mi”.

Ora, o que podemos perceber é que, por um lado, o discurso materno provoca no bebê alguma inquietação e, ao mesmo tempo, demanda da criança alguma resposta à enunciação materna. Por outro ângulo, é possível notar que de diversas maneiras o bebê dá indícios de sua participação na cena enunciativa, seja com trocas de olhares, vocalizações, sorrisos, etc. seja na produção de algum sintagma que, de maneira geral, sempre recebe alguma significação por parte da mãe.

Na aquisição da linguagem, as singularidades dos sujeitos envolvidos nos diferentes cenários enunciativos são mutuamente afetadas, e os participantes da díade mãe-bebê acabam, no processo de enunciação, deslocando-se de seus lugares subjetivos em função do lugar do outro.

De uma maneira geral, os convites à participação na cena enunciativa partem da mãe em relação ao bebê. Nessa primeira fase da aquisição infantil da linguagem, a mãe, percebendo a demanda da criança, busca dar sustentação a todas as produções do *infans*, sejam elas verbais ou não.

Se observarmos bem essa questão sob o prisma da enunciação oriunda da mãe, veremos que, quando o *infans* ainda não enuncia, a fala materna se desdobra em dois eixos enunciativos distintos para garantir à criança um lugar na enunciação: a fala em manhês (1º eixo) e a fala normal (2º eixo). Como vimos, o primeiro eixo representa justamente uma fala que a mãe atribui ao *infans* e, nesse eixo, as funções de sujeito enunciador, sujeito enunciado e interlocutor alternam-se continuamente e seus lugares tanto são preenchidos pela mãe quanto pelo bebê.

No segundo eixo, a mãe se posiciona como sujeito enunciador de suas produções e assume simultaneamente o bebê como seu interlocutor.

Os fragmentos abaixo marcam agora a preferência materna desse segundo eixo enunciativo em relação ao primeiro, o que também ocorre por uma demanda da criança, que já entrou no jogo enunciativo e não mais depende da fala materna para ter seu lugar no discurso. Vejamos.

FRAGMENTO 4: DÍADE: G, IDADE: 29 meses 04 dias

CONTEXTO: *Mãe e bebê estão em casa, conversando.*

- | | | |
|----|---|---|
| 01 | M | Hoje você vai saí pra onde? |
| 02 | C | Samara |
| 03 | M | Buscar Samara, cê gosta de Samara. Quem foi que montou essa árvore? |
| 04 | C | É Aline. |
| 05 | M | Aline é? Aline? Aline botou o quê na árvore? |
| 06 | C | A presente |
| 07 | M | Presente? |
| 08 | C | Natal. |

FRAGMENTO 5: DÍADE: G IDADE: 26 meses e 14 dias

CONTEXTO: *Mãe e bebê estão sentados no chão conversando.*

- 01 M- Vou fazer suco. Quem quer suco?
- 02 C- Eu
- (corte na gravação)**
- 03 M- é, é. Aline foi sábado pro Shopping com quem, hem?
- 04 C- (pausa)
- 05 M- As prima num tava com você não? Ela foi brincar naqueles ai foi a maior (risos) (pausa). O que Aline tá fazeno?
- 06 C- Tô dormino.
- 07 M- Tá dormino? Pôxa, dormino até tarde hoje e ainda tá com sono? (toca o telefone)
- 08 C- Oi
- 09 M- Vai atender, você quer atender o telefone?
- 10 C- Quero (tenta subir no móvel)
- 11 M- Quer? Alô, não, não.

Em ambas as situações, mantém-se o recurso discursivo materno de fazer questionamentos à criança para que esta participe da situação discursiva. A criança do fragmento 04, no turno 04, responde à mãe e se marca em terceira pessoa por meio de seu nome próprio. A mãe prossegue fazendo mais questionamentos (turno 05) e pergunta o que Aline (a criança dessa cena) botou na árvore? A criança diz: “a presente” (turno 06). Insatisfeita, a mãe continua: “presente?” (turno 07) e a criança mais uma vez responde: “natal” (turno 08).

Nessa situação, a última fala da criança é decisiva para que possamos compreender melhor o cenário enunciativo em que os sujeitos estão envolvidos.

No fragmento 05, a mãe inicia o diálogo com a filha fazendo uma pergunta (turno 01) “Quem quer suco?”. A criança, então, responde “eu”, e a mãe continua indagando a filhas sobre diversas situações do cotidiano da criança (nos turnos 03, 05, 07, 09 e 11). No turno 03, a mãe pergunta à criança sobre quem teria ido ao shopping com ela (a criança). Ora, apesar de não podermos ver a resposta da criança, deduzimos

que possivelmente a mãe já saiba a resposta que a filha poderia dar. Ou seja, a enunciação materna nessa relação reclama a enunciação da criança, insiste nos convites à participação da cena enunciativa, o que produz no *infans* movimentos enunciativos diversos, os quais inevitavelmente reclamam a marcação dos papéis subjetivos. Tanto assim, que a criança nos turnos 02, 06 e 10 se enuncia nos dêiticos pessoais.

Nesse aspecto, é importante lembrar que toda enunciação no processo de constituição subjetiva deve ser sempre tomada na relação entre sujeitos. Voltemos à noção de *continuum relacional* da qual já falamos aqui. Na aquisição da linguagem, as enunciações maternas envolvem o *infans* de tal forma a produzir nele diferentes movimentos enunciativos, nos quais o sujeito em processo de constituição é levado a ocupar algum espaço na estrutura lingüística. Trate-se de enunciações que suscitem outras enunciações e ecoam, inclusive, no processo de constituição subjetiva da criança. Desse modo, é difícil pensar as estratégias maternas de inserção do *infans* no sistema da língua, os movimentos enunciativos de instauração dêítica vistos na fala infantil e o próprio processo de constituição subjetiva da criança, sem antes tomarmos a relação que existe entre a mãe e o bebê, entre os sujeitos participantes desse *continuum relacional*.

É de movimentos enunciativos cíclicos que estamos falando. Logo é inviável também pensar, na aquisição da linguagem, a superação de um movimento pelo outro, pois, na verdade, todos se apresentam de forma relacional e constitutiva.

Em diversos momentos dessa fase inicial da aquisição da linguagem, os dois eixos da enunciação são utilizados pela mãe e em ambos o *infans* tem seu espaço enunciativo garantido. Essa existência paralela (porém não simultânea, é claro) de dois eixos enunciativos na fala materna constitui, para nós, um indício sinalizador do caráter deslizante e reversível da dêixis pessoal e da própria linguagem.

Isso nos faz chegar a uma formulação: se todo ato enunciativo demanda uma relação entre o sujeito e seu outro, e para (se) enunciar o sujeito precisa se deslocar e se relocar em função dessa relação, logo é no ponto de encontro entre o deslocamento e a ocupação na estrutura lingüística da enunciação que o sujeito se movimenta, se instaura e se constitui. Em outros termos, é na/pela/para enunciação que o sujeito se constitui.

Nesse sentido, baseando-se em Castro (1997), Cavalcante (1999) afirma: “(...) é na articulação entre mesmo (identidade - fusão) e outro (estranhamento - diferenciação), ou seja, pela interpretação, que a criança se insere na língua, já que sua constituição enquanto fala, enquanto língua depende do outro.”

E se esta conclusão estiver certa, diremos que há um ponto na região limítrofe entre o deslocamento (efeito de estranhamento) e a ocupação (resultante da identificação) que não está passível de ser observado, mas que é constitutivo da enunciação. E esse é o ponto onde o sujeito começa a se movimentar, antes mesmo da enunciação, e esse movimento do sujeito, podemos afirmar, está diretamente ligado à fala materna. Seria possível, então, afirmar que o processo de constituição do sujeito e, portanto, a aquisição dos indicadores subjetivos, é anterior à enunciação, mas só por meio desta podemos vislumbrar tal processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto até agora, podemos chegar a algumas conclusões. Buscamos mostrar, com discussão levantada até aqui, a questão da relação entre a criança e a sua linguagem, ou melhor, entre o sujeito e o aparelho formal da enunciação. Como foi visto, a língua dispõe de dispositivos para dar sustentação à subjetividade da criança, e um dos primeiros pontos para revelação de subjetividade são os dêiticos pessoais ou os “indicadores de subjetividade”, para usar os termos de Benveniste.

Na aquisição da linguagem, os indicadores de subjetividade indicam mais que a subjetividade: a) apontam para as mudanças de posição da criança/sujeito frente ao discurso materno; b) revelam as estratégias da mãe para inserir o *infans* na língua; c) demonstram que é na e pela enunciação que o sujeito se constitui e se marca naquilo que diz. Vimos ainda que esses indicadores subjetivos estão intrinsecamente correlacionados à categoria de pessoa, e, sob a ótica de Benveniste, esta se apresenta como o fundamento lingüístico da intersubjetividade, condição *sine qua non* para constituição do sujeito. Na fase inicial da aquisição da linguagem, a emergência dos índices subjetivos na fala do bebê revela as mudanças de sua relação com a língua, bem como o processo de constituição subjetiva pelo qual está passando.

Ao analisar os diferentes movimentos do mecanismo da dêixis na linguagem infantil, percebemos os diversos deslocamentos subjetivos pelos quais a criança passa: a princípio, busca um lugar para si na estrutura enunciativa; em seguida esbarra no jogo reversível dos dêiticos pessoais; por fim, adentra na lógica do mecanismo da dêixis pessoal. Nesse sentido, o uso dos indicadores subjetivos tem a propriedade de explicitar, dentro das singularidades do estar/ser de cada sujeito na língua, as regularidades de movimentos enunciativos distintos e constantes na fase inicial de aquisição da linguagem.

Por essas razões, defendemos aqui que para entender o fenômeno da constituição do sujeito, bem como os modos de instauração da criança na linguagem, é preciso antes de tudo considerar o processo de enunciação no qual a criança/sujeito se move e pelo qual se marca. Do ponto de vista da fala materna, o lugar de sujeito enunciado que é garantido à criança representa possibilidades de identificação do sujeito no discurso do outro e isso se torna evidente se considerarmos, por exemplo, a emergência das primeiras marcas subjetivas utilizadas pela criança para se representar em terceira pessoa, posto que na fala da mãe a criança é marcada, em um primeiro momento, quase

sempre em terceira pessoa. Mas o lugar de sujeito enunciado na enunciação materna sofre alterações radicais diante da tomada de posição por parte da criança que, a partir do movimento de ocupação enunciativa, passa a se deslocar para um outro lugar: o sujeito (se) enuncia com marcas dêiticas de primeira pessoa.

Do ponto de vista da fala da criança, é possível perceber as implicações que a fala materna traz ao modo com que o sujeito se representa na enunciação: a criança/sujeito oscila entre o uso de marcas lingüísticas de primeira, segunda e de terceira pessoa (muito embora, nestes dois últimos casos, a referência seja de primeira pessoa) para se propor como sujeito.

Desse modo, para compreender o fenômeno da constituição subjetiva da criança na linguagem não podemos tomar sua fala dissociada da fala materna, como também não devemos ignorar as singularidades do processo de instauração subjetiva que sua fala faz supor. Seja por qualquer ângulo que decidamos observar, que do ponto de vista da fala materna (onde o sujeito é enunciado), quer do ponto de vista da fala da criança (que revela a relação entre esta e a fala da mãe), o fenômeno da constituição do sujeito ocorre no processo de enunciação e é nesse processo que precisa ser considerado.

Como tentamos destacar, para se propor como sujeito no uso dos índices subjetivos, a criança precisa se deslocar e se relocalar na enunciação. Tal deslocamento é imprescindível à constituição do sujeito, pois permite ao *infans* não apenas desenvolver referência com relação ao ambiente e à situação enunciativa, mas também e principalmente construir o seu próprio ponto de vista levando em conta o olhar do outro, posicionar-se em relação a ele, lidando, deste modo, com a intersubjetividade, que é condicional à comunicação lingüística e às interações discursivas. Assim, o **eu** e o **outro** se imbricam no processo de constituição de subjetividade, em uma relação dialética e necessária à aquisição da linguagem e, nas palavras de Benveniste (1988, p. 286), “é na e pela linguagem que o indivíduo se constitui como sujeito”. É, portanto, o movimento de enunciação que recria indefinidamente o sujeito (Cf. BENVENISTE, 1988, p. 285), que para se instaurar precisa de um lugar para si no discurso.

REFERÊNCIAS

- APOTHÉLOZ, D. (2003). Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M. M., RODIGUES, B. B. e CIULLA, A. (orgs.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto.
- ALTHUSSER, L. P. 1998. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal.
- ARNAULD, A. e LANCELOT, C. (1960/1992). *Gramática de Port-Royal*. Tradução de BASSETTO, B. e MURACHCO, H. São Paulo: Martins Fontes.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. (1998). *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Trad. de PFEIFFER, C.R. e outros. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP.
- BARTHES, R. (1984). *O rumor da língua*. Lisboa: Edições 70.
- BENVENISTE, E. (1956/1988). *Problemas de Lingüística Geral I*. 2. Ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas.
- _____, E. (1974/1989). *Problemas de Lingüística Geral II*. 2. Ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas.
- BRANDÃO, H. Da língua ao discurso, do homogêneo ao heterogêneo. In: BRAIT, B. (Org.) *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. São Paulo: Pontes.
- BRUNER, J. S. (1975). The ontogenesis of speech acts. *Journal Child Language*.
- _____. (1983). *Childs Talk*. Oxford University Press.
- CASTRO, M. F. P. de. (1997). Sobre a interpretação e os efeitos da fala da criança. *Revista Letras de Hoje*, vol. 33. Porto Alegre, RS.
- CAVALCANTE, M. C. B. (1994). *O gesto de apontar como processo de co-construção na interação mãe-criança*. Dissertação inédita. UFPE.
- _____, M. C. B. (1999). *Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê*. Tese de Doutorado. IEL/UNICAMP.
- _____, M. C. B. (2002). A referenciação na dialogia mãe-bebê. *Revista Investigações: Lingüística e Teoria Literária*. Recife: Editora da UFPE.
- _____, M. C. B. (2005). *A Gênese da Referência III (GERE III): a construção dialógica da dêixis pessoal e espacial (discursiva) na aquisição da linguagem*. Relatório científico apresentado ao CNPq. João Pessoa: UFPB.
- _____, M. C. B. (2006). *A Gênese da Referência IV (GERE IV): a construção dialógica da dêixis pessoal e espacial (discursiva) na aquisição da linguagem*. Relatório científico apresentado ao CNPq. João Pessoa: UFPB.

- CERVONI, J. (1989). *A Enunciação*. Trad. de SANTOS, L. Garcia. São Paulo: Editora Ática.
- CHOMSKY, A. N. (1965). *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- _____. (1977). *Reflexões Sobre a Linguagem*. Trad. Isabel Gonçalves. Lisboa: Edições 70.
- _____. (1995). *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- _____. (1997). New Horizons in the Study of Language. *D.E.L.T.A.*, **13**. Edição Especial: Chomsky no Brasil: 1-20.
- CLARK, E. (1978). *From Gesture to Word: on the natural history of deixis in language acquisition*. Oxford: Clarendon Press.
- DEL RÉ, Alessandra (Org.). (2006). *Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística*. São Paulo: Contexto.
- FEHR, Johannes. (2000) *Saussure entre linguistique et sémiologie*. Paris: PUF.
- FILLMORE, C. (1975). *Santa Cruz Lectures on Deixis*. Bloomington: Indiana University Linguistic Club.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação – as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.
- FLORES, Valdir do Nascimento. (2001). Princípios para definição do objeto da lingüística da enunciação. In. : BARBISAN, Leci & FLORES, V. (Orgs.). *Estudos sobre enunciação, texto e discurso*. Revista Letras Hoje. Porto Alegre: EDIPURS.
- _____, Valdir do Nascimento e TEIXEIRA, Marlene. (2005). *Introdução à Lingüística da Enunciação*. São Paulo: Contexto.
- _____, V. do Nascimento et al. (2008). *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto.
- _____, V. do Nascimento; BARBISAN, Leci B.; FINATTO, Maria José B.; TEIXEIRA, Marlene. (2009). *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto.
- GODEL, Robert (1969). *Les sources manuscrites du cours de linguistique générale de F. de Saussure*. 2ª ed. Genebra: Librairie Droz S. A.
- HANKS, William F. (2008). *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. Organização de BENTES, A. Cristina; REZENDE, Renato e MACHADO, M. Antônio. São Paulo: Cortez.

- HEINE, L. M. B. (2008). Reflexões sobre o sujeito social e o sujeito ideológico. In: BARROS, Kazue Saito M. de. (org.) *Revista Investigações*. Vol. 21, nº 02. Recife: Editora da UFPE.
- HENRY, P. (1992). *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Tradução de CASTRO, M. Fausta P. São Paulo: Editora da UNICAMP.
- JAKOBSON, R. (1984). *Ensayos de Lingüística Geral*. Barcelona: Editorial Ariel.
- _____, R. (1985) *Lingüística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix.
- LACAN, Jacques. (1975-1976/2005). *Le séminaire livre XXIII, Le sinthome*. Paris: Éditions du Seuil.
- _____, J. (1998). “A instância da letra no inconsciente”. In: *Escritos*. Trad. bras. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- LAHUD, M. (1979). *A Propósito da Noção de Dêixis*. São Paulo: Ática.
- LEVINSON, Stephen C. (2007). *Pragmática*. Trad. de BORGES, L. e MARI, A. São Paulo: Martins Fontes.
- LIER-DE-VITTO, M. F. & CARVALHO, Glória Maria. (2008). O interacionismo: uma teorização sobre a aquisição da linguagem. In: FINGER, I. e QUADROS, Ronice Muller de (Orgs.) . *Teorias de aquisição da linguagem*. 1. ed. Florianópolis: Editora da UFSC.
- LOPES, Célia R. dos Santos. (1998). *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. In: *Revista Delta*. Vol. 14, nº 02. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica.
- LYONS, J. (1977). *Semantics 1 e 2*. Cambridge: University Press.
- MARCUSCHI, L. A. (1997). A dêixis discursiva como estratégia de monitoração cognitiva. In: KOCH, I. G. V. e BARROS, K. S. M. *Tópicos em Lingüística de texto e análise da conversação*. Natal: EDUFRN.
- NORMAND, C. (1996). Os termos da enunciação em Benveniste. In: OLIVEIRA, S. L.; PARLATO, E. M.; RABELLO, S. (Orgs.). *O falar da linguagem*. São Paulo: Lovise.
- PARRET, H. (1988). *Enunciação e Pragmática*. Trad. de ORLANDI, Eni P. et al. São Paulo: Editora da UNICAMP.
- PÊCHEUX, Michel. (1988) *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: UNICAMP. (trad. de Les vérités de la Palice, 1975).
- PEIRCE, C. S. (1975). *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva.

- POSSENTI, Sírío. (2001). O que significa “o sentido depende a enunciação”? In: BRAIT, B. (Org.) *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. São Paulo: Pontes.
- _____. (2003). Dez observações sobre a questão do sujeito. In: BONINI, A. (org.). *Linguagem em (Dis)curso, Tubarão*, v. 3, Número Especial, p. 27-35.
- RIBEIRO, Maria das G. C. (2004). Sobre as noções de sujeito e de sentido na linguagem. In: CAVALCANTE, Marianne C. B. e FARIA, Maria Evangelina B. de. *DLCV: Língua, lingüística e literatura*. João Pessoa: Idéia. Vol. I, nº. 1.
- SAUSSURE, Ferdinand. (1916/2006). *Curso de Lingüística Geral*. Trad. Bras. Antônio Chelini et al. 25^a Ed. São Paulo: Cultrix.
- SILVA, Carmem L. da Costa. (2004). A fala da criança sob um olhar enunciativo. In.: FLORES, V. ; BARBISAN, Leci B. ; TEIXEIRA, Marlene. (Orgs.) *Letras de Hoje*. nº 138. Porto Alegre, EDIPUCRS.
- _____, Carmem L. da Costa. (2007). *A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem*. Porto Alegre: UFRGS. Tese de doutorado.
- _____, Carmem L. da Costa. (2009). *A criança na Linguagem: enunciação e aquisição*. Campinas, SP: Pontes Editores.
- TEIXEIRA, Marlene. (2000). *Análise de Discurso e Psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- TITONE, Renzo. (1983). *Psicolingüística aplicada: introdução à didática das línguas*. Trad. De Aurora F. Bernardini. São Paulo: Summus.
- WALES, R. (1979) Deixis. In: FLETCHER, P. e GERMAN, M. (orgs.) *Language Acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press.

CONTEXTO: Mãe e criança estão fazendo desenhos e colagens, sentadas no chão do quarto.

MÃE

BEBÊ

olhar		gesto	FALA/PROSÓDIA	FALA/PROSÓDIA	Gesto	olhar	
obj	bb					obj	mm
			tem uma kâmera iguau a essa a xuxa? // <i>(A mãe corta papel fora do foco da câmera. conversa com a criança e com a câmera)</i>				X
				// kamera xuxa // <i>(balança o braço esquerdo perto do rosto. Alterna olhar entre a câmera e a mãe)</i>			
			ela axou interessanti u kabelu da xuxa //	<i>(a criança brinca com um tubo de cola)</i>		X	X
				é// kabelu // <i>(alterna olhar entre câmera e o objeto. Bate com o objeto no chão)</i>		X	X
			dis pra patrícia u ki vose ganhô //				
				ó u buneku aki <i>(aponta para o palhaço de papel)</i> // palasu // <i>(olha para a câmera)</i>	↑		
X			u palhasu // kuantus pexis papai botou aí dentru //				
				// dois // <i>(olha para a câmera)</i>			
			dois? // um pra mamãe i otru pra alini //	// mamai //			
				é // <i>(Põe cola num pedaço de papel)</i>			
X		↑	aki ó nu olhu <i>(aponta para o pedaço de papel)</i> // nu olhu // u branku // <i>(a mãe pega a cola da criança e abre a tampa)</i>	<i>(a criança balança o corpo e olha para a câmera)</i>			
X	X	↑	ta grudadu deixovê // pruntu <i>(Passa cola no pedaço de papel)</i> // um: // bota lá nu olhinhu // olhinhu branku // issu / ondi é u olhinhu du palhasu? // [corte]				
				a'i // <i>(aponta para o palhaço)</i> // é em todú kantu // <i>(balança o papel a direção do palhaço)</i>	↑	X	X
				// ai naum ai naum ai naum // <i>(balança a mão e a cabeça negativamente)</i>	↑		X

			é naum // ké naum? // u olhu é pretu // naum ké botá u olhu branku nu palhasu assim ó // vê // vô coloká pra vose vê//				X
			ó vê // vai fiká bunitu // olha lá// (Cola o pedaço de papel no boneco e mostra pra criança)				X
				(Levanta e vai colar o papel no boneco)			
			tudo bem // tá bunitu //				
				ta veu // ta veu aí //	↑	X	X
			vamu vê agora // ké botá // ké botá // (toca no boneco preso na parede) ké fazê a bermuda? //	// té ota tolá //			X
			vamu fazê uma bermuda pru palhasu né? // uma di bolinha // uma cauça xeia di bolinhas fika melhó // (começa a cortar papel vermelho. Toca o telefone)	(Boceja e olha pra câmera e para a mãe)			X
			dexa a mamãi atendê u telefoni //essa tizora aki // ela ainda naum sabi mexê naum //				
			alô// na: // [inc]// issu // sertu (p 16") // tá // xau //	// nena: //			
			[Nena] oi meu amô //				
				// ó kokoló aki // (passa a mão nos papéis picados)	↑	X	
			to vendu// tais kolandu é? (barulho alto)		↑	X	
X	X		olha // (Traz uma caixa e lápis de cor) // u da xuxa tá bem koloridu ó // faz? //				X
X			faz vô fazê um bem koloridu // vamú fazê bolinha né ? // mamãi dissi di bola // (Pega a tesoura e começa a cortar papel) vose kola as bolinha //			X	X
				// bolinha// bolinha // (Fala incompreensível)			

X		↑	diz a patricia ki ora vose akordô oji // (p 7")			
X		↑		u meu u meu // u meu ai // akoda // foi // foi// dumiu // (olhando para a câmera)		
	X	↑	vose durmiu e akordô sedu num foi? //			X
				fo:i //		
	X	↑	(Entrega a criança uma bolinha de papel) tomi // boti a bolinha na cauça du palhasu //		↑	X
			[Nena] kuandu ela akordô // foi taum ingrassadu // mamãi chegô //	(Levanta com o papel na mão. Observa Nena, que conversa com a mãe)		
			ontem ela naum foi pru koléguiu //	// é meu // (estica o braço para pegar o objeto)	↑	X
			[Nena] tomi princeza // eu já lavei pra vose // nena já lavo // deixo tudu limpinhu // (entrega um copo à criança)			
				(A criança entrega o objeto à mãe)	↑	X
X	X	↑	possu botá na meza ? // possu botá na meza ? / na kaussa // xeia di bola //			
			/kadê a bola? //	aki //		
			num vai botá na kaussa naum ?//	//kaussa//		
			[Nena] eu to butanu aki na geladera ó // aki ó //			
	X	↑	na kaussa // ó // (Cola uma bola vermelha no palhaço)	(A criança presta atenção no que a mãe faz. Depois levanta e cola outro papel)		
			[Nena] eliomá // pra kê issu aki? (Nena está fora do foco da câmera)		↑	X
			é pra botá asúka	(A criança mexe no palhaço enquanto a mãe e a empregada interagem)	↑	X
			[Nena] vose naum uza naum?		↑	X

			é pra kuandu xegá vizita //		↑	X	
			[Nena] i é ? // ki xiki //	// oia: //	↑	X	
X	↑	(Cortando papel) ingrassadu patrícia é ela fazendu a koriografia da xuxa // e ela kanta // [inc]	(Derruba o palhaço da parede. Olha para a câmera.)				
X		[câmera] ó u palhasu // ei: ta: //				X	
X	↑	vamu botá u palhasu nu lugá? // (a mãe arruma o palhaço na parede)	// eita: //			X	
X	↑	tá aki// kadê a outra bola? //	//pailasu //			X	
X	↑		// essi tá // (Bate com os braços nos quadris. Observa a mãe colando papel)	↑			X
		[Nena] dona socorru dissi ki era pra levá issu aki dela // vissi eliomá, ó // ela ligô onti kerendu issu aki // [inc]	(Começa a andar pela sala, batendo os braços nos quadris)	↑			
			[inc] // papéu ikuru papéu ikuru // (Balançando um rolinho de papel azul em frente à câmera.)	↑			
		kual é a kô du papéu //		↑			X
			amalela na:: m //	↑		X	
		não?! //					
			védi // (Abrindo o rolinho de papel)	↑		X	
		Verdi // óia //					
			// oia // (Balançando a folha aberta)	↑		X	
X	↑	(segurando a ponta da folha que está coma criança) // ki kô é essa aki // issu aki [inc] precisa prokurá um // ki kô é essa daki? //essi aki num é u azu:? //	(Criança está fora do foco)				
X	↑	u azu: (estende o papel no chão) // vamú vê u verdi // ó u verdi ali ó // (aponta)	(alterna o olhar entre a mãe e o objeto mostrado)			X	X
			// vedi // (Girando o corpo)				
		//issu //					

	X	↑	essi é? // Essi aki é? // (Batendo com as mãos no papel)	(A criança pisa no papel)			
				//pape //		X	
	X		a-zu: // azu: // [corte]				
				// amarelu //			
				// kolaki //			
	X		prontu // vai kolá aki? // vai estragá essa folha //				
				eu naum // vai naum // vai // vai naum // (Balança a cabeça negativamente)	↑	X	
	X	↑	i essa aki // (Mostra o rolo de papel vermelho) ki kô é essa? //	// amare // koi kô // (Pega no papel mas depois devolve à mãe)		X	X
			vamus vê as koris da xuxa pra vose vê komu ela insina direitinho as koris //				
			(Levanta-se e recolhe a caixa de lápis)	aka aki // (aponta para a caixa de lápis no chão)	↑	X	
			pra vose vê // é a maió graça // deixa botá aki // (Liga a TV e põe o vídeo da Xuxa) [corte]	(a criança gesticula e anda sobre o papel azul forrado no chão. Alterna o olhar para mãe)	↑		X
			kadê u amarelu? //	(A criança aponta para a TV)			
			u amarelu da xuxa kuau é? //				
				// tá aí dentu // (aponta para a TV)			
	X	↑	tá aki dentru da televisaum? // (a mãe também aponta para a TV)	// é:: // (olha para a câmera)			
			e aki? // num tem amarelu naum? // (apanha um pedaço de papel do chão)				
				// amarelu// ó u amarelu // (aponta para a TV e olha para a câmera)	↑	X	
X		↑	// ver-me-lhu // (a mãe pega outro papel no canto da sala e mostra para a criança) //	(Observa as ações da mãe)			X

X		↑	ó aki ó u ver // vermelhu //				X
X		↑	aki é u vermelhu // tapeti vermelhu // (Forra o papel no chão)				X
				é védi // amalelu // [inc] //			
X		↑	vô aumentá um poku // (p 8") [corte]			X	
			gosta di pretu? // ela gosta também du pretu // essi aki é u pretu? // (mostra o papel à criança)				
				// é u pretu //		X	
			essi aki é u pretu // (p 5")				
			essa fita taum linda //	[ruído] (A criança aponta para a TV)			X
	X		u ki ela tá fazendu ? //	// é:: // (Gira o pé no chão, senta e levanta rapidamente)	↑		
			(A mãe está fora do foco) é u relógiu // (p 18") faz a ginastika da xuxa // (p 8")	(A criança presta atenção à TV)		X	
			(A mãe está fora do foco)	// lo: bu: // (aponta para TV e olha para câmera)	↑		
				// lobu //			X
			tem lobo? //				
				é // u gatu // éu éu éu éu // sapu		X	
			é u sapu // (p 20")	(Começa a dançar imitando a coreografia da TV. Alterna o olhar para câmera)	↑	X	
			depois ela vai mostrá komu ela brinka patrícia //				
			[câmera] (sorri)				
			(p 1' 40" - a mãe sai da sala e a criança canta e dança tentando acompanhar o vídeo. Se ouve, ao longe que a mãe e a empregada conversam baixo.)	(Enquanto dança , tenta reproduzir trechos da música. Percebe-se que a criança muitas	↑		

				vezes apenas gesticula com o lábio, sem emitir som)		X	
			(toca o telefone) Oi // (conversa baixa) // (p 40")	(a criança dança acompanhando o vídeo)	↑	X	
			[corte] kadê seu mikrofoni ? // kadê? // seu mikrofoni ? // (A mãe procura numa caixa de brinquedos)	(observa a ação da mãe. Continua dançando) [~ 3' 40"]	↑	X	

DÍADE: (Aline)

IDADE:

SESSÃO: 02 (fita 2)

Transcrição: Eliana Souza Bezerra

CONTEXTO: Mãe e criança estão sentadas no chão e fazem pinturas sobre uma mesinha cheia de papéis, lápis de colorir e materiais para colagem.

MÃE**BEBÊ**

Olhar		Gesto	FALA/PROSÓDIA	FALA/PROSÓDIA	Gesto	Olhar	
obj.	bb					Obj	m a
				(A criança mexe nos papéis da mesa)	↑	X	
X		↑	uki é issu aki? // mostra pra patrícia // u ki é issu? // aki? //	(Suspende o papel. Alterna o olhar para a câmera e a mãe)	↑		X
			a// tá limpanu // sertu //				
			mostra pra patrícia //	(aponta para o desenho na folha) // fea ua //	↑		
			tá feia? // purkê ela tá feia? // [câmera] eita: //	(põe o papel na frente da câmera)	↑		
				// tá feia //	↑		
			[câmera] tá feia ? // purkê a buneka tá feia?	é ati ó // ta vonã // ta feia ta vonã // (Alterna o olhar entre objeto e a câmera)	↑	X	
			(Mãe está fora do foco da câmera) tem ki pintá né pra fiká bunita //	(Anda pela sala com o desenho na mão)			X
			ké pintá [inc] //	kafé // kafé //			
	X		ké passá kafé? //				
X	X	↑	venha// boti aki // (aponta para a mesa) aki tem kafé ainda// a kola// passi a kola // (Oferece a cola para a criança)	(aproxima-se da mãe)		X	X
X	X		tu vai botá aonde // nu kabelu ? //				
				// é // (Passando a cola no papel)	↑	X	
	X		i é aí u kabelu?//				
	X			// naum // (tom baixo)	↑	X	
	X		naum // eita // (tom baixo)		↑	X	

				(Sorri para a câmera. Aperta o tubo de cola.) // mu: //	↑	X	
X		↑	eu também axu ki tem muito // tá bom // purkê sinaum vai akabá // (tira a cola da criança)				
				// otxa // (Observa a cola no papel e ri alto)		X	
			u ki é ki tu vai botá nu olhu dela? // vai botá fejaum?//	[inc] //			
X	X	↑	fejaum // boti fejaum // (Entrega grãos de feijão)	fejaum // fejaum//			
	X		vai sê // num vai sê fejaum // vai sê u kê? //		↑	X	
				// é: // (Pega outra folha com pó de café)	↑	X	
			kafé? //				
			[câmera] eita:	// é://			
	X		ai kolô em sima // (sorri) [câmera] (sorri) // ela istá kum atrasaum fatau pelu kafé //	(põe uma folha por cima da outra)	↑	X	
	X	↑	ó // bru:: // (Descola as folhas) tá bom // faz assim ó// deixa eu lhi dá na sua maum // abri a maum // prontu // tomi um pokinhu di kafé // boti nu olhu dela // (põe um pouco de pó na mão da criança)	(estende a mão. Coloca o pó na folha.)	↑	X	
			(Para a câmera) // issu é u xeru né?//				
			[câmera] é // u xeru atrai //				
				// é um xeru ki kafé //			
	X	↑	tá aki mais kafé // pron:tu // i agora kum a kulhé // tomi // pra podê passá (entrega uma colher a criança)	(a criança passa a colher sobre o café)	↑	X	
X		↑	i:ssu // vai fiká bunitu // ei: // deixavê // u ki mais ki a jenti tem pra fazê aki? // vamú fazê essa kazinha// olha// dessa kô // enkuantu essi séka // né // (Recolhe as folhas e a colher. Limpa as mãos)	(sacode as mãos, tirando o pó)	↑		X
X	X	↑	aki // kum palitu // dexe essi seká né//			X	
X	X			// é // (Entrega as folhas à mãe)	↑		X

X	X	↑	pron: tu // ó //			
	X			// ó otu // (Mostra outras folhas que ficaram sobre a mesa)	↑	X
X	X	↑	aki u palitu (Aponta) // boto a kola aki // possu botá a kola aki? // (aponta para o fundo de um copo)	(a criança manuseia os palitos da mesa)		
X		↑	aí sê passa i // né // (aponta várias vezes para a folha)	(A criança segura o copo com cola enquanto a mãe explica como colar)		X X
X		↑	prontu prontu // vamu lá // fassa assim ó// ó assim // (Passa o palito na cola e põe sobre o papel) aí ó oa // a kazineha // i:ssu // vamu // lá //	(a criança repete o gesto da mãe e põe o palito na folha)	↑	X
	X		issu ai é u kê? //	(passa o palito em outra folha. O copinho com cola cai sobre a mesa)	↑	X
X		↑	ou: // kuasi // kuasi // (Apanha rápido o copo)			
				//kuasi kai //		X
	X		u ki é ki tinha nu coléguiu onti alini? //			
	X			// tinha maxinha// axen // maxinha // baté// á: // (Esfrega as duas mãos. Olha para o chão. depois dá tapas no ar)	↑	X
	X	↑	// tu tava fazendu assim era// kum a massinha era // na meza? // (imita o gesto da criança em dar tapas no ar)		↑	
				// é: //	↑	
	X		//i u ki é? // ki bixu vosê fez kum a massinha //			
				// fi ua koba // e pasainhu // i koba // fi: //		
			// feiz passarinhhu // kobra // kê mais? //			
				// é: //		
	X	↑	// bolinha? // (Gira uma mão sobre a outra)			

				// bolinha // (imita o gesto da mãe)	↑		
			á: //	// u lapix tá lá // (Pega o estojo com lápis)	↑	X	
	X		lápiz // vai pintá agora // vamu limpá entaum aki? // ké tirá essa bagunsa? //			X	
				// ké //			
			ké? // vô pegá um sakinhú prajenti limpá // (a mãe sai)				
				(Derruba o estojo na mesa) // eita // ei ta: //		X	
			prontu // vosê mi ajuda alimpá a meza? // ké ki cê vaki botá nu lixu? //				
				// nu lixu? //			
X		↑	é u kê // é lixu aí// (Aponta para a mesa)			X	
				(a criança põe os palitos no saco de lixo)	↑	X	
			um palitu? // você num vai mais uzá u palitu //				
				// naum // (Alterna o olhar para câmera)		X	
			naum! // issu aki podi jogá fora? // kê mais? //	(a criança suspende um bloco de papéis)	↑	X	
			tudu issu aki também? // issu aki num é lixu naum// issu aki tá bom // essi?// vai jogá essi? //				
				(a criança folheia o bloco de páginas)	↑	X	
X		↑	á: // olha u ki é issu? // (Aponta para a folha)				
				eita:: //		X	
			an: ?// kem feiz issu // foi alini?//	/ /ximelu //		X	
X	X		olha ki bunitu u dezenhu // mostra pra mamãe// kem dezenhê? // kem feiz issu? // eita uma árvori // (p 16")	(A criança folheia o bloco de páginas)	↑	X	
	X			(Pega uma folha e tenta abrir o estojo de lápis)			
			(A mãe faz uma limpeza na sala)	(olha para a câmera) // mao// ma o//			

			ki bom // [pequeno corte]				
	X		u verdi // kadê u verdi?				
				// kaiê // (Procura o lápis no estojo)	↑	X	
			essi ursinhu é taum bonzinhu // né alini // guarda us lápis di alini // naum deixa os lápis pelu xaum// é uma confuzaum patrícia essis lápis nu xaum //				
			[câmera] é uma bagunsa né? //	(Olha para a câmera. Começa a rabiscar uma folha)	↑	X	
			é // ainda bem ki ela gostô di botá nu ursinhu//		↑	X	
X	X		é u ver: di //				
			[corte]				
	X	↑	(a mãe tenta tirar um pedaço de papel do braço da criança) koladu // tá koladu // purissu ki dueu //			X	X
		↑	vamu guardá us palitus dentru da kaxinha ó // na kaxinha // (Começa a guardar os palitos)			X	
X			bota aki dentru // essi ainda presta // botá pra lavá // guarda us palitinho //	(A criança sai andando pela sala com os pés juntos)			
	X		tu feiz xixi foi?//				
				// naum// (gesticula também com a cabeça)	↑		
		↑	naum // purkê tá andandu assim? //ah ki sena engra// ki sena gostosa // mostra pra patrícia kuau sandália mamãei komprô // kadê // a sandália// di alini // kadê alini // a sandalhinha // ai é tão linda // paresi uma japonezinha // kadê alini // (p) xeuolhá // deixa eu axá a sandalhinha di alini // (Procura a sandália pela sala)	(Pega uma boneca no canto da sala e vai em direção à câmera)		X	
			[câmera] ki bunekinho é essi? // bunitinho aí ?// eita: ki perna fina: //				

		(Mãe fora do foco) kem foi ki deu line essi palhasu?//			
			// é alini //		X
		// kem foi? //			
			// alini //		
		eu pensei ki ela tava andanu kum a sandália nakela ora // issu // vamú andá //			
		ô:: paresi uma japonezinha andanu // né alini?	(Começa a andar pela sala de sandália)		
		[falas misturadas inc]			
X		vai tumá banhu nu banheru // tomá banhu di xuvero // (Sai da sala)			
		[Nena] i aí? // komu é ki é? // vai fazê u aumosu? // [inc] // opa mi livre! da kuzinha oji //			
		[pequeno corte]			
			(olhando para a câmera) // tá aki ó duminu // (Mostra o boneco sobre a mesa)	↑	X
		a: alini // mostra aki pra patrícia // issu // u ki tevi oji nu kolégio ? // (Entrega um papel a criança)	(Anda pela sala de sandália)		X
			//kaxou: i i u gatu // (Balança o papel) é atu //		
		[câmera] kê kê issu? // [corte]	// é atu // é atu // (Mostra o desenho de um rato na folha)		X
X	↑	ké? // dexa eu pentiá aki u kabelu // (Passa escova nos cabelos da criança) você ké passia kum essa sandália ? // tem ki treiná bastanti ainda né? // tiri // podi tirá // ké tirá? // fikandanu //			X
X	X	possu guardá? // pra você? // já mostrô num foi? //	(Entrega a folha à mãe e vai na direção da câmera)		
		[corte]			

		(a mãe não está no foco da câmera) // dentinhu // tem ki isková u dentinhu //			
			// na:um // (balança a cabeça negativamente)	↑	X
		purkê naum? // pru denti fiká branku // xerozu // sem a iskova naum consegui //	//num titutui //		X
		[câmera] tem ki fiká u dente bunitu iguau a dona du denti // iguau a alini //	(Está sentada no chão.Olha para a câmera)		
			// na::um //		
		[câmera] // si:m // si naum isková u denti // ali vai fiká bunita du denti feiu é? //			
		patrícia isková // mamãi também //			
		[câmera] todú mundu iskova denti //	(Levanta e começa a andar pela sala. Olha para o chão.)		
		ké a iskova? //			
			// keru //		
		ké? // ké isková mesmu ? //			
			// keru //		
X	↑	ki bom ki // ó: // olha aki // pruntu // tomi // a iskova // (Dá a escova com creme dental para a criança) vá // vá // mostri pra patricia ki você sabi isková us dentis// ki ela vem ti fiumá todú sábadu // ké a água também // num copinhu //	(Senta novamente no chão, de frente para a câmera)		X
			// naum //		X
		naum // vai isková assim // pura // entaum iskova pra ela vê//			X
		os: dentinhu da frenti // us di trás ne? // vô vê a agua pra você (p 23”) //	(Passa a escova nos dentes. Sorri)	↑	
		aki u piupiu // vai ti ajudá a isková us dentis // toma // (entrega um copo com água)	(A criança bota a escova na água e depois na boca)	↑	X
		deixe ele bem: brankinhu //		↑	

				// teminei // (Entrega o copo e a escova à mãe)	↑		X
			jo:ia alini // terminô? // ainda bem // pelu menus tentô // issu é otimu // ai você vai falá pra patricia ki // ó // diz a ela ki agora você vai isková us dentis todus us				X
			dias //	// dia//			
			[câmera] pra fiká bunitona pra podê sê fiumada ?//				
				//é//			
			[câmera] é? // pra dá akeli sorrizu bem bunitaum //				
				(Mostra o sorriso para a câmera)			
			[câmera] um:: // ki branquinhu				
			// ela vai gostá //				X
			[câmera]lindu: iguau a alini //				
			tem tanta koiza nova pra vosê mostrá// kadê u pexi ki papai trosi // u pexi //				X
				//kauakau di kokasa //			X
			u papai num trosi um monti di pexi ? // ondi é ki eli butou us otrus? //				
			tá lá na sala? // vai mostrá pra patrícia //	// a: : // tá lá ekuatu // (Aponta para trás)	↑		X
			[corte]				
				(Saindo do quarto) // tá naum //			
			[câmera] tá naum? // i tá ondi ? //	(vai em direção à sala)			
				// Tai aki ó // (Olha para a câmera e aponta para o chão)	↑		
			[câmera] tá aí?//	(balança a cabeça positivamente. Olha para o chão)	↑		
			[câmera] u pexi tá atrás da porta?				

				// é :: //			
			(Mãe fora do foco) //i:: // essi pexi a jenti [inc] //				
				// é essi ki tá aki // (Aponta para o aquario)	↑	X	
			[câmera] aí // u ki é ki tem aí? // u pexi ki papai trosi é? //				
				// to::xi // (Balança a cabeça positivamente. Bate no aquario algumas vezes e depois pega uma cadeira e senta proximo a câmera)		X	
			[corte]				
			essa noiti // ela falô tantu // durmindu patrícia // [inc] // akordei várias vezis // oji / onti a noite // só ki essa semana das kriansas né? //	(A criança passeia pela sala com uma cesta com brinquedos)	↑		
			[câmera] tem muita atividadí né? // devi tê muita koiza nova // aí ela tá kurioza //	(Passeia pela sala com um brinquedo na mão)	↑	X	
				(Olha para o aquário e diz algo incompreensível. Anda pela sala.)		X	
			vô fazê suku // kem ké suku? //			X	
				e::u: // (Levanta a mão. Olha para câmera)	↑		
			oba: vô fazê suku //	// mainha vai fazê suku // (baixo)			
			[corte]				
			[inc]				
			[câmera] é é //	(A criança se deita sobre almofadas. Olha para a câmera)			
			alini você foi sabadu // pru xopin // kum kem// ein? //				
				(Olhando para o objeto na mão, diz algo incompreensível)		X	
			as prima num tava kum você naum? // ela foi brinká nakelis // ai foi a maió (risos) [ruído]	(Anda pela sala e deita-se de novo sobre as almofadas.)			

			u ki alini tá fazenu? //			
				// tô duminu //		X
			t á durmindu? // poxa // durmiu a té tardi oji i ainda tá kum sonu // (toca o telefone)			
				// oi // (corre em direção ao telefone)		X
			Vai atendê// você ké atendê u telefoni? //			
				// keru // (tenta subir no móvel)		X
			ké? // alô //naum // naum //			

DÍADE: (Aline)

IDADE:

SESSÃO: 03 (fita 03)

Transcrição: Eliana Souza Bezerra

CONTEXTO: A criança está em casa com a mãe. Elas conversam.

MÃE				BEBÊ			
Olhar		Gesto	FALA/PROSÓDIA	FALA/PROSODIA	gesto	Olhar	
obj	bb					obj	mm
			[câmera] [inc]	[A criança sorri em frente à câmera]			
			(Mãe está fora do foco da câmera) ó i oji // oji vose vai saí pra ondi ? //				
				// samara // (olha para os lados e depois para a câmera)			
			buská samara// cê gosta di samara // kem foi ki montô essa árvori //	(A criança vai em direção à árvore de Natal e mexe nos enfeites)	↑	X	
				// é alini //		X	X
			alini // é // alini // alini boto u kê na árvori ?//				
				// a// prezenti // (segurando o enfeite)	↑	X	
X			prezenti ? //				
			[pequeno corte]	// natau //			
X	X			(aponta para o alto da árvore e olha para a câmera)	↑	X	
X			ó u anjinhui di alini //i u papai noéu // tá ondi ? //				
				// tá aki ó // (aponta para o alto da árvore)	↑	X	
	X		tem papai noéu //vose num tiro o papai noéu naum? //				
	X			// tirô //			
	X		ti: rô: u papai noéu ? // i ondi vose butou u papai noéu? //				
	X			// aki ó // (aponta e segue na direção do aquário) // é kikô na á gua// (Põe a mão no rosto e olha para a mãe)	↑		X
	X		vose botô eli na água? // foi dá banhu in papai noéu ? //	(Sorri. Volta para junto da árvore)			X
X	X	↑	olha eli aki // nossa // papai / papai noéu tá todú molhadu // (Tira o enfeite da água e mostra à criança)			X	

			ke ki cê feiz kum eli agora ? //	// agora limpá: // (passa a mão na própria roupa)	↑		
X	X		// inxugá // agora vamu buská uma tualhinha pra inxugá u papai // deixou pegá aki a tualha //				
	X	↑	mostra pra patrícia // ki eu vô pegá sua tualhinha // (entrega o enfeite à criança e sai)	// óia // (Sorri. Balança o enfeite de frente para a câmera)			
			[câmera] saum lindus //	// tá moiladu //			
			[câmera] tá todú molhadu // tu vai inxugá eli pra botá aí? //	(Vai em direção à mae e estica o braço para enxugar o enfeite.)			
			inxugui u papai noéu// ea ké vê komu eli vai fiká // vai fiká dodói ? //				
				// fiká dodói: // (vai em direção à árvore)			
	X	↑	kadê u xápeu deli? // (Mostra o enfeite para a criança)				
	X			// xapéu // (anda até a árvore e mostra o lugar do chapéu) // aki //	↑	X	
X	X		xapéu //fikô u chapéu // olha patrícia u xapéu // tira u xapéu pra botá nu papai noéu // papai noéu tem xapéu // (tira o chapéu da árvore)			X	
				// tem chapé u: //		X	
			é lindu: //				
				// lindu é é u xapéu // [inc] (entrega o chapéu à mãe)	↑		
			vamu botá? // aki u papai noéu di xapéu // prontu: // bóti issu// e vai fiká aondi agora? //				
				// aki // (Coloca o enfeite na ponta da mesa)	↑		
			vai fiká aki? // num vai fiká na árvori naum? // vosê num ké botá na árvori ? // (p. 11")				

X			(mãe guarda os lápis da criança num estojo)	(Balança a cabeça positivamente e aponta para a árvore) // ké // (Tenta por o enfeite na árvore. Deixa o boneco na mesa e volta a tentar)	↑	X	
			(conversando com a câmera) eu vô pegá karona kum vosê também [câmera] unrum // a genti vai fiká nu transitu [inc] //	(observa o objeto) // kolokei // kolokei // (olha para a câmera)		X	
			[câmera] tu vai pra ondi agora depois daki? //	// kolokei // mãi // kolokei // mãi // mai //			
			(conversando com a câmera) vô pegá as meninas //	(devolve o enfeite á mãe e pega peças de encaixar)	↑	X	X
	X		[câmera] di ônibus? // á eu vô pru Pina depois daki //		↑	X	X
	X		(conversando com a câmera) á: // ki pena// naum vai dá //	// ki // di kaxá // (Tenta juntar as duas peças)		X	
			vamu // é di incaxá //diz a patrícia ki incaxa // alini gosta di brinká di incaxi //				
			é bom é // as koris né alini? // saum koloridas //	// óia // (Mostra para a câmera as peças encaixadas)	↑		
			[câmera] um: //				
			u kié issu aí //				
				// u xapéu //			
			um xapéu ? // faiz um: // buneku pra mim //				
				// aki // (Balança um bloco de peças)	↑	X	
X	X		u ki é issu ? //			X	
X	X			// iskada //		X	
X			uma iskada // um: // uma iskada kolorida (p. 7") vamú montá// u ki alini vai fazê? //primeru uma iskada // // possu fazê? //				

X	X		ó minha iskada // (a mãe brinca com a criança) // e a di alini? // kadê a di alini ? // um: // kuantus pininhos tem aki? // (Aponta para o bolco de encaixar)	(mexe nos blocos de montar)		X	
				(conta apontando para o bloco) // uma duas tleis katu sinku //	↑	X	
X	X	↑	sinku? //			X	
X				// é é: //			X
			komeça a kontá daki ó // daki // vê // konti daki // (Aponta)				
			um: //	(conta apontando para o bloco) // um: //	↑	X	
X			do:is //	// dois //			
				// teis // kuantu // sinku // i: //nóvi //			
	X		novi? // kadê u seis //				X
				// seix //			X
X	X		seis // vamu lá // seis// depois? //sé:ti // i u próximo? // kadê u proximo? // an: //	(Enquanto a mãe conta, a criança aponta para o bloco)	↑		
				(gesto de ombros e braços indicando que não sabe)			X
	X		(Imita o gesto da criança) vamu // vamu // vamu kontá kum a mamãe //				X
X	X	↑	eu kontu kum vosê ó // daki ó // um: // do:is // tre:is // kuantu // sinku // seis // séti //oitu // pecinha faltandu (encaixa mais uma peça) // nóvi e u? // deis //			X	
	X		agora é sua vez // vai // vamu kontá // komeça kum // um: //			X	
				// deis //		X	
X	X		deis? // vamu fazê assim ó ki é melho // vamu lá// um: // do:is // tre:is // kuantu // sinku // agora é alini // mistura// i alini konta//	(tenta sentar na mesa)		X	X
			vai sentá aí? // entaum vamu afastá pra ká pra pudê sentá na mesa // mais um: // aki // ké fiká: olhandu pra patrícia naum? //	(Senta de costas e vira o rosto)			X

X	X	↑	ké naum? // ó vamu kontá // u primeru fika aondi ? // um: // i kual é u númeru dessi? // (a mãe mostra com os dedos o número 2)	(A criança mexe nos blocos)		X	
X	X		ké kontá oji naum? // ké naum? // iguau a Xuxa? // a Xuxa konta? //				
	X			(Balança a cabeça positivamente)		X	
	X		(balança a cabeça negativamente) dá aki dá um beju // um beju beju // issu /				
				// ké kontá //			
	X		/ vai kontá //				
X	X		ké kontá ?// entaum vamu kontá // á: botandu dentru du baudi ó // vamu // kadê?/	(a criança recolhe algumas peças e coloca no balde)			
	X		um: dois quatro sinku seis séti oi: to nóvi // deis onzi dozi trezi // olha tem bastanti aki ó // tem mais um aki // prontu // ó aki seu relógiu //	(A criança põe as peças no balde enquanto a mãe conta. Sorri e olha para a câmera)		X	X
				// é ó // (segura a tampa do balde)			
X	X		ké tampá / tampo tampo // ó aki u numeru ó // tem um// vamu botá u um aki // bota u ponteru nu numeru um //	(A tampa do balde é um relógio. A criança começa a girar os ponteiros)	↑	X	
X	X		boti nu um // butô nu dois// aki u dois? // e o treis ta onde??		↑	X	
X					↑	X	
X		↑	aki // (aponta e fala baixo) // aki é u sinku // seis// séti //	// ê: // // ê: // ê: // (Acompanhando a contagem da mãe)		X	
X			u relógiu [inc] //			X	
X		↑	um // dois // treis // kuaru // bota u dedinhu aki ó // (aponta o lugar no relógio) // ai roda //			X	
	X	↑	num podi sê muito // é só u pokinhu // (Coloca o dedo e gira os ponteiros. Sorri para a criança) kadê u numeru um//	(A criança também gira os ponteiros)		X	X

X			aki u um //			X	
				(aponta no relógio)	↑	X	
			kadê u séti ?//	// séti ?// (aponta)	↑	X	
X		↑	ó u seis aki // (aponta) séti //			X	
				// um // (aponta)	↑	X	
			um//				
				// dois // (aponta)			
			// kadê u treis? // aki u treis //	(Enquanto a mãe conta a criança vai apontando os números no relógio)	↑	X	
			kuatru sinku seis séti oitu nóvi deis onzi dozi // aí é otru númeru //				
	X		issu// ké desenhá? //		↑		X
				// naum // (Olha para câmera. Gira os ponteiros do relógio)	↑		
			naum ? // ké naum? //				
				// ke a ka di samara // (levanta e vai em direção à árvore de Natal)	↑	X	
			ké a caza di Samara? // nós vamos pra kaza di samara //	// samara // (olha para a câmera)	↑		
	X		nós vamus // ó // diz pra tia patrícia ki vovó ké falá kum ela e tiu // tiu naum deu u recado num foi	(Mexce nos enfeites)		X	
			[câmera] titiu é um fuleru //	(olha para a câmera)		X	
			(A mãe está fora do foco) vamu ligá pra vovó vamú // (p 6")		↑	X	
			(A mãe está fora do foco)	// naum // (Olha para a câmera. Continua mexendo nos enfeites.)	↑	X	
			naum? // falá kum vovó oji / dá bomdia pra ela // vamú // (p. 8")				
				(a criança se abaixa e pega a sandália da mãe. Sorri para câmerra. Vai em direção à	↑	X	X

				mãe.)			
X	X		sandália di mamai // eu sei // eu vô botá // (Calça a sandália)				
			[câmera] ela ké ki tu si arrumi eliomá // ela tá aguniada //	(Põe as mãos nos quadris, impaciente)	↑		X
X			ai meu amô //			X	X
			[câmera] diga eu to ansio:za //				
X			prontu // ta bom assim? //				
				tá bom // agora vamu pro xopin // (olhando para a sandália nós pés da mãe)		X	
	X		pru xopin ? // oji nois naum vamus pru xopin// nois vamos para? //			X	
	X			// tá samara //		X	
	X		buská samara pra í pru teatru né//	(Estica os braços pedindo colo.)	↑		X
	X		vamu atendê u telefoni vamu ? // (a mãe desiste de pegar a criança e vai em direção ao telefone) devi sê tua vó // ou intaum samara ligandu // (atende o telefone) alô:// oi // sertu // (corte)	(A criança segue a mãe e fica junto a ela, proxima do telefone)			

DÍADE: (Aline)

IDADE:

SESSÃO: 04 (fita 04)

Transcrição: Eliana Souza Bezerra

CONTEXTO: Mãe e criança estão indo para área externa da casa brincar.

MÃE

BEBÊ

Olhar		Gesto	FALA/PROSÓDIA	FALA/PROSÓDIA	Gesto	Olhar	
obj	bb					obj	mm
			(A mãe abre a porta da área de serviço e sai com a criança) [pequeno corte]	// ó :// (olha para a câmera)			
			[câmera] uma galinha na pisina?//				
			(Mãe está fora do foco da câmera)	// galinha: // (sorri para a câmera e aponta para a parede)	↑		
			[câmera] ei:ta: // ki pisina chiki é essa? // kem ti deu alini? //				
			(Mãe está fora do foco da câmera)	// foi mamã // (Põe as mãos dentro da piscina)	↑	X	
			[câmera] foi mamã //				
			agora si dexá ela fika u dia todú aí dentru //	(Começa a tirar os brinquedos da piscina.)	↑	x	
				// inxeu foi // foi //	↑	X	
			issu // vai tiranu us brinkedu pra mamã // ajuda //				
				// eita // (Balança um brinquedo e se molha. Sorri para a câmera)	↑	X	
				//naum // naum//			
			tu ajuda naum? //	u ki u karru faiz // pega us binkedu di alini //			
			(p) u karru ? //mais u karru tá taum pertinhu ali?// aline ganhô bstanti presenti num é alini //	(bate com as mãos na borda da piscina)	↑	X	
				// xixi // (olhando para a câmera, aperta um brinquedo que espirra água)	↑	X	
			[câmera] xixi? [sorri] //		↑	X	
				// xixi // kokô //	↑	X	
				(coloca o brinquedo fora da piscina)			
			[câmera] ki bixinhu é essi? // dragaum é? //				

				// tem mais // (Se debruça sobre a piscina)	↑	X	
			(corte) [ruído alto]				
				(a criança pega um brinquedo da piscina) // tá xei di kadera //			
			tá xei di kadera dentru da pisina?// di kem é essas kaderas?				
				// kaô // (a criança se estica para pegar outro brinquedo dentro da piscina)	↑	X	
			// di kem? //eita // ainda vai akabá kaindu dentru da pisina // (sorri)				
			pessa ajuda // ou mamã // (pequeno corte)	// otu // (balança o brinquedo)	↑	X	
			[câmera] garantu ki ela axa muito mais ki vosê uma maravilha // (sorri)				
			i eu pensei ki fossi piken // kuandu eu // kuandu eu pedi pra jojinhu inxê // eu dissi meu deus// ondi é ki eu vô guardá issu? //	(enquanto a mãe conversa, a criança continua retirando os brinquedos da piscina)			
			[câmera] é isvaziá i dexá guardada//				
			alini gosta di nadá //				
				// gosta // mamã i papai também gosta //		X	
			é? // papai também tem ki entrá? //				X
	X			// papai // é gandi // (Joga o brinquedo no chão e olha para a câmera)	↑	X	
	X		papai é grandí? // kabi aí dentru? // (p 6")		↑	X	
				// kabi // eli kabi //	↑	X	
				// tiranu us brinkedu pukê [inc]			

		tem xuveru ai dentru? // ondi é ki alini vai guardá seus brinkedus? //			
			// na kaxa // di brinkedu //	↑	X
		na kaxa di binkedu? //			
			// ô u otu // pa num perdê (aponta para um brinquedo dentro da piscina, depois vai buscar)		
	X	prontu // bota aki dentru du pexi ó // ó issu aki? // mostra pra patricia kem é // (entrega uma boneca à criança)			
			// é u [inc] // //vai tumá banhu ó // (mergulha a boneca na piscina)	↑	X
	X	vai tomá banhu di [pisina] // dexe pra dá banhu nela amanhã kuandu vosê entrá // olha bota us brinkedus aki dentru // du pexi // (Coloca o brinquedo no canto.) vamu inxugá // vô pegá a tualha dela // aí a jenti seka // ai ai // vai akabá kaindu aí dentru (A mãe sai)			
			// pontu vai embora // (Joga a boneca na água. Sorri para a câmera)	↑	X
		[câmera] afogô a bonekinha né? //			
			(Olha para a câmera e observa a boneca na água. Balança a piscina com as pernas) // bonekinha: //	↑	X
		ó a tualha pra inxugá // (p) prontu // já tomô banhu i agora? // (a mãe volta, tira a boneca da água e entrega a toalha a criança)		↑	X
	X	agora vamú inxugá a kabesa // vamú levá ela // vamú levá ela pru sofá? // lá pra kama // komu a mamãe faiz kum alini? // vamú ? // [fala baixo] // xama patricia //	(A criança enxuga a boneca)	↑	X
X	X	// naum //	(a criança passa a toalha na água)		

			molhô a tualha alini // olha // i agora // vai inxugá a boneka kum kê? //	(Estende o braço pedindo a toalha. olha para a câmera)	↑	X	X
			(pega outra toalha) ó otru // vem agora eu dô aki //				
			[ruído forte] (corte)				
			(Mae e filha estão dentro de casa, sentadas numa rede. A mãe fala ligo incompreensível. Sorri.)	(A criança se levanta e fica na frente da câmera)			
			[câmera] [inc] galinha // vai tirá fotu //				
				(balança a cabeça positivamente)	↑		
	X		ali:ni // komu é ki foi u dia da paskua lá nu kolégriu? // tinha u kê? //				X
				(andando pela sala) // tinha ovu di paskua//			
			kê mais? //				
				tem kuelhinhu naum // tem //			
	X		tem kuelhinhu naum? //				
				// na:um//			X
X		↑	olha ki // (Vai buscar uma orelha de coelho) á eu axei taum lindu // mostra pra patricia u ki vosê aprendeu kum // kum a orelha di kuelhu ? // kuau a musikinhaki vosê kantô? // kuau foi? // (p 11") (Coloca a orelha de coelho na criança)	(Observa ação da mãe)			X
				(segurando as orelas de coelho) // di oius emelhu // di pelu bankinu // (continua cantarolando e dá três saltinhos) // um pulu pra fenti// eu pulu pa táis //		X	
	X		kuau foi a musikinha? // ein? // sê lembra da musika? // da senora//	(Para de cantarolar e vai na direção da bicicleta)		X	

				// a senora // kaská i tudu // (de frente para a câmera)			
			[câmera] ainda kantam a mesma musikinha da mesma épuka // (sorri)	(vai até a mãe, que ajeita a orelha)			X
			vai kantá pra patricia oví // [ruído e corte]				
			(Mãe está fora do foco)	// eu pulu pra fenti// eu pulu pa táis // eu pulu pra fenti// eu pulu pa táis //eu pulu pra fenti // (Rodando e segurando as orelhas de coelho) (Cantarola e gesticula para a mãe)	↑		X
			(p 16”) pra patricia // ela tá fumanu (p 17”)				
			i: iskeseu a músika? // essa músika mi lembra ela xegô aki kantandu essa músika// era toda ora essa músika //	(vai em direção a mãe)			
	X			(subindo na cama em que a mãe permanece sentada) // kantei //			X
	X		kantô //				
				// i agora mamãi //			
			i agora mamã ? // sabi ki eu iskesi a músika // eu keria ki tu mi insinassi a kantá a músika //	(Balança a cabeça positivamente)	↑		
				di olhus emelhus// di pelus pakinhus //			
	X		di pelu brankinhu //				
	X			// eu satu (cantarola)//			
	X		eu sô u kuelhinu // eu pulu pra frenti //	// eu sô um kuelhinu // (baixo) // eu pulu pra // fenti// eu pulu pa táis // eu pulu pra fenti// eu pulu pa táis // eu pulu pa fenti // (Desce da cama)			
	X		prontu // kantô a musikinha ? // i agora vai fazê u kê pra patricia oví // vamu guardá isu aki? //				

		(Tenta tirar as orelhas de coelho da criança)			
			// a nam //		
		gostô das ourea né? //			
			(Gesticula para a mãe ajeitar as orelhas de coelho) // eu keru //	↑	X
X		(p 6") tá bom assim? //	(Balança a cabeça positivamente)		
		eu vô fazê suku pra genti tá bom? //			
		fika konvesandu kum patricia //	// patícia ké suku? // (Fala para mãe)		X
		//pergunta si ela ké suku			
			(Olhando para a câmera) // patícia ké suku? //	X	
		[câmera] eu keru //			
		oba // u ke ki alini vai fazê? // kuidadu aí pra naum kaí viu ?// ó tu dissu ki ia istorá essi balaum // vê si consegui // (p 20")			X
		(Mãe está fora do foco)	// consegui // (vai até o balão e senta nele)		X
			// eu istôru // (tenta estourar e depois vai para câmera com o balão) // ba la:um //	X	
		[câmera] é: um balaum //			
		alini tu tem amigu lá nu koléguiu? //	//an? //		
			// amigu// tem amigu // na iskolinha // us kole guinhas // (andando pela sala)		
		[câmera] tem muita koleguinha é? //			
			// é // (olhando para a câmera)		

			[câmera] gostô tantu assim da iskola? [corte]			
				// é // (senta no chão)		
				// [inc] istudá // pá istudá // (monólogo da criança, relacionado à escola)		
			[corte]			
				// eu pulu pra frenti // (vai até a bicicleta, mexe e sai.) // eu pulu pra // fenti// eu pulu pa táis // (vai até a cozinha)	X	
			ó brinka kum as bunekas iguau komu vosê brinka nu koléguiu // komu é ki vosê faiz? // lá? // lá nu koléguiu? // vá lá //			X
				(olha para câmera e diz algo incompreensível)		
			(p 8") bota a buneka na mezinha// brinka kum as bunekas inkuantu mainha faiz u suku // kem é essi aí? // é fernandu? //			
				// fenandu //		
			i u brunu? //			
			num é brunu naum é vitô ugu é?//	//i bunu ?//		
				// vito iugu //		
			u nomi deli é vitô ugu patricia //			
			[câmera] (sorri)	(a criança tira a orelha e põe no chão)		
			[inc] u bebê ki mamãi inkomendô // kuau é u nomi ? // si fô menina a nenê? //	(Se joga sobre a rede)		
				// Alici //		
			i si fô menino? //			
				// iniu //		
			kuau? //			
				// iniu //		

			komu? // índiu? //			
				//é: //		
			num é airton naum? //			
				//aiton //		
			airton //			
				//aiton //		
			é ki papai du céu vai mandá i vai esperá né // pra sabê //eu fiz a utra i naum deu pra vê //	(Vai em direção à mãe, na cozinha)		X
			[câmera] mesmu? //			X
			mexeu as perninha //			X
			[câmera] axu ki tá muito sedu né?			X
			é // vo fazer //			
			(corte)			
				(Arrasta uma cadeira pela sala)	↑	
			u ki alini vai fazê ein? //			
				// é u pexi // (Sobe na cadeira para observar o aquário)		X
			issu pur animau é iguau a alixandri // adora um [inc] num é patricia? //			X
			[câmera] (Sorri)	// eita // (derruba um papel do móvel. Pendura uma caneta no pescoço)		X
			ó u akuariu //			X
			a genti põi só kumida nu akuariu // alini pega i bota tanta koiza nu akuariu //	// an ? // (Olha para a câmera)		X
			[câmera] (Sorri)			
				// ó u kokô deli // ali// u kokô deli // (olha para câmera e aponta)	↑	

			[câmera] é é // tô venu //			
				// ó u kokô deli // ó u kokô deli // kokô // só u kokô //		
				i santa maria // santa maria // komu é // [inc] // só u pexi di alini// u pexi di alini // nanava nanava // [inc] (gesticula)	↑	
			alini tá kontandu istória pru pexi? (baixo)			
				// eita // (monólogo da criança. Parece contar uma história e cantar. Começa a bater com o lápis no aparelho de som)	↑	
			alini // keim tava aki sabadu passadu? //	// an? //		X
			keim tava kum alini aki?			X
				// mila e a diana //		X
			// é // diana// riudu // marilha//			X
				// mailha //		X
			alini gostô? // da vizita? //			X
				// gostei //		X
			as mininas fikaram // as mininas de riudu saum uma grassa patricia //			X
			[câmera] nunca mais ki eu u vi//			
			tem uma di seis i outra di treis anos // (p) [ruído]	(Canta e dança em frente ao aquário. Alterna o olhar para a câmera)		X
			alini kadê papai? //			X
				// tá duminu //		X
			tá ondi? //			X
				// ta nu tabalo //		X
			trabalhu //			X

				// ta nu tabalo // (alto)		X	
			issu// i titiu //				
				titiu? //			
				// tá okanu di ôpa // (alto)			
			titiu ta trokandu di ropa // num tá lavandu u karru naum //			X	
			Essa semana alini feiz titiu dá kumida a ela pela primera veiz // eu keria tê vistu a sena //	(Canta e dança em frente ao aquário. Alterna o olhar para a câmera)		X	
			[câmera] i u ki é ki ela feiz? //				
			é: // di manhã a babá só xega séti meia né// [inc]	// an //			
			ele abriu a geladeira e naum tinha mamadera // só suku //	(A criança finge que está usando um telefone. alterna o olhar com a câmera)	↑	X	
			ela tumô u suku sozinha // aí na ora pediu danoni // ai eli pegô i foi kum u danoni i a kulhê// ai ela foi i dissi // naum //				
			// na boka // e la vai eli koitadu dá na boka pra ela // aí alixandri fika assim // eu num tenhu pasiênsia pra kriansa//				
					↑	X	
			[câmera] demo:ra né também?// [ruído alto]		↑	X	